

J O Ã O R I C O

FOGO NAS
CINZAS



1 9 3 1

L I S B O A



FOGO NAS CINZAS

Ao
Amigo
Fernando Peres,
como poeta de admi-
raçães pelo seu genio

DEDICATÓRIA

*Não ostentes penas ao vento,
queda-te com elas, que te
elevarão.*

*A Esse que todos nós sentimos, que só ve-
mos n'uma visão de transcendencia.*

A Esse que é o pão dos pobresinhos.

A Esse que dá sonho de alivio aos aflitos,

estas humdes palavras

JOÃO RICO.

Qualidades
de relevo indistinctas,
de seu talento
de escritor dos
primeiros do meu
nha geração,
sem aperturas
Abraço
João Rico

No
Munich
Germany
1870
The
Munich
Munich

Munich
Germany
1870
The
Munich
Munich

JOÃO RICO

FOGO NAS CINZAS



1931

IMPRENSA LUCAS & C.^a

59, Rua Diário de Notícias, 61

LISBOA

INTRODUÇÃO

Esta obra que vai gemer no prélo é uma novela simples : FOGO NAS CINZAS.

N'ela se contém as agruras que um sabio passou, a curiosidade d'um espirito d'artista, d'um poeta atravez um ligeiro percurso d'uma extravagancia excentrica : percorrer a aldeia.

Esse espirito poetico, Mario, que vive na alma de cada artista, quasi na alma de cada ser, esse espirito que todos nós conhecemos deu motivo a esta novela : FOGO NAS CINZAS.

Mario nol-a contou e nós ponto por ponto, virgula por virgula a exporemos.

N'ela se encontra a excentrica extravagancia, mas sempre abrangida pelo culto da verdade, embora d'alguns desconhecida.

— Haverá acaso alguma coincidencia ? — dizia Mario — mas a haver, posso garantir que os factos se passaram como está dito. —

Assim nós os vamos expôr ponto por ponto, virgula

por virgula, repetimos, talqualmente Mario nos apontou.

Estamos a ver o vate, já no dominio de si proprio, a dizer-nos:

— Contem esta viagem (viagem ? que digo eu !), este percurso misterioso na sua finalidade que me faltam alentos para a repetir e arrasam-se me os olhos de lágrimas, vulcanisa-se me o ser se recordo (oh ! quando me lembro !), se abraço o olhar sobre tudo isso . . . como que sinto o reino da Felicidade que no marasmo da vida se chama o reino da Duvida, o reino do Tormento, o reino da Impetuosidade, tudo dentro de mim. E não sei a que dar mais crédito : se ao reino d'essa Felicidade, ao reino d'esse Tormento, ao reino d'essa Duvida, ao reino d'essa Impetuosidade, se ao movimento informe da vida resplendendo a ansia lucrativa do ser. Por isso façam publica esta viagem, que eu não posso, faltam-me forças, não posso.

Interpretando a vontade de Mario, cujo animo lhe falta, combalido por um excesso de viver, vimos nós aviva-la aos novos, recordar com animo suave e cruel, desavindo e concordante, contente e descontente, natural e misterioso !

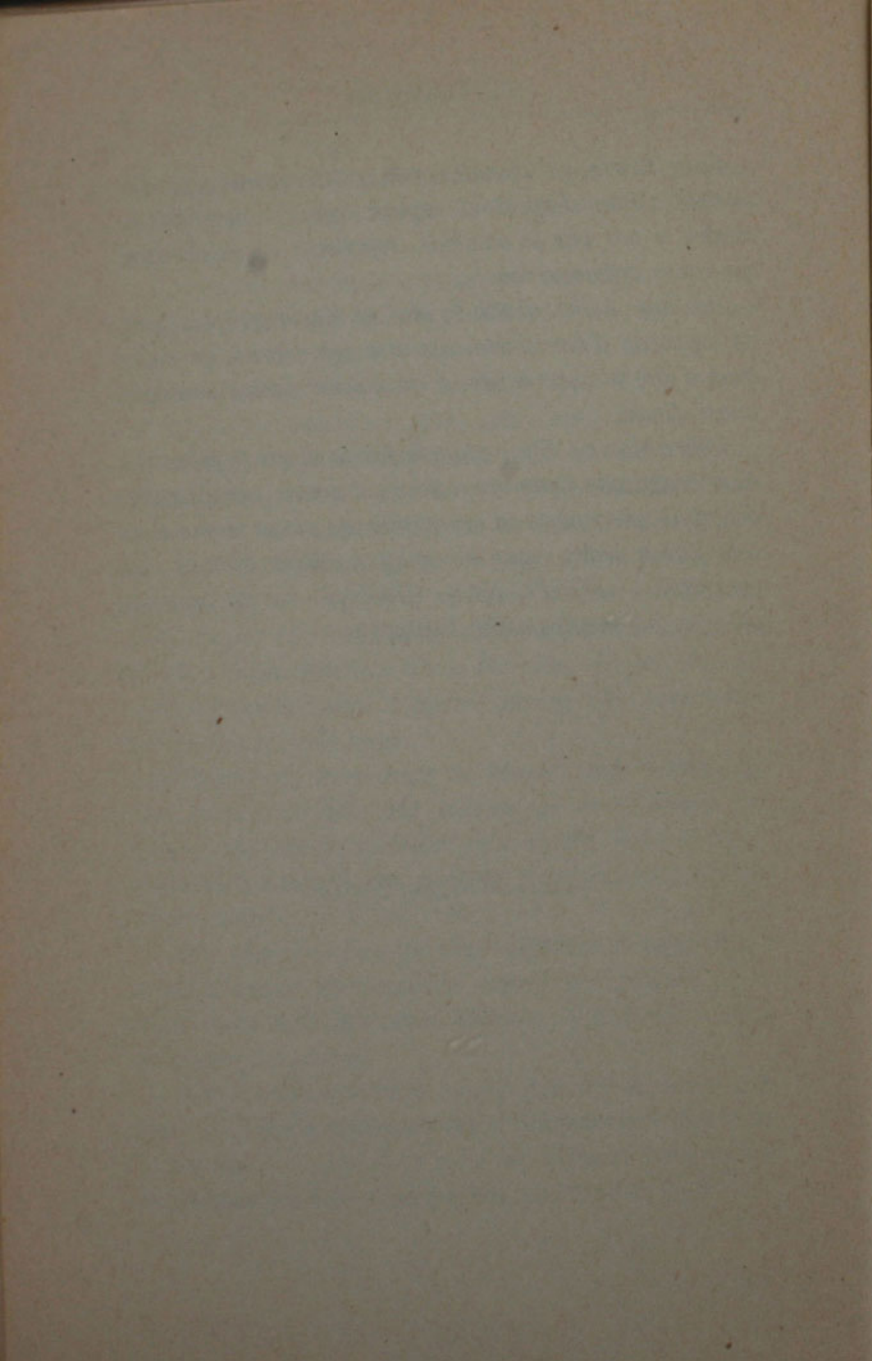
Pobre Mario ! como tu eras vigoroso e como se te arrasam agora os olhos de lágrimas, exausto, sem forças para narrares uma historia, sem alentos para explicares um porque.

Terias herdado acaso o poço fundo d'esse sabio que tanto em vida e mudança em ti influenciou ? Acaso te cavára ele, esse sabio, a cova do silencio, para te ter por companheiro na cova em que se sepultou ?

Fala Mario . . . Tu calas, não podes recordar, só nos abriste a boca d'apostolo ; agora segues o rumo áa tua mudez, e nós que te ouvimos, repetimos o que tão bem no nosso animo ecoou.

Por isso, leitor, ai vão os ecos de Mario, os queixumes, as agruras d'um poeta vigoroso em extasis, as melodias d'um ser que existe, e ao mesmo tempo emudece, quasi finda.

Pobre Mario ! E's o planeta frio com um fogo íntimo, és a brasa que esmorece a pouco e pouco, coraçãozinho acendido que apaga n'um casulo de cinza tenue, mais leve que a seda, e que no apagar ainda alumia esta escuridão — FOGO NAS CINZAS — e se prolonga em energia misticamente luminosa.



Um retrato

*Quê! Vivem só teus olhos, teu
corpo, teus costumes?!*

*A tua alma é que vive e lhes dá
vida: o Ser Invisível.*



Mario era um esbelto e louro rapaz. Nem as aguas de Hypocrene ou fonte d'Aganipe lhe dariam uma frescura tão viçosa. Os seus trinta anos contados não lhe modificavam o viço dos seus vinte, nem desta quadra lhe pareciam adeantar um só dia, tal o seu esplendor e rejuvenescimento! Vigoroso, são, corado, quasi alto, desembaraçado, bem que haja corpolencia, vestindo pelo ultimo grito da moda, mas um tanto despren-dido, porque por vezes se abandonava a si proprio, mas quando acordava do merencor, era vê-lo altivo, um obser-vador que se fingia despreocupado, e que via tudo em de redor. Era vê-lo nos bancos das escolas, tanto a esti-mular á revolta como a apaziguar os animos. Resoluto,

perspicaz, a tudo se atrevia, pois por vezes insultava e não admitia replica; mas quem o conhecia perdoava-lhe o impeto, que depois o teria como um cordeiro junto de si. Eram o sangue que lhe pulsava nas veias (sadio) e o coração que o acompanhava em observancia ao vislumbre dum espirito vivido.

Assim nas escolas, assim nas réplicas, nos ditames, nas polemicas literárias.

Mais ou menos estimulado pelos antigos mestres, afirmava com o vigor da experiencia, com a bondade de conhecedor. Tão estimado pelos mestres mais sapientes quão querido no seu mundo de galanteio! Sim, Mario era desejado e era um galanteador por excellencia. Mas tão de pronto lhe vinha uma galanteria como logo lhe sobrevinha um esquecimento.

A's vezes passava horas claras e noites sombrias retratando uma ou outra dama num enlevo comunicativo, uma ou outra dama porque de tempos a tempos substituia as figuras do seu sentir. Via sempre num sonho por um mago kaleidoscopio figuras que se sucediam; mas no fundo, os que bem o interpretavam como que lhe anteviam uma indecisa vontade de se fixar, de sentir, provavelmente a fixidez de ganhar tempo para a sua obra que desejava saisse proficua. Para tanto conseguir, obedecendo ao ritmo da luta pela vida, jamais olvidava o ser inspirativo, nunca deixava de cubiçar um remanso que lhe albergasse o infinito sentir.

Desse remanso daria vãos e tratos á imaginação para absorver todas as extravagancias do motivo de ser. Desse remanso ampliaria a visão e reviveria na sua obra.

Pois é nas escolas, na literatura e também na política que ele vibra, embora no fundo só viva na poesia, porque tem alma grande, uma alma muito grande e é sobretudo do belo que a alma se alimenta.

Quase erudito, pelo menos investigador, tem o condão de colher uma ideia e desenvolve-la com uma clareza e uma sublimidade que a amplia ininterruptamente.

Formado em filosofia, cuida mais da criação renovadora que papagueia-la, que ministra-la em ensino como pedagogo. Formou-se porque era hábito os jovens formarem-se e sem esse quesito não se completaria o galanteio. A formatura para êle nem lhe serve de título. E' excentrico, pois que sendo europeu pela comodidade de gosar dos rendimentos, parece americano na ideia, pois que proclama a profissão livre que não o diploma, pois que deprecia os povos cujos *Estados* conferem e garantem o pão perpetuo aos diplomados, embora esses individuos sejam inhabeis, sem avaliarem da liberdade de conquista.

No entanto o cabedal de conhecimentos por êle adquiridos, seria ingrato não confessar que em parte ao *Estado* devia, mas como tinha frequentado um instituto na Alemanha, uma instituição livre que lhe dava foros de engenheiro, dizia que se se applicasse a arte ou officio mais facilmente no mundo vasto triunfaria que com todos os diplomas passados pelo seu *Estado*, porque daquele modo estava mais preparado para a vida e ainda para um genio inventivo. Mas nem deste curso se serviu. E por quê? Porque Mario era rico. Herdeiro duma bela fortuna de seu pai, a qual lhe dava

abastados rendimentos, ainda tinha por companhia a velhinha mãe, que na excentricidade do filhinho — embora lhe custasse ás vezes lágrimas, — se revia. E Mario avolumava os carinhos de sua mãe com um rosario de lágrimas que ela, coitadita, de longe em longe vertia, porque o desejava sempre junto de si, e êle, movido por uma especial veneta, saltitava de terra em terra, impaciente, impetuoso, não descansava, não dormia, procurava novas sensações. Claro que uma mãe tomaria isso como agravo, mas em verdade nada isso pode supôr, porque Mario nos percursos invulgares não desprimorava em nada os bons filhos.

Conhecedor de varios países, habituado a viver longe do lar, batido pelas rápidas viagens d'hoje, com todas as comodidades, sim, mas muito rápidas, que lhe roubavam o espirito de concentração, achava que não alimentava a ideia, — tal como Socrates que para abran-ger o mundo nunca de Atenas saiu, — porque não tinha o repouso indispensavel para ser um observador, um criador.

A vida da nossa epoca dá fraco alimento á alma, porque é tão rápida que não dá tempo ao repouso, ao extase, e sem repouso e extase não se alimenta a alma, porque a não enche duma cogitação caldaica, que abrange os proprios ritmos dos astros e do invisivel.

Mario, cansado, regressou á sua patria e enfatuado de ter sempre o mesmo convivio, movido pela ansia de novas sensações, vamos encontrá-lo nesta fase a percorrer aldeias. Ele lá anda, como de costume, fóra do lar, encaminhando-se a uma aldeia, tendo já percor-

rido tantas, tantas a alimentarem o amago do seu espirito exotico, que se torna notavel por esses percursos invulgares.

Não tarda que saiamos ao encontro de Mario, mas primeiro vamos ver alguns detalhes que originaram este seu ultimo percurso.



Influencia do meio

E's bom, mas cuidado que o meio te pode tornar mau; totalmente diferente do que és.

E's barro — pois que outra composição fisica não tens que não seja substancia da terra — lembra-te que ha homens obreiros que te podem moldar a seu òelo talante, se não fugires da sua influencia e não procurares seguir e desvendar a tua essencia.



Corriam as desavenças sociaes e chocavam-se os interesses politicos até ás armas de quando em vez aguilhoando metalicamente as ruas e florescendo as praças de Lisbôa. Era só de quando em vez, mas os labirintos e alfurjas jamais deixavam de reunir os seus adeptos. Os clubs e mais associações abrigavam o

ciciar conspiratorio fomentado continuamente pelas correntes que não estavam no poder. A acção conspiratoria era continua porque uma corrente de opinião que subisse ao poder seria logo mordida pela corrente que caisse ou outras correntes que nasciam e renasciam. Muitas casas particulares, moradias proprias, tambem não faltavam ao hábito d'abrigarem dentro de si os manipuladores, promotores e condutores de conjuras.

Era assim a faina, noctivaga e inquieta d'uma parte da população, que prometia salvar o país, mas não se salvava a si propria a não ser que tivesse as redeas do governo e logares chorudos. E assim criavam um ambiente tumultuoso e mais ou menos ou mesmo sobremaneira despeitado. Os homens de convivio, de vida publica, de ciencia e arte haviam de ter uma corrente politica e se a não afirmavam, certos elementos se encarregariam de lhe alcunhar uma que a seu interesse lhes apetecesse. A mesma nulidade não era extranha a este apelo e á governança. E a voz corria e o cidadão começava a ser apontado e a ser algo atraído pela corrente que o abrangia na alcunha, raro aquele que ficava insensível (alguns passavam-se á contraria), que certamente ficaria no rol dos esquecidos. D'esta sorte se encruzilhavam as energias, que faiscando n'um ou n'outro recontro, se avolumavam, e de volume em volume estoiravam diabolicamente. D'esta sorte se vivia n'uma pugna esteril, aventureira mas sem elevação, cujas descargas sómente fulminavam o país.

D'esta sorte se vivia. O mesmo homem que por tempera rija resistisse, como lhe subsistiria tanta força

d'animo, se á sua porta constantemente lhe batiam os amigos mais intimos, os influentes mais predominantes. Só um poder de alheamento sobrehumano o subtrairia a tanta acção. Os mesmos diários e periódicos noticiosos se deixavam absorver e alguns, os conquistados, até ostentavam nomes e ideias promovidos pelos mesmos vícios e despeitos, quase abandonando o socego d'um povo para servirem interesses seus e de seita. As informações eram sempre viciadas a bel prazer e a bel taínger, a contento de cada órgão. O mesmo facto observado á luz do dia, em toda a nudez, sem arremedos, arremedado era por mil e uma formas quase totalmente diferentes, ao invéz, torcido pelos sofismas e conjetura, que era lastima ver assim o facto unico e insofismavel tratado sem reбуço, a bofetear a verdade. E dizia-se que bem escritos artigos! que frases! que aroma (para os papalvos)! Nós poderíamos aplicar a frase de Socrates: Deixai-os lá que andam a negociar com os seus atractivos como o fazem as meretrizes! Não era o tempo dos Filaminas mas era o tempo das noticias se multiplicarem e exaltarem ao sabor d'este jaez. Os colloquios nos cafés — uma especie de antros que nem atingiam o sabor do antigo botequim, pelo menos na fase de descredito que atravessam com o germen d'esse tempo — os colóquios nos cafés assemelhavam o coaxar das rãs nos charcos pedindo um rei, e surgindo um chefe observador, ouviam-no, concordavam ou barafustavam, mas afundavam-se sempre n'esses charcos! O certo é que por várias partes, várias? que dizer? em quase todas, havia esse coaxar e até as casas particulares não

escapavam ao infortunio, não estavam livres da inferneira.

Assim se vivia e assim se passava em Lisbôa.

Como pudera Mario, por maior vigor que tivera de espirito, ser insensivel a tal dominio? E então êle! Ah! mas foi, muito tarde, é certo, mas foi insensivel. A principio, quase d'animo leve, ainda se deixou arrastar pelo convivio, ainda brilhou como condutor, mas viu tudo e fizeram-lhe taes e tantas que acabou por se aperceber da malicia, do cinismo, das segundas intenções, da baixeza de pudor moral de tudo e de todos, e arripiava-se diante os incautos que caíam na trama e na mentira arditosa dos maus condutores. Não era só a calunia que campeava contra os bons costumes (os costumes altruistas e inofensivos), era tambem o flagelo do mando.

Ele próprio, fino, que antevia tudo com mil precauções, pugnava pelo bem estar e harmonia de todos, era tambem abrangido pelo enredo, pela aleivosia; os seus próprios correligionarios quanto o adulavam na presença tanto lhe deturpavam as virtudes : a ausencia, ou demovidos pela insensatez da inveja, — a qual de crescer em crescer pode atingir repelentes crimes, — ou movidos pelos receios de que lhes fosse conquistada a deanteira. Era assim a apregoada humanidade. No entanto, Mario parece que nos grandes cataclismos é que era mais iluminado. Ou actuava logo com a violencia, se via desatar-se o nó gordio, ou fingia-se calmo, despercebido de todas as alcavalas, e então mostrava-se alheio. Mas tudo tem um limite de prudencia ou o seu

cansaço de descrença; quando se vê que d'um arrocho se não pode fazer bôa regua...

Pois já todos os seus afazeres lhe corriam mal, habituado a correrem-lhe sempre bem quando não vivia tanto para os outros, e agora que tantas e mais diligencias punha em prática para tudo lhe correr melhormente é que peor tudo lhe corria.

Olhava em deredor e os que o conheciam animavam-no com mesuras e acenos lisonjeiros, mas praticamente nada isso significava.

Até que um dia, um dia, já era demasiada a carga, ocultamente o caluniavam e caluniavam-no tanto que soube que essa calunia o ia apartando das afeições mais intimas.

A semente da erva daninha enraiza e multiplica-se mais facilmente que o bom trigo. E se essa erva daninha se deixa multiplicar muito, investe de todo a seára e em vez de se colher trigo colhe-se joio. Mario ainda se contentaria em colher joio, mas que! já estava colhendo improperios e maledicencias que lhe apartavam as afeições mais queridas. D'esta sorte via desabar todos os castelos, e êle, como um foragido, pede animo á corajosa alma, que quando é pura é invencível, adquire a calma precisa e dando alimento á alma esquece as paixões ruins, dá de costas serenamente, vai ao convívio da inocencia que o fortifica, vai á paisagem em busca de frescura, vai ao arvoredo em busca de sombra, vai ao isolamento.

Nada melhor encontrára que a aldeia. Lá seria olvidado talvez. Quem ficára no turbilhão que se pusera a são e salvo, pois que êle já nem forças havia que dar

conta de si, entrega-se a esmo a nova conduta e assim são e salvo se sentia.

O turbilhão de tantas bocas em grita, o gemer de tantos incautos nas ferreas masmorras, isso alucina-lo-ia e atira-lo-ia para o abismo, para um poço sem fundo. Seria fazer d'um cáos a sua patria, seria cair esmagado, deixando de avistar a estrela redentora.

Era o caminho: seguir... seguir sempre... seguir o rumo paciente, sábio e purificador, dando o bom exemplo de assocego e disciplina.

Pequenos detalhes d'uma vida por vezes obram mais que grandes gestos de heroicidade.

Deixava é certo na cidade quem precisava de si, do seu convívio, da sua expansão e da sua ternura, entes queridos, mas d'esses mesmos também andava desiludido por darem crédito á mentira.

E assim Mario de malinha de cabedal na destra anda a curar tormentos na aldeia. Talvez que um dia chamem por êle, e os não oiça. Talvez que um dia repita a sentença de Democrito a Hypocrates, quando este a pedido dos atenienses o foi ver. Sentindo esse povo a falta do convívio do democrata refugiado n'uma caverna, porque o supunham doente, pediam ao pai da medicina que o fizesse regressar e o sarasse. Hypocrates é que regressou, dizendo ao povo que o esperava, desapontado pelo ver regressar só: Fui, falei com Democrito, fui a curar Democrito, mas vejo que eu é que precisava de cura.

Será Mario d'esta tempera? Não regressará Mario ao convívio? Eis o que veremos adiante.

Nos longes

Em longes terras opartado talvez viva mais perto de vós.



O temperamento do homem por vezes é só concebido por si próprio na excentricidade ou na característica. E se se trata d'um exótico então sucedem-se as *nuances* do ser humano. Bem como ha homens que pouco se sensibilisam com as fracas coisas e as suas sensibilidades accusam quase gradualmente a natureza dos factos segundo a importancia devida — homens normaes —, homens ha que pelas pequeninas coisas anteveem as grandes intemperies e evitam que os grandes cataclismos se realizem, pelas pequeninas coisas deduzem as grandes écatombes, e nas pequeninas coisas se sensibilisam tanto, que ao succederem-se as grandes já estão, se não insensiveis, pelo menos mais fleumaticos que o mundo que os rodeia. Homens ha que se sensibilisam só pela acção das grandes coisas, e ou-

tros ha que um pequeno melindre ós obriga logo a uma excentricidade. Este ultimo é o caso de Mario. Mas ainda ha a observar como a providencia dispõe dos factos e do futuro consoante os hábitos e costumes do homem. Isto traduzido por um rude significaria que cada um colhe do que semeia . . .

Era Mario visita cerimoniosa d'uma familia distinta e de grande nomeada no meio da sociedade e enamorado estava d'uma joven senhora d'essa familia. Tinha ás vezes arrufos com a sua galateia, por ela dar ouvidos ao mundo na teia de intrigas e calunias de que o mundo anda cheio, e por ultimo isso acentuara-se sobremaneira,

Certo dia a diva manteve-se n'umas afirmação e censura que éle nem sequer desmentiu, afastou-se. E bem, por esse motivo acompanhado de antecedentes, vamos nós encontrá-lo com armas e bagagens (cadernos de apontamentos) hospedado n'uma cidade de provincia. Mario sempre gostou de viajar, de conhecer o estrangeiro e as terras do seu país. Mas esta viagem não é só traduzida pelo gosto, é-o tambem por uma attitude de esquecimento do convívio, de por este meio amenisar ou sarar qualquer ferida que o compunge e contrista. E bem, ai o temos n'uma cidade antiga que sobranceiramente ostenta as vetustas ruinas, o castelo contemplando suburbanas atalaias, com torre de vigia olhando do alto para as torres das não menos vetustas povoações circunvisinhas. A Cidade antiga, tem apenas mais um lençol de casaria alvamente caiada e distribuida pelo sopé que a prolonga, e domina em torno al-

deias com laivos denegridos de antiguidade mas apesar de tudo resplendendo muita alvura de longes em longes.

Mario, saído de Lisbôa, sempre batido por uma denuncia que tanto o feria, veio dar á cidade de provincia, voltando assim costas ao acontecido, dando curso ao tempo que tudo apagará. Um amigo confidente o fôra esperar á estação da cidade monotona, e logo que ele se apeava, trocados os abraços, esse amigo tirávalhe as malas e as mandava conduzir por um criado para sua casa solarenga.

Passava-se o tempo, um motivo de férias, que outro qualquer aproveitaria em caçadas e correrias, mas que enfadavam Mario, sem que o desse a perceber, porém defendia-se aproveitando a mais pequena distração para se ficar atraz, parado, contemplativo, e enquanto os companheiros batiam mato, altura viria em que lhe reconhecessem fadiga e transigiriam em ceder-lhe um repouso enquanto batiam mais alem aquele matagal, quedando-se Mario em concentração, aguardando a volta dos companheiros caçadores e aproveitando o tempo em conjecturas sobre arqueologia ou em elevações de espirito. Assim lhe era a conduta. As familias hospitaleiras e de relações, embora a principio o extranhassem, a pouco e pouco se fôram conformando — que não o amigo, porque esse já lhe conhecia sobremodo o feitio —, se fôram convencendo que deviam respeitar a preferencia do hóspede em visitar ruinas, e sobretudo o tempo que perdia no castelo antigo. Senhor d'esta transigencia, Mario já parece andar mais satisfeito nas

horas de convívio, que as restantes emprega-as agora com mais largas vistas em percorrer logares circunvizinhos e sósinho. As famílias foram-se habituando ao seu sabor e éle que era sempre preceituoso em não faltar aos serões, por ultimo já lhes faltava um e dois dias, uma e duas noites. Mario sabia incutir a excentricidade com subtileza de tamanha monta, que os adversos sem darem por isso, o que lhes era tão estranho acabavam por reconhecer naturalidade. Reinava já, apoz tão poucos dias, o espirito de Mario com o seu modo de ser. Afastava-se de herdade em herdade, de outeiro em outeiro, e ás horas de refeições ou descanso regressava.

Depois afastava-se de estrada em estrada e já chegava por ventura a algum logarejo onde se demorava, faltando ás horas da comida e á casa solarenga só vinha dormir. Depois de estrada em estrada já chegava a alguma aldeia onde já pernoitava uma noite, onde já dormia. Mas fazia isto com uma tal subtileza, que ninguém dava pela excentricidade, já tudo naturalmente reconheciam. Pois quando regressava, puxava do canhenho e dava umas lindissimas impressões que não só sensibilisavam o patriotismo daquela gente, como ainda se sentia homenageada por ouvir trechos de tanta valia, pois que ouvia o seu cantão ser inaltecido como nos poemas sublimemente lidos e que immortalisaram regiões.

Assim Mario dominava e tornava desejado e querido o seu feitio.

Paisagem simples

*Quem a curar tormentos ao campo
veiu, aumenta os seus tormentos
só na cura.*



A caba o nosso heroe de sair de malinha de mão, a celebre malinha de cabedal de que nunca se separa, galga o largo ajardinado da cidade e, apoz mais uns passos, atravessa a linha ferrea e ei-lo estrada em fora perscrutando a natureza, aquecido por um sol dos primeiros dias de março, vivificador, e dirige-se em direcção norte. Ha uma aragem fina, fria, mas o céu tem uma grande orla azul que atira chispas acariciadoras e repletas de cintilações. Para os lados do sul é que se vê um acastelado de nimbus e cirrus misturadamente. Mas o astro rei ainda campeia acalentadoramente, declinando do meio dia para o ocidente, tocando as três horas da tarde, ainda longe do ocaso. A paisagem sem fim de oliveiras, chispando tonalidades de verde escuro

humido, contrasta com o alvor de pedreiras de marmores, por sobre os quais as raízes se entrelaçam e lhes percorrem os corpos como nervos. Aqui uma ribeira cobreado por essas serras em longe, ornada de verdes alamos, desce cantando as melodias dos pastores que ouvira e vai ouvindo. Além o avultar de montes erguidos e uma estrada que assemelha outra ribeira e mostrando a calva serpenteia pela paisagem de oliveiras baixinhas, cujas parecem guarda-chuvas a aguardar a tempestade para abrigarem os almocreves ou aldeões que passam carregados de frutos multicores, se a chuva os surpreende na jornada ou no caminho. E' que de vista em vista uma ou outra hortas dão recheio aos cabazes que carregam os aldeões e essas hortas ou pomares formam nucleos de variegada arborescencia, dando realce panoramico e se sobresaem como jardins frutiferos avultando a carregação de frutos que brilham com viveza, intensas e mesmo feéricas côres. Ha tambem nos suburbios d'esta cidade de provincia, quintas tratadas com esmero, tendo encastoados um ou outro palacios solarengos onde viveram illustres antepassados nossos. Ha ainda sob essa terra barrenta, sub-solo, agora quase empapado pela agua que choveu, — diz a lenda, — muros soterrados que nunca mais apparecerão, talmente os mortos occultos por um punhado de terra que ali ficaram para nunca mais se erguerem, e que foram grandes e que já ostentaram grandeza e emporio, que já deram sombra e que hoje prostrados só a recebem d'essas oliveiras que trajam o luto dos ciprestes. E' esta uma região que teve em tempos medievos o re-

gougar de vida intensa, onde não faltavam os falcões reaes, as caçadas e montarias a rigor. Hoje tudo parece adormecido, mas seus velhos muros disseminados ainda atestam essa paisagem, e como que querem exprimir. São velhos castelos, são velhas atalaias por sobre as quaes agora a vida naturalmente se movimentava e, êles, esmagados, apenas nos infiltram no animo algo de mistico que sentimos, mas não se sabem exprimir, nada dizem quando os consultamos.

Mario que se vai infiltrando d'este ar mistico, quase esquece a paisagem exterior para atender á paisagem intima, para, galgando a estrada, se ir enchendo d'este sabor, indo ao sabor d'este influxo que se lhe afigura renascer das proprias cinzas e descuida-se do aroma saudavel e rustico que o contorna e acaricia. Pára. Descortina já não muito longe uma povoação. Observa-lhe o aspeto: Uma torre erguida como um dedo, um canteiro d'arvores esguias, cemiterio talvez, e uma casa-ria como um rebanho que descança. Senta-se n'um penedo que parece uma tartaruga monstra e de cima demanda e observa o panorama. Lá na encosta d'um outeiro, detraz de copas de pinheiral verde, sobreeleva-se essa caiada aldeia, que ora lembra o aludido rebanho, ora um bando de pombas niveas e faiscantes que ali poisaram a reluzir, esplendorosamente almiscarado d'uma ou outra pombas negras, d'uma ou outra manchas negras, d'algumas penas negras. E a ribeira e a estrada serpenteiam, uma vez roçando este agrupamento tão depressa se afundam nas rugosas terras e ar-

voredos; aquela dando o sôro ás oliveiras — as quaes convertendo o fruto em sangue da côr das cheias das ribeiras, esse azeite ou sangue alumiará á noite essa gente da aldeia — a outra dando acesso e caminho a essa pobre gente que passa com os burrinhos carregados de pomos e frutos ou aos mourejantes almocreves que vão de longada.

Mario muito tempo esteve embevecido n'este cintillar, de malinha aberta e canhenho na mão, registando as impressões que apercebe, onde não falta tambem o rebanho de ovelhas que passa balando junto de si, contornando-o, como que o avultando a êle e ao penedo n'um castelo e estatua. O rebanho debica ali e acolá a relvinha macia, segue consoante a vontade e arremedo d'um pastorinho que o conduz e que descalço e arreçado saltita com o cajado a evitar dano dos ruminantes. O pai, pobre pastor, ora parado, ora dando um passo lento ao sabor do lentissimo caminhar do rebanho — sua unica fortuna — que lhe encherá o tarro para abastecer os íreguezes da povoação e sustentar cinco filhinhos, que por outros trilhos andam (ainda debeis tambem andam a mourejar por outros sitios), esse miserero contempla e pensa. Lá de quando em quando sôa e resôa o regougar, uma arenga de pastores dispersos pelas brenhas, e são estes impetos sussurrantes de vozes que desviam Mario do embevecimento, que o tornam a si e ainda sentado contempla, vê o rebanho que o circundára entranhar-se pelo mato, a ponto de ir-se ocultando com os pastores, soando já ao longe a toada do seu viver. O nosso jovem é caminheiro, a curiosi-

dade anima-o e tambem como que movido por uma ideia, uma resolução, guarda o canhenho na malinha, fecha-a, ergue-se, agil salta do penedo, desce uns metros de encosta, salta á estrada e como que se resolve chegar áquella aldeia que divisára. Afoute segue a estrada vagarosamente, ainda pensando nas nuvens que se vêm acastelando e aproximando mais e mais e ainda enlevado. Eis que, ao dobrar um cotovelo da estrada — barreira que mostra uma especie de ossada de pedraria e barro vermelho — lhe surge um velho ancião, alto, quase esquelético, trajando de negro, a modos de cidade, chapéu negro abado e grande, barbas brancas caindo a meio peito, olhos para o chão, cogitando e gesticulando para si.



Um encontro

Quem vais achar que te não procura?

Quem prepara os encontros?

Quem fabrica as coisas?

Diz-me quem és que eu te direi quem na vida depararás.

N'aquele cotovelo de estrada entrechocam-se dois olhares surpreendidos, como que sentindo denunciadas as suas cogitações. Mario mais comunicativo e mais resolutivo, sempre angariando simpatias, cumprimenta o ansião que segue d'olhar desprendido, que resplende uma ideia fixa.

Mario

Bóas tardes, senhor.

Ansião

Bôa tarde.

Mario

Pod'ria
informar-me que aldeia é aquela que eu via...

Ansião

Olhe, valha a verdade, é tão feia, tão feia,
que nem lhe sei o nome...

Mario

E' pena, pois que vista
dos muros da cidade é linda ! e pouco dista...

Ansião

Uma légua talvez da cidade... Uma aldeia
que pode interessar ? O peor é que é já tarde,
e o senhor por aqui !

Mario - *(contemplativo)*

Como alem o sol arde !
Como a tarde se esfuma em doce nostalgia !

Ansião

Bom é pensar assim... , o peor... , o senhor vê
a chuva que se esboça e se n'essa arte crê
achar ali guarida... E' pura fantasia !
Poderia talvez, enfim dar-lhe um conselho...
Mas olhe para mim... ! O conselho d'um velho !
Achar ali guarida ! O melhor é voltar.
A ventania leva as folhas na voragem,
e lá na aldeia, ao cimo, ha só uma estalagem
onde possa dormir, onde possa ficar.

Mario

Uma estalagem! Belo! Era o que eu desejava.
Conhecer essa vida, essa labuta escrava...
Uma estalagem, belo!

Ansião

O quê?! pois aprecia
tão sordida mansão?

Mario

Ah! eu tenho saude,
e como o sentimento existe mais no rude,
farei por não perder esta doce mania...

Ansião

Não será bem assim. Mas entanto, em verdade,
não abunda lá muito a saude em cidade.

Mario *(com vontade de prolongar a conversa)*

Pois ando a percorrer as terras do paiz,
bucolismo talvez. Não deve de admirar-se!
Irei até á aldeia — e não é por disfarce —,
ver um dia esta gente, ouvir o que ela diz.

Ansião

Sim, não é de admirar. Eu é que estou cansado
de os ver e de os ouvir.

Cá ando em meu cuidado
a seguir... a seguir os anos e a velhice.

Mario

Aqui deve viver n'um socego invejavel.

Ansião

Vai-se a vida passando.

Mario

A dentro desta aragem
e d'esta exuberancia a exalar meiguice.
Assim neste remanso ha de haver f'licidade.

Ansião

E' isso o que procura?! E' proprio dessa idade.
Felicidade!

Mario

Sim, não sabe aonde mora?

Ansião

Ah! êle ha para ai uma mulher na aldeia
que dá por esse nome. E' pena ser tão feia,
miseravel até, arrepela-se, chora,
a misera nem calça...

Mario

Eu não me referia
a uma tal mulher, fraca prova daria
do belo e do meu ser se a tal me referisse.
Ser feliz, sim, sentir o bafo, o aroma, o amor,
achar até enlevo onde ha a propria dor.

Ansião

Felicidade! amor! mas que enorme tolice.
Emfim como inda é novo, é jovem...

Mario

Novo! Aparte

a modestia, direi que pela minha arte
já tenho envelhecido a valer, a valer...

Ansião

Oh! oh...! envelhecer! Não zombe d'essa idade
que ainda lhe trará bastante novidade.
Sim, são males... Talvez aroma de mulher...

Mario

Eu descreio do amor, d'essa paisagem triste!...

Ansião

Achar amor sincero é raro, não existe.

Mario

Entanto pode haver uma beleza, encanto
que possa suscitar...

Ansião

Helas! tomai cautela;
é sempre a mesma coisa a mulher.

Mario

Mas se é bela,
virtuosa...

Ansião

Maior será o nosso espanto.
Quem a sério tomar o amor d'uma mulher,
ou já endoudeceu ou 'stá p'ra endoudecer.
E' tolo, muito tolo o que alimenta amores.

Mario

E' uma opinião.

Ansião

Podê ser contestada,
não vale discussão, não vale mesmo nada.

Mario

O senhor pinta o quadro...!

Ansião

E' assim n'estas côes.

Mulheres, a mulher, ña lá quem as distinga!
Se ouvir falar em guerra, é mulher que se vingá,
que atira a seu sabor o pobre pai Adão,
o pateta que foi assim ludibriado.

Mario

Ha um certo exagero...

Ansião

O estigma do pecado,
serpe aviltante...

Mario

Quê?!

Ansião

Duvida?!

Mario

Por que não?

Ansião

Conheço muito o mundo.

Mario

Ah! . . .

Ansião

Desde o oriente,
e é pelo conhecer que sou assim descrente.

Mario

E foi o que aprendeu em materia d'amor?

Ansião

O homem é no amor a figura vaidosa,
é tolo e imbecil, figura ambiciosa;
foi a obra que vi digna d'esse senhor.
Antes não visse tanto!

Mario

Assim a viajar . . .

Ansião

Por tão pouco não deve a conclusão tirar.
Socrates não viveu sorvendo a imensidade,
sem d'Atenas sair? enquanto os outros sabios
viajavam no Egito a aprender, e os seus labios
deixaram-se d'abrir sem darem novidade?
Por aqui não vou bem? O homem tanto aprende
no ermo ou viajando, o mesmo culto rende
a uns e outros a pobre e humilde humanidade.

O mundo é a cabeça, e quem a tem, senhor,
é de todo feliz, se na terra o não for
no céu encontrará a pura F'licidade.
Será caldéo p'la noite a sondar o infinito,
terá dentro de si a dor em que palpito.
E' violino a gemer e a propria Imensidade
a palpar com êle. E' a tinta do luar,
a tinta do poente, a alma a cogitar. . .
Se assim não se é feliz, o que é a F'licidade ?

Mario

Feliz assim ?! oh ! não.

Ansião

Diga-me antes que o amor
lhe poz a nostalgia e o atira ao sabor
d'achar ainda um ente a modos da Provença,
ou ser um cavaleiro a conquistar a fama
p'la dama que deixou ou buscando outra dama.
A idéa é a mesma, apenas ha dif'rença
em que não olhará p'ra traz como eu olho ;
porque tenho cá dentro um espinho, um abrolho
que está sempre a ferir! . . .

Mario

Sim, talvez assim seja.
Vós que sois exp'riente, assim já tão velhinho,
não sabeis informar se por este caminho
irei parar á aldeia ?

Ansião

E' guiar pela Igreja

e não se perderá. Ha uma encruzilhada,
o senhor segue em frente e chegará, mais nada.

Mario

Sim... mas qu'ria eu dizer (entende?!) se essa gente
acaso estranhará a minha comparencia?

Ansião

Se estranhará? Não sei ; mas olhe que excelencia
não lh'a dão com certeza. Entanto vá p'ra a frente.

Mario

O senhor mora lá, não mora?

Ansião

Moro, sini,
mas não sei de ninguem, porque falam de mim
tão cheios de temor e tal superstição...
Aqui passo, aqui ando...

Mario

Ha de ser gente rude.

Ansião

P'ra que serve o doutor se não nos dá saude,
se perguntar por mim, todos eles dirão.
E acrescentam depois um canto ou uma arenga,
que me fazem fantasma em toda a lenga-lenga,
por viver d'esta forma, um modo de sentir...

Mario

E' médico talvez ?

Ansião

Sou um médico, sim.

Mario

Exerce a profissão ?

Ansião

Se não me curo a mim
como hei de curar essa gente a rugir.
Lá porque ando a estudar, a modos... como entendo,
não sei que medo infundo aos rudes, que em me vendo
até fogem de horror..., co'uma tal impressão...
Vá á aldeia e pergunte.

Mario

E' gente ingrata, rude.

Ansião

P'ra que serve'o doutor se não nos dá saude?
depois n'um recordar ainda mais dirão :

No cemiterio antigo
ali faz o seu abrigo
o demonio tentador...
Entre ciprestes e luzes
penduradas pelas cruces
vê-se o fantasma doutor.

Ao cemiterio ele vai
quando a lua já descai,

em procura de caveiras,
para ter por companhia,
enquanto a lua alumia,
essas tristes companheiras.

Mario

Estou a perceber... O médico de facto
anda no seu estudo, isolado e em contacto
com gente desta vida infunde-lhes pavor.

Ansião

Eu sei lá o que infundo!

Mario

E o que dirão de mim?

Ansião

Estará bem servido a falar-lhes assim!
Mas falando em amor, não faz mal. E' prior,
logo êles suporão e a coisa passa bem.
O senhor diz que sim e tem tudo.

Mario

Porém

não tenho hábito...

Ansião

Ora, é falar-lhes d'amor...

Mario

Mas que viver tão triste!

Ansião

E' como vê a vida
 d'estes anos, sózinho ! E que importa ? E' a lida.
 Enquanto que o senhor... o senhor... o senhor...
 é belo cavaleiro a conquistar a fama
 p'la dama que deixou ou buscando outra dama.
 E vai a bel' tanger...

Mario (*á parte*)

Parece que me entende !

(*alto*)

Sim, eu busco uma dama e não a achei ainda.
 Ela já me morreu, talvez por ser tão linda !
 Pois se Deus m'a levou... O senhor compreende.

Ansião (*excitado e fugindo do convívio,
 como que cantando*)

Quem a sério tomar o amor d'uma mulher
 ou já endoudeceu ou 'stá p'ra endoudecer.
 E' tolo, muito tolo o que alimenta amores.

Mario

Por que me fala assim ? !

Ansião

Ah!... Ah!... Pobre Romeu!

Mario

Essa dama é já morta.

Ansião (*á parte, doentamente*)

O amante enlouqueceu.

Mario

O senhor não amou.

Ansião

A's vezes essas dores...

(ferido)

Tambem ainei, tambem.

Mario

Quê?! Tambem teve amores?

Ansião

Sim, é um mal que vem dos proprios trovadores.
Amor, só uma vez, confesso, eu o senti.

Mario

E depois?

Ansião

E foi desde então que endoudeci.

(vai a afastar-se vagarosamente n'um sarcasmo triste)

P'lo amor a humanidade é tola e é vaidosa,
é tola e imbecil, mesquinha, ambiciosa...

Mario

E' uma opinião...

Ansião *(afastando-se e rindo merencoriamente)*

Pode ser contestada,
mas não val' discussão, pois não val' mesmo nada.

E assim Mario se queda só a observar aquele ser que vai seguindo... a ocultar-se..., aquele enigma de homem que percorre ás tardes os campos silenciosamente, e interroga-se: Que especie de homem será este?



Horas que passam

Horas passadas e presentes e futuras são todas horas filhas d'uma só hora no tempo e no espaço, que é a vida do individuo. Uma só hora define toda a longevidade do ser no tempo e no espaço.



Fica-se o poeta olhando aquele ser, aquela alma estranha que vai seguindo desprendida de tudo e de todos, apenas enlevada n'um cético estribilho, a ocultar-se até desaparecer. Aquela força d'animo para ali assim viver é mais vigorosa que a de Diogenes quando o expulsam de Athenas, e uma vez expulso, fora da patria, nos longes do oriente, encontrado por um amigo que lhe pergunta: — Por que te obrigaram a sair de Atenas Diogenes? — Respondeu: Obrigaram-me a sair! não. Eu os obriguei a ficar.

Assim aquele ansião pouco lhe importa o encarem como fantasma ou não, êle obriga a ficarem cheios de

susto em casa aquela humilde gente e vai pelos longes a seu belo talante, com a faculdade de poder regressar a esmo. Mario segue o caminho da aldeia, retratando na mente essa figura louca ás tardes a infundir pavor pelos campos mudamente e ás noites a avigorar-se na imaginação dos humildes como um espectro, pois que naturalmente têm ouvido dizer que em sua casa ha muitos ossos, d'onde concluem que só do cemiterio poderiam ter sido arrancados a más horas, pela calada da noite esses ossos e como que veem essa figura ali a horas mortas entre ciprestes e luzes.

O vate respira animo, ganha entusiasmo, e pela estrada calva ornada do esgueirar de sombras d'arvores, segue envolto já n'essas sombras. Pelas terras d'além ouvem-se as moças que deixam os trabalhos serris e recolhem a suas pousadas. Bradam e cantam e riem e essa catadupa de sons confundidos enchem o ambiente de sentimentalidade que se perde pelos longes. . . Quão diferente este quadro animador do quadro d'esses dois entes exóticos que agora passam mudamente por estes sitios ! Que contraste ! E quem sabe se os males de ambos, dos dois exóticos, serão provenientes de causa identica ? Deus o sabe e os factos o dirão. Seguem êles na estrada direção oposta, mas os fins talvez se encontrem. E as moças que não querem saber d'isso, cantam :

O sino da nossa aldeia
usa saia de balão,
dá-nos sinal de quem chega,
anuncia os que se vão.

Braços abertos em cruz,
tem o sino lá na torre,
o doido põe-se bailando
se alguém nasce ou se alguém morre.

Dizem que a vida é candeia,
dura tanto como um ai,
apaga não ha ninguem
que saiba para onde vai.

O poeta caminha no enlevo d'esta melodia e como
que sente aproximar-se a eternidade.

Vai meditando, vai triste, vai só.

Entretanto gargalham vozes confundidas de risos e
exclamações por esses laranjaes, por esses pinheiros
meditabundos, por esses olivedos sem fim.

E ainda ouve as moças :

Dobra o sino da Igreja . . .

— Minha mãe quem morreria ?

— Filha, não sabes quem seja,
mas reza uma Avê-Maria !



Paisagens exterior e intima

*Vive em nós um mundo que
abrange todos os mundos.*



ocaso absorvera Mario em contemplação, ouvindo e vendo o desenrolar da labuta campesina através os arvoredos, penedia e hortas d'esta região. Descuidára-se e a noite começa por estender o manto avolumado por grossas nuvens, e tudo seria escurecido se não fôra a lua que ostentadamente irrompe de quando em vez, clareando e coroando as copas dos pinhaes.

E' perto o povoado. A' beira do mesmo, á entrada d'esse amontoado de casebres, uns caiados, outros escuros, avulta-se uma ponte, cuja lhes dá acesso e cobre a ribeira caudalosa que, em dobras de grande cheia que leva, se despedaça e vai de seguida vale abaixo regougando e marulhando..., deixando a aldeia que

lhe dá a margem esquerda nua onde se efectuam os mercados. E a torrente segue, afunda-se nos pegos emaranhados de novos d'arbustos que mordem os caules dos alamos esguios, os quais em alas se estendem pelas margens do vale abaixo. Os carros puxados a parilhas sôam pelas estradas a toda a brida que não tarda que venha chuva, pois sopra um ventinho que arrasta montanhas aquosas. A lua de quando em quando é tapada por nimbus mas logo se filtra pelo reticulado de cirrus transparentes. A tempestade avizinha-se mas ainda não chegou. O silencio do homem vai pairando, pois abandona a sua faina. Recolheram aos currais os cordeiros balando. Emudeceram as canções das raparigas, que ficam ecoando nos vales e peitos de cada um. Só a silhueta da cruz campeia nas serranias, só os velhos muros da povoação se avultam grandemente, parecendo atestar que já foram abrigo de herois e que n'uma nostalgia caíram, recordando os tempos de cavaleiros e de pagens. Mas a ribeira marulha caudalozamente, ostentando o louro e rasgado veio desde essas terras acima, n'um caudal que deslumbra.

O nosso forasteiro está extenuado, meditabundo, quasi melancolico, e estes ares fazem-no recordar a provincia onde nasceu, onde brincou, com todos os pormenores de folguedos da infancia, os amores que teve, e em especial os queixumes d'uma sua noiva morta.

Tudo n'esta terra se apressa ao descanso, só Mario dá tratos á ideia, absorvido em si proprio, quasi não notando o que o cerca, tão dentro de si anda. Vivem dentro de si o desenrolar d'uma vida distante, os ecos

d'uns saudosos queixumes, o texto completo d'uma carta que recebeu da sua primeira noiva, já morta.

Mario lembras aquelas noites calidas e tépidas e mornas, noites pálidas de luar e de verão? Na vila, quando nós, as damas, sentadas no passeio rendiamos o peito ao galanteio e á chama d'um amor suave e brando?

Lembras, Mario? Uma noite (lembro-a ainda!), o comboio a silvar... (Que noite linda! Noite de luar) e o som das carruagens assemelhando o boreas iracundo, que vinha lá de longe, n'um profundo revolver de florestas e ramagens!

Se me lembro, se lembro! e tu saias e deixavas-me só por tantos dias, não é verdade?

A campa deu sinal.

E tu dêste-me um beijo de fugida. Era o lenço acenando; a despedida d'essas noites de luar!

Mario, estou mal, faleço de saudade! Ah! Mario, amigo, levo á campa o desgosto de comigo te não poder levar. .!

Eu morro, morro, tenho a certeza, Mario.

Ai, que saudade!

Quando via na vida a F'licidade,
silencios do Alem-Tumulo percorro.

E se morresses, Mario, eu mesmo assim
não deixava de esp'rar-te, embora Ausente...
Surgiria o teu rosto ao meu jardim,
às grades assomando mudamente,
a olhar no silencio para mim!

Ah, se morresses...!

Mario, estou peor.
Sinto-me cada vez muito mais doente,
Acaba de sair o meu doutor,
que me diz ser fraqueza unicamente...

E assim passo o relógio contemplando,
guardo a hora, sondo-lhe o segredo...
E se morresses, Mario, eu assomando
ao jardim te veria e em me chamando
eu iria e vê lá! não tinha medo.

Assim passo deitada. E d'onde aonde
o relógio interrogo, em meu basbaque...
E essa máquina apenas me responde:
— Tic... tac... tic... tac... tic... tac... tic... tac... tic... tac...

Nesta observação, o infatigável investigador de sensações, vai triste, vai só, vai descendo uma ladeira, vendo perto o povoado batido por um luar de lua ti-

mida, que quando pode se mostra como um espelho de prata velha em que se reveem os lunaticos : Porém este luar já é muito incerto.

As florestas de pinheiros e oliveiras balouçam-se com o ventinho fresco e já molhado e ha nos ares bandos de folhas arrancadas e gemebundas.

O vate pára ainda, olha em torno, olha atraz, não vendo já o outro caminheiro que longe se sumira, se perdera. E pensa :

A noite me anima em luarentos latejos,
penedos cismando, murmurios de beijos,
nostalgicas sombras, aroma de lendas !
A noite me anima em luarentos latejos,
e as luzes sanguineas por essas vivendas !

Esgueira-se a planta em eralticas sombras,
penedos cismando entre várias alfombras
de vário arvoredado : sinistras paisagens !
Esgueira-se a planta em eralticas sombras,
parece-me ouvir cavaleiros e pagens.

Ai, folhas caindo, ralhando no espaço
como aves febris já cedendo ao cansaço
d'um ultimo instante, e depois um alento
as ergue outra vez, e assim ralham no espaço
com animo dado por bafo de vento !

Uma vez sorvida esta paisagem intima, temos nós
Mario, junto da aldeia, e com muita sorte porque d'ai

a instantes não tardará uma chuvada. Os relampagos lá para as bandas sul escalam o céu, longinquamente, mas com este arsinho que revigora, recrudesce e se torna impetuoso, dentro em breve conquistarão estes sitios avassaladoramente os relampagos de instante a instante.



Chegada á aldeia

Aldeias, aldeias do meu país e de todo o mundo, todas iguaes no serem desprezadas, sendo bem dignas de melhor sorte, a quem a humanidade deve $\frac{3}{4}$ partes da fortuna, cujas não possuem um ceutil, a quem a humanidade devía ornar de monumentos e comodidades e que não têm nem praças, nem conforto, nem camas para dormir.



ameaça a tempestade estes sitios. Já o luar que era quase só cortado pela fimbria de tenuísimos cirrus se sente interceptado por uma ou outra nuvens grossas para surgir novamente radioso; mas logo se tolda porque o avolumado de nuvens seguindo, destaca vedetas e ameaça tudo escurecer. O ar e as folhas andam em desdoiro, o plumbeo céu torna-se

mais pesado, mas a lua quando pode ainda espreita aclarando os campos.

Não tarda muito a tempestade — seria a conclusão logica de qualquer caminheiro. Este ventinho humido e intensivo e além para as bandas sul o escalar de faiscas em zig-zags seguidos de rugidos longinquos, deram bem motivo para os rebanhos recolherem ao redil, para tudo recolher a seus casais, para os camponezes se pôrem em azafama, recolherem o gado e as alfaias, brandando uns pelos outros: — Ó Antonio engata essas mulas, engata esse carro... — Ó Maria tira aquela roupa dos valados que esta noite vem chuva. — Ó Man'el olha que não ha tempo de chegarmos a casa sem a apanharmos... — Valha-me Deus que aquela mulher parece que não tem desembaraço nenhum...

Este rumor de vozes posera tudo em debandada, porque elles lá tem os seus designios de adivinharem quando vem chuva.

Só o tom do nosso herói é que não tuge nem muge, não adivinha o tempo, vai insensivel ao ameaçar da natureza, antes se enleva na sua inclemencia, lá porque vai bem abafado, bem enroupado e ainda por cima coberto por um sobretudo de peles não contando com o calor da inspiração. No que respeita a enroupamento não se perde elle, porque já tem sido surpreendido muitas vezes pelo tempo e a experiencia é mestra da vida.

Junto da ribeira de aguas alvoroçadas e volumosas sobre a ponte vê-se o nosso caminheiro, pouco contemplativo porque o tempo já não está para descuidos e o ventinho já vem carregado de neblina.

Entra a aldeia pela estrada, rua principal. Casas rasteiras e uma ou outras com primeiros andares e sotãos. Portões largos, portas velhas e gretadas e tudo fechado, salvo uma ou outra portas que têm os postigos semi-abertos por onde se divisa a candeia ou o candeiro sobre mesinhas. Mas já tudo está no assocego. E os relâmpagos inundam de clarões rápidos e acendem estas regiões quase continuamente. Pelas quebradas das serras o vento zune.

Que povo será este? E' um povo muito humilde, povo simples, povo rude e muito pobre que vive de rebanhos e porcos de montados, á parte certa casta de gente que tem por aí as mimosas e grandes herdades, mas que a terra não denuncia aí vivem. Naturalmente vivem nas cidades ou nos grandes centros, deixando isto arrendado ou entregue a caseiros, e como urbanismo possuem aqui uns caseirões de que fazem celeiros e recovagens. Não ha uma casa digna de ver-se, apenas lá ao cimo da povoação se sobreeleva um caseirão que assemelha um palácio, que recorda o solar d'algum antigo senhor. De resto tudo é dominado pela igreja com um lindo e amplo adro e escadaria de pedra e uma torre com dois sinos.

O nosso caminheiro n'esta altura é dominado por uma ideia que o põe em sobresalto (Só agora é que acorda!) — Como pernoitar n'uma aldeia em que ninguém me conhece? Se nem se me depara um recanto onde repouse! se nem um banco onde pousar! se um ou outro acelerado que passa ainda para maior tristeza olha desconfiadamente para mim! Mas... espera! Uma

criancinha a correr... Pschiu! ó menino!... Anda cá...

E a criancinha ladina, esperta, descalça, suja, embrulhada n'um gabãozinho esfarrapado, que nem a preservava da chuvinha atrevida, sem receio volta atraz, pois havia acabado de atravessar a rua e fica-se no meio d'essa rua ou estrada, esperando que aquele vulto se aproxime, e que certamente o chamou, pois não se vê mais viv'alma.

— Olha lá, tu sabes dizer-me onde é a estalagem?

— Sei, sim senhor, é essa casa alta que fica ali adiante, á sua esquerda, com um portão aberto e uma lanterna acesa lá dentro. Não tem que enganar, deve ser o unico portão aberto.

— Obrigado.

E a criancinha já se ia pondo a correr...

— Espera ai, — diz-lhe Mario.

— O que é que o senhor quer mais?!

— Toma lá esta moeda e vai-te embora.

— Olá! Parece de prata!

— Vai-te embora e obrigado.

— E' para mim?

— Sim.

— Vou já dal-a á minha mãesinha.

— Adeus.

E a criancinha segue o rumo que levava e desaparece n'um abrir e fechar d'olhos por travessas ladeadas de troços, lenha e rama de pinheiro quebrada e esfarelada. O poeta caminha ainda um bocado sob a chuvinha a cair e olhando ao longo, a vista é-lhe apenas tocada por um

ou outro candeieiro, iluminação d'uma terra a pontas de cigarros. Eis que distingue o caseirão á sua esquerda entre casario rasteiro, rasgado por um largo portão, e como uma galinha agasalha os pintos assim êle agasalha os cubiculos sórdidos. Situado na encosta do outeiro da aldeia, domina com o seu sotão aqueles nichos. O que ameaça esmagar com imponencia é o solar antigo que lhe fica nas trazeiras e acima.

Mario detem-se hesitante. Olha para dentro. Em frente, junto da ombreira da porta da taberna interior, na parede, uma lanterna de trem com uma vela acesa. Uma candeia suspensa a meio d'uma longa cavaliariça, alumia como um coraçãosinho do tamanho d'uma bolota que enche a casa até á porta. Alumia essa especie de barracão que se prolonga para fora do edificio, que se estende para a direita, onde os solipedes resfolgam e comem a ração. Vê ao longo da parede da taberna que se continua pelo restante da cavaliariça, encostadas albardas, silhas, alforges, sacas, enfim uma confusão d'apetrechos d'almocreves e vultos d'homens que infundem nojo e pavor, não receando sentados ou deitados os coices das montadas a comerem a ração ás manjadouras. Machos, mulas resfolgam com a palha nas ventas.

Eis a estalagem.

Na taberna, lá dentro, veem-se aldeões, com chapéus d'abas direitas e largas, n'uma vozearia desconcertante, n'uma algazarra ruidosa a emborcarem copos de vinho.

— Será este o meu hotel, — pensa e decide o nosso excentrico, — e ando com muita sorte se me derem

abrigo. Que importa o risco que possa correr se me sinto vergado pelo cansaço, se a fadiga me domina.

Entra. Dá as boas noites, que lhe são correspondidas, não sem estranheza, mas não dá pela estranheza dos outros. Decidira-se e pronto. Uma decisão por si tomada pode alcançar o proprio heroismo se tanto fôr necessário.

Uns almocreves deitados sobre capachos e cobertos por mantas, outros em grupos falando das suas vidas, de suas longadas, e um d'êles meio desconfiado, quando vem a sair da casa de bebidas ou taberna é abordado pelo visitante e indica-lhe a figura do estalajadeiro que ao balcão despacha canecas de vinho.

Mario transpõe o limiar da taberna e tudo aquilo lhe parece mais um repasto de canibae que refeições de gente, tal a imundicie que cobre o chão. Uns de rostos desalmados e sujos vociferam, enquanto outros de rostos pendidos sobre os peitos, sentados em mochos, resonam.

O estalajadeiro interrogado sobre se pode arranjar um quarto, diz que sim, e que tem um tão bom que até tem os lençoes da noite do seu casamento. Calcule-se a impressão recebida pelo visitante, mas o nosso hóspede é que não está para coisas, respira satisfação e decide-se a descançar. Pede que lhe faça uns ovos com chouriço, o que levou logo o velho estalajadeiro a chamar pela Tia Joaquina, sua mulher, que aproximando-se e limpando as mãos sujas n'um avental, se apresenta, dizendo que vai fazer o belo acepipe.

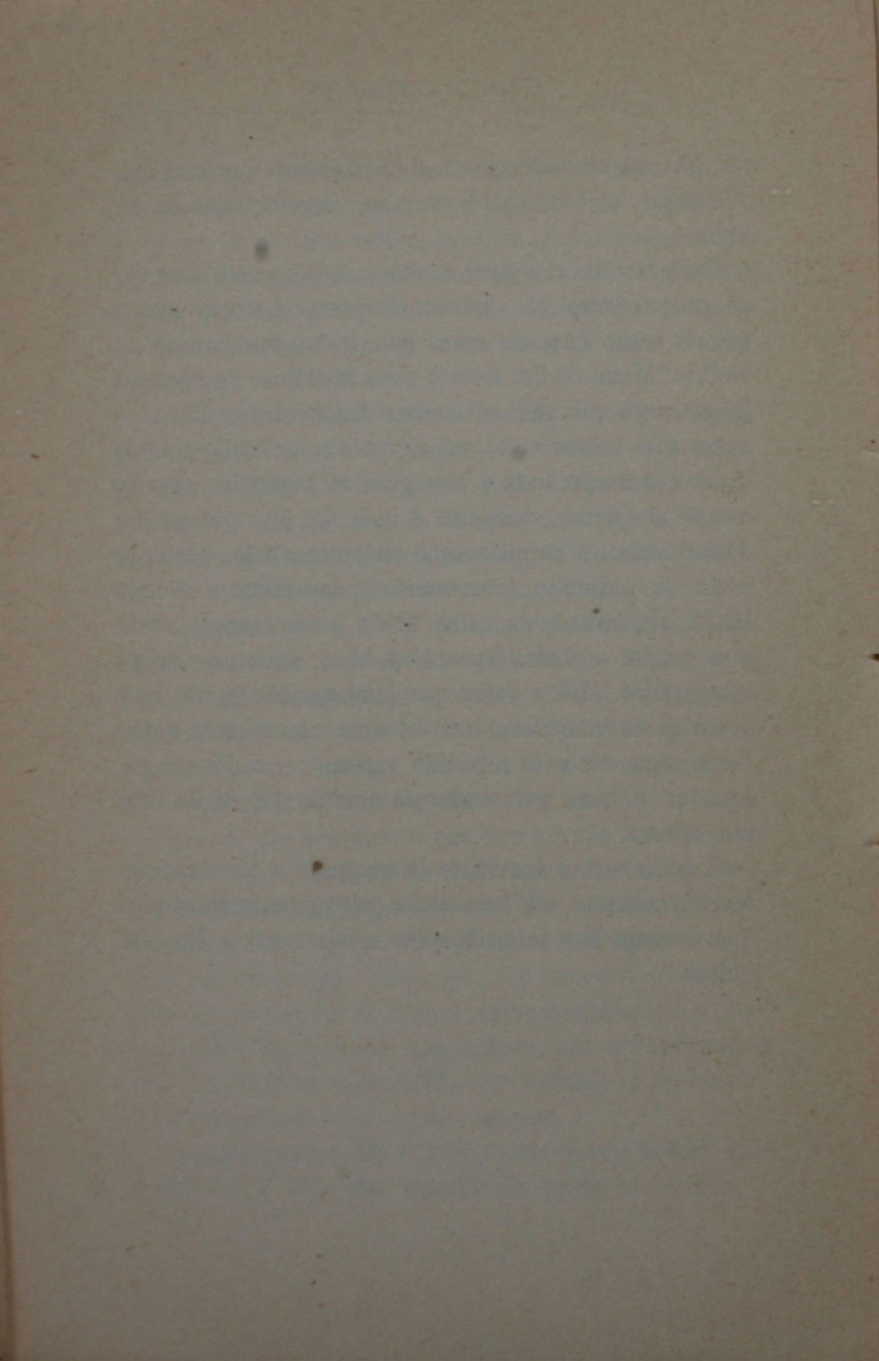
Perguntando ao seu hospede onde quer o bufete, este indica-lhe a ombreira exterior da porta da taberna, o

que ela vai efectuar zelosa, decididamente caminhando, afastando os frequentadores com aquele traste de pinho.

Radiante fala d'alguns senhores que quando vêm ver as propriedades não deixam de passar por sua casa e pagam muito bem, ás vezes pelo dobro mas comem do melhor. Mario dá-lhe treta e seria fastidioso enumerar a lenga-lenga que para ali ambos desenvolvem. Ela conversa sem cessar e êle vai ouvindo e incitando-a ainda mais a despejar toda a bagagem de tagarelice para se tornar simpatico, desejado e querido. E' ve-lo puchar d'um mocho, o primeiro que encontra á mão, sentar-se junto da ombreira, observando a cavalaria e alimentando a conversa da velha. E de perna cruzada, malinha sempre ao lado, cigarro na boca, sustenta e anima a tagarelice. Mas a velha que tambem não perde nem descuida os interesses, traz-lhe uma caneca com vinho — o copo só veio a pedido especial — e diz que vai acender o lume para tratar da comida que ha de ficar um primor.

E ai temos o forasteiro já tranquillo a observar um quadro estranho, e já bem aceite pelos circunstantes porque o viram tão animadamente a falar com a Tia Joaquina.





Buscando novas

*Quando te olhei não sabia
que te ficava a olhar,
se adivinhasse faria
por meus olhos desviar.*

Destaca-se na fileira de almocreves estendidos ao longo da parede, embrulhados em mantas, entre albardas e alforges, dormindo, um grupo de cinco, sentados e trocando impressões ainda, mais retardatários no adormecer, homens de certa idade e experimentados, salvo um dêles que é novinho e está de pé.

Mario, fumando o seu cigarro, observa, e agora o assunto versado interessa-o :

1.º Almocreve

Meu Deus, que aldeia esta ! Isto dá que cismar !

2.º Almocreve

Feitiços do Doutor.

3.º Almocreve

Tem dado que falar.

1.º Almocreve

A sua barba branca, o seu aspeito mudo
olhando para nós !

3.º Almocreve

O mal vem dêle.

1.º Almocreve

Em tudo.

2.º Almocreve

E já por toda a parte é falado o doutor.

4.º Almocreve

Louvado seja Deus ! Cem leguas em redor
toda a gente conhece os feitiços que faz.
Cura-nos ?

1.º Almocreve

Êle ! Pois não vês que é Satanaz!
Se não fosse obrigado em a minha jornada
a vir por esta aldeia, esta unica estrada,
não passaria aqui nem uma vez sequer.
Mas deixo-a amanhã.

2.º Almocreve

Seja o que Deus quizer.

3.º Almocreve

Anda aí toda a noite a infundir pavor.

4.º Almocreve

Expiando culpas.

1.º Almocreve

Ai, o que faz o doutor !
Só, de noite, lá anda a revolver caveiras . . .

3.º Almocreve

P'ra ter por companhia as tristes companheiras.

5.º Almocreve (*rapazito, ao 1.º*)

Vós que tanto sabeis, vós que sois já velhinho,
não sabeis explicar porque ha neste caminho
um bruxedo qualquer : A gente vai andando,
montado em nosso macho e o macho se não quando
estaca de repente, a modos de peiado,
por mais que se lhe bata ali queda parado ?!

1.º Almocreve

Ah ! já muito peor me sucedeu : Na estrada
vinha, devia ser a meia noite dada,
de subito um diabo aos saltos se montou
na guarupa do macho e tão bem se agarrou

pelas costas a mim, que o corpo me arripia
só disto me lembrar... Que triste companhia
comigo a cavalgar!... O macho andava á tóa...

2.º Almocreve

Movido p'lo diabo.

1.º Almocreve

Era o proprio em pessoa.

Êle agarra-se a nós...

3.º Almocreve

E não pede licença.

Salta para a guarupa, agarra-nos p'las costas
e lá vai bem montado.

4.º Almocreve

O diabo assim tem postas
as mãos sobre um de nós.

1.º Almocreve

Só de o lembrar, que horror!

A custo consegui dizer a oração,
a reza da jornada, ou a nossa oração...

2.º Almocreve

E sumiu-se depois?

1.º Almocreve

E' um remedio santo.

Assim qua a balbuciei sumiu-se por encanto.

5.º Almocreve

Quem sabe se seria o tal senhor doutor ? !

1.º Almocreve

Altos juizos de Deus !

2.º Almocreve

Designios do Senhor !

1.º Almocreve

Em me lembrando disto eu sinto . . . Estava em risco de vir a enlouquecer ! E' verdade, Francisco. Ainda és muito novo, e como tal bem deves nestas cousas cismar.

5.º Almocreve

Que vida a de almocreves !

1.º Almocreve

Quando saires só, á noite, tem cuidado, diz sempre as orações. E' um experimentado que aconselha. E uma vez as nossas orações rezadas, já não ha demos nem ladrões.

Tal é o dialogo que Mario está notando, enquanto a Tia Joaquina, não vem com o chouriço e ovos. Fumando o cigarro, o fumo vai subindo e dispersa tenuissimamente, e o fumador enlevado por essa toada de almocreves vai invocando, vai sentindo, recordando, enquanto uns e outros têm abandonado a taberna e se

deitam por esse chão, enquanto os mais retardatários também vergam pelo cansaço.

Já aquela pobre gente para ali está toda estirada por sobre capachos e enxérgas, dormindo.

Mario vela. Que importa os aldeões durmam, se o poeta vela, que a vida da aldeia não periga do esquecimento.

E assim, recordando, pegado ao canhenho, que retira da malinha, escreve :

A minha aldeia, a minha aldeia tão falada
quando ha a romaria, ela é já tão velhinha,
divide-a uma estrada, ali sempre sósinha,
ali sempre sósinha, ali sempre calada.

A minha aldeia em festa ! o foguete a estalar,
as moças em folia, em trajos de mil côres,
o repicar do sino, o mendigo a bradar.

Lá sai a procissão ! olha o padre ! os andores !
Ai, meus irmãos, ai, meus irmãos dai a esmolinha.
E o sino festival a tanger : dlim, dlão, dlim . . .
a encher d'alegria a animação d'aldeia.

Que cheiro a rosmaninho e que cheiro a alecrim !
Lá sai a procissão. Eia tanta gente, eia !

.....
Não irei ve-la, não ; pois se a minha alegria
tão cedo se acabou ! A ponto d'estas festas
me infundirem tristeza, adorando as florestas
morrendo c'o sol-pôr em horas de agonia,
Não irei ve-la, não ; embora minha mãe,
alegre por me ver bem juntinho de si,

me diga : Vamos, filho, irei ve-la tambem,
iremos á Igreja, irei junta de ti.

Contrariado fui, sómente p'la tristeza
que trouxe da cidade. Eu queria estar só,
ouvindo aqueles ais da misera pobreza
ecoando monte em monte a infundir-me dó :

Ai, meus irmãos, ai, meus irmãos, dai a esmolinha
ao pobre entrevadinho... — E o foguete a estalar...—
olhai que já não vejo... — Andores a brilhar ! —
Mendigos a bradar : Dai irmãos a esmolinha.

Entretanto surge a Tia Joaquina com a frigideira a
chiar. Desce o patamar e enquanto desperta Mario da
concentração na vida da aldeia ou lá na sua aldeia, va-
mos nós a ver o que se diz a respeito dêle na cidade.



Na cidade

*Por muito mal que de ti se diga,
sempre haverá alguma coisa digna
de contestação.*



Em casa de certa condessa, Mimi, sua filha, ao
serão, está sentada na sala ricamente mobi-
lada, folheando um livro de versos e concen-
trando-se lê :

De manhã ao acordar
tudo é veludo macio,
ouvem-se cantar as moças,
soar o rio.

Veem-se azenhas girando
lá em baixo, em redopio,
ouvem-se cantar as moças,
soar o rio.

Depois folheando novamente o livro, pára e diz para si, como que absorvida por um sonho, as composições que lhe caem mais na alma e que traduzem a paixão que o poeta por ela alimentou :

Aquela doce imagem que em mim tive,
Aquele doce enlevo em mim viveu !

Já não vive ? Morreu ?

Sonatas de Mozart eu vou morrendo...

Orquestras em meus sonhos vão tangendo

Hinos d'amor... Amor ?! Ainda o tive ?!

Esse amor já não vive ?

Ainda está vivendo ?

Sonatas de Mozart eu vou morrendo...

Este merencor incute-lhe desanimo e deixa a mercê da gravidade cair o livro no chão, fica-se mais contemplativa, pensando na felicidade que lhe poderia dar aquela alma d'artista ligada á sua existencia. Mais um suspiro e eis-a novamente na leitura :

Rios de luz nos salões,
tudo baila, baila imenso ;
não te percas n'esses rios,
meu amor.

Perde-te, sim, n'uma aideia
a ouvir o arroio extenso,
a ouvir Avé-Marias,
meu amor.

Oh que lindos laranjaes !
Sôa a nora em seu gemer . . .
Ouve o chocalho da nora
soar, bater . . .

Crescem as sombras das arvores
e marulham os pinhais . . .
Amo tanto as suas vozes . . .
Vozes ? Ais.

Brada a agua nas levadas,
leite de luar a verter . . .
Ouço o chocalho da nora
soar, bater . . .

Oiço ao longe o mar bramindo
como a voz dos pinheirais . . .
Vem ouvir a sinfonia,
os seus ais !

Absorvida por estes pensamentos queda-se extatica, dilatando a alma pelo além imergida nas côres do sonho, na fantasia romantica, como que ouvindo as sonatas de Mozart, como que vendo uma paisagem algarvia. Como que ouve pela calada da noite o chocalho duma nora bater e os veios aquosos nas levadas brilhando com o luar como nos contos de moirinhas encantadas, moirinhas que gemem chamando por quem as desencante e ninguem aparece que as saiba desencantar. Sentia-se como que uma d'essas moirinhas de que

êle lhe falava e as colocava nessa paisagem, e êle tão cego que não via que ela o adorava, que se sentia uma dessas moirinhas desencantadas e que lhe dava todo o seu misticismo, todo o seu ser. E perguntas na mente, perguntas próprias dum desolamento lhe surdem : Para onde iria êle ? Por onde andarâ ? Neste instante sente afastar-se um reposteiro. E' sua mãe que entra.

Condessa

Minha filha, estás lendo ?

Mimi

E' certo.

Condessa

Lendo o quê ?

Mimi

Um livrinho qualquer. Em verdade nem sei.

Condessa

Ah ! São versos de Mario !

E's uma inconsciente;
fojes do meu conselho...

Mimi

O que hei de ler ? Doente.

Condessa

Deves ir ao doutor.

Mimi

Êle sabe lá nada.
Só me sabe dizer... uma tal misturada
de drogas e paixão...

Condessa

E' um homem perfeito.

Mimi

Veja lá a mamã se a cura leva geito.

Condessa

Não gostas de teu primo, e creio bem ser êle
que te dará o mimo...

Mimi

E que me dá o fel
tambem isso é verdade.

Condessa

Um médico, um talento,
o melhor de Lisbõa.

Mimi

E' enlace portento,
mamã?

Condessa

Então não é?! Um grande especialista.

Mimi

Pode ser muito bem, mas é mat'rialista.

Condessa

Co'uma grande fortuna, um homem que eu estimo.
Não, tu has de mudar.

Mimi

Eu?! Casar com um primo?!
Então preferirei ficar sempre solteira.

Condessa

Vê a sua fortuna. Olha, fazes asneira.

Mimi

A mamã gananciosa agora d'esta vez!
O papá era pobre.

Condessa

O papá! A paixão,
o meu ser, o papá! Tem lá comparação!
Toda a gente inda o chora. Um homem de excelencia,
um ministro do reino! E' morto, e a essencia
das sábias leis é d'ele inda hoje! Marcou.

Mimi

Parece que a mamã foi sómente a que amou!

Condessa

Egoista nunca fui, mas o talento foje...
Já se não tem assim um tal ministro! Hoje
qualquer abraça a pasta.

Emfim, seja o que fôr,
já muito velha estou p'ra materia d'amor.

No entretanto dir-te ei que os conselhos de mãe nunca iludiram, filha, e se pensares bem tu me darás razão... Escuta o meu conselho : Mario é um doido, e diz-me o que vês n'esse espelho que veiu cá p'ra casa ?

Mimi

A Miss ? Coitadinha !

Condessa

Contou-te a vida ?

Mimi

A mim ? Não.

Condessa

Ah ? !

Mimi

• Conto-lhe a minha.

Condessa

Mas sabes muito bem que ela foi sua amante.

Mimi

De Mario ?

Condessa

Sim.

Mimi

Já sei.

Condessa

Portanto d'ora avante farás por não toldar o nome da familia.

Tu deves esquecer esse homem que em vigília te extenua . . . , te põe a um livro pegada, um homem, um pateta . . . E o que é que vale ? Nada.

Mimi

Nada, é como quem diz.

Mas eu já o deixei.

Condessa

E deixaste-o por quê ?

Mimi

Pois não lh'o expliquei ?

P'lo facto de passar a vida com amantes.

Pois não foi mesmo assim que lhe falára d'antes ?

Condessa

Pode lá isso ser . . . Que o deixes eu espero.

Mimi

Bem o sabe a mamã, porém . . .

Condessa

Casar?! Não quero.

Mimi

Não é isso, mamã. Eu nunca mais o vi,
e nem sei por onde anda.

Condessa

Ah ! mas estás ai
a ler o seu livrinho !

Mimi

Ora a mamã castiga-me demais. Por que não lê-lo?! Então assim obriga-me...

Condessa

Tens razão, minha filha. Eu não tenho motivo p'ra ser tão contra Mario. E' um homem altivo, a quem favores devo. E' bem digno de dó. Basta ser femeeiro. Agora vive só, pôz de parte o convívio... E por onde andará?

Mimi

Deve de estar dif'rente.

Condessa

Oh! Dif'rente!

Mimi

Sei lá.

Condessa

Conheci-o tão bem! Era digno o castigo. Mas verdade, verdade, é que foi sempre amigo, e por isso direi: oh! não deves supôr que se amares alguém eu vá contra esse amor, Fortuna temos nós, mas pensa-se primeiro no passo antes de o dar, talvez o derradeiro. Porque se fala assim uma mãe, nota bem, é porque já amou, também amei, também. Mas dize-me uma cousa. Agora que sabemos desses passos que deu a Miss, nós que a temos

dentro de nossa casa, e se sabe o que foi essa mulher (perdida !), acaso não te doe ve-la junto de ti ? Acaso essa mulher far-se-á mulher de bem ? Pois não será bom ver se deve continuar ?

Mimi

Ninguem diga desta agua não beberei, mãã.

Condessa

E' verdade, que magua !

Mimi

E depois que me importa ! Haveria tolice ; mas dentro desta casa é sempre a Miss, ó Miss ! Saindo esta vem outra, e sabe-se-lhe a vida ? E não será peor ?

Condessa

Era mulher perdida.

Mimi

A mamã fala, fala. Então uma criança sem ter mãe, sem ter pai, á mercê da Esperança no mundo ! E' uma esmola a gente socorrê-la. Gosta tanto de nós, e tão humilde, é vê-la ! Brotou-lhe um dia o amor, talvez por ver-se só, por ser boa confiou num e noutro . . .

Condessa

Que dó,
que exemplo, minha filha !

Mimi

E assim anda no mundo
uma alma como aquela ! Eu li-lhe bem o fundo.
Repare que aí vem.

*(Elisabeth entra, palida, doente, envolta num abafo
de veludo, tossindo).*

Onde estava ?

Elisabeth

Deitada.

Condessa

Não se sente melhor ?

Elisabeth

Um pouco adoentada.

Mimi

Toma um chásinho ?

Elisabeth

Não.

Condessa

E' muito conveniente.

Vou já mandar faze-lo.

Elisabeth

Oh ! não.

Mimi

Mas o que sente ?

Elisabeth (*tossindo*)

Simple constipação.

Condessa

Ande bem abafada,
que isso ás vezes... cautela.

Elisabeth

Oh! não ha de ser nada.

Condessa

Vou ver se o chá 'stá feito ou vou mandar fazel-o.

Mimi

Vá, mamã, que eu tambem o tomo.

(*A condessa sáe*)

Elisabeth (*compondo o penteado*)

Este cabelo!

(*Reparando no livro abandonado no colo de Mimi*)

E' o livro de Mario?

Mimi

E'.

Elisabeth

Muito e muito lindo!

Mas o livro (não sei!) parece estar fingindo
sentir o que não sente. A's vezes...

Mimi (*lendo o titulo*)

«Voz da aldeia»

Talvez tenha razão, se a minha alma receia...

Elisabeth (*animando*)

Não, não receie d'ama-lo. E' digno dum amor
tão puro como o vosso. E' um noivado em flor
que no Adro eu verei.

Mimi

Agora!... E faz-me pena
relembrar que o deixei. Ele não a tem.

Elisabeth

Tem-na,

pode crer. E se ler bem o livro êle o diz.
Procura disfarçar, mas uma alma infeliz
em matéria d'amor denuncia-se logo.
Perscrutando-a bem, vê-se, adivinha-se um fogo
ou labareda d'alma.

Mimi

Eu nunca mais o vejo,
nunca mais saciarei este louco desejo
de vê-lo ao pé de mim.

Elisabeth

Vê-lo-á, pode crer.

O amor a existir, oh! não pode morrer.

Mimi

O que deu um capricho!

Elisabeth

Eu sei, minha Mimi,
que em parte fui a causa. Arrependida vi
sómente para mim, que se vinha a saber
a minha antiga vida, aquele meu viver!
Não me enganava, não.

Mimi

Adivinho o que seja.

Elisabeth

Por mim já o esqueci. Nem pensei na Igreja.
Se êle sempre falava em a sua Mimi.
Quem me havia dizer que estaria inda aqui
junto d'ela! Pois, quem me havia de dizer!

Mimi

A Miss é alma sã. Olvide esse viver.

Elisabeth

Sois mais do que uma irmã. E pronta a perdoar.
Porque, se a minha vida eu vos fosse contar,
a minha vida toda, esses amores d'antes!

Mimi

Miss amiga, falai.

Elisabeth

Falar de quê? D'amantes?!
Ah!... ah!... Todos o mesmo e provocam-me o riso.

(Rindo histerica e desvairadamente).

Mimi

Meu Deus, enlouqueceu !

Elisabeth

Sim, falta-me o juízo.

Enquanto fiz da vida um purissimo sonho,
confesso, naufraguei. E' um viver medonho
a supplicas ceder e a f'licidade foje.

Mimi

Não se deve ceder ?

Elisabeth

Mas se fosse hoje, oh ! hoje !

P'lo muito que sofri percebo o que é o ardente
amor ! ardente, ah ! . . .

Mimi

Oh ! não sabe o que se sente !

Sentir o amor cá dentro a inflamar o seio,
labareda a subir, um fogo . . .

Elisabeth

Se o sei ? ! Sei-o.

Mimi

E' perfume a queimar, a percorrer as veias.
Tolda o rosto . . .

Elisabeth

Fujir ! que nos tolda as ideias.

Mimi

Dá estro, inspiração... O peor é que a gente também vê ilusões.

Elisabeth

Já sabe o que se sente.

Mimi

O amor é um perfume a encher-nos o scio, se pensamos falar... Não sabe?

Elisabeth

Oh, se o sei. Sei-o.
Pega-se a lingua á boca. Eu também o senti.

Mimi

Tão lindas coisas diz.

Elisabeth

E' verdade, Mimi.

Mimi

Tambem já teve amor, já sentiu por alguém...?

Elisabeth

Oh, se o senti! Tambem já amei, sim, tambem.

Mimi

E sabe definir o que será o enleio que nos tolhe a razão...?

Elisabeth

Sei-o muito bem, sei-o.

O amor...

Mimi

Diga.

Elisabeth

Em mim foi ciume, um vulcão
a explodir a lava, antes fôra carvão
sem lume! Ah! o ciume é o fel, é a chama
que Lucifer envia, acende-ncs, inflama,
bôa amiga. O ciume, oh! nunca o sintais, nunca.
E' tal como um abutre a pôr a unha adunca
n'um peito inconsciente, até ensanguentar-se...
Parece esmorecer um tanto por disfarce,
mas volta novamente até ficar exangue...

(tosse n'um ataque)

Não vê o meu estado?

(mostrando o lenço)

Olhe!

Mimi

Meu Deus! E' sangue.

Elisabeth

Peço não diga nada. Eu sou tão vossa amiga.
Está triste, Mimi?! O que tem?! Diga, diga...
Pois que mal lhe fiz eu? Que mal lhe fiz, Mimi?
Por Deus, não chore. Peço, implôro.

(á parte)

Eu me perdi
na cruel descrição. Adivinha, meu Deus !

(alto)

Sou tão sua amiguinha.

Mimi

Ai, boa amiga.

Elisabeth

Céos !

Que receia de mim ? Julga-me já perdida,
Mimi ?

Mimi

Ah, bôa irmã, ceife-me antes a vida,
mas não olhe p'ra Mario.

Elisabeth

Eu ? ! Eu ? ! Antes a morte
que vê-la n'esse estado.

(chorando)

A minha pouca sorte
vem todos perturbar.

Mimi

Quero-a ao pé de mim.
Deus lhe ha de agradecer.

Elisabeth

Pois receava de mim ? !

Sempre calquei o amor na vida, nunca o tive.
Lembrai-vos do que fui! A meretriz não vive
do amor! isso p'ra ela é capricho, um sudário...
Pois receava talvez que eu tinha amor a Mario?!
Receava? Diga.

Mimi

Sim.

Elisabeth

Tontinha! Que ilusão!

Eu nunca amei ninguém, nunca.

Mimi

Não amou?!

Elisabeth

Não.

Falei só para ouvi-la.

Mimi

E se a Miss chegasse
a ter uma fortuna?

Elisabeth (*respirando*)

Oh!...

Mimi

Talvez que o amasse?

Elisabeth

Sou descrente do amor. Se amei? foi a grandeza...
E uma vez que tivesse uma grande riqueza,

iria a passear em belas carruagens. . .
d'homens faria cães, de reis faria pagens.
Porque isto, minha amiga, a mulher possuída
p'lo homem uma vez, é farrapo da vida,
perdeu de todo o encanto, a beleza, o primor,
e não tarda que seja escrava d'um senhor.
A bem dizer é seda enquanto está vestida,
extasia, seduz, depois sendo despida,
c'o tempo vai p'ra rua e aí é um farrapo.
E seja seda ou linho a gente diz ; um trapo.

Mimi

Uma nobre lição.

Elisabeth

Olhai que eu aprendia-a
na escola da vida. Eu também não sabia.

E enquanto divagam sobre assuntos amorosos, vamos
nós á aldeia ver Mario que já deve estar adormecido.



Na estalagem

Quando ha novidades não adormecem os sentidos.



final julgavamos Mario adormecido e ãe ainda está desperto como um rato, na estalagem ou hospedaria d'almocreves, velho caseirão com o seu primeiro andar que do exterior dá ideia duma agua-furtada ou sobrado com quatro microscópicas janelinhas para a frente, e seteiras para traz, as quais dão luz para o interior duma escada de madeira, quase a prumo. Essa agua-furtada corresponde á parte do teto da cavaliariça onde estão mais avolumadas as recovagens. O restante da cavaliariça é coberto de telha por onde penetra o vento sibilante e se escõam gotas de chuva, sendo o pavimento atapetado de estrume macio de solipedes, empapado e polvilhado de palha. Na fiada de manjadoras os burros, os machos, as mulas comem a parca ração, agri-dem-se receando o visinho compartilhe do que lhes

pertence, relinham, dão assopradas e enterram mais o focinho na palha ou ração, bem como os homens na defesa de seus interesses. Os donos, coitaditos, estendidos ao longo da parede nas trazeiras de suas montadas, dormitam e resonam como outros tantos animais... Mario, também na linha d'esses prostrados, embora sentado, como que jaz pensativo ao bufete (mesinha), tendo diante de si uma caçarola com restos de comida, uns pratos esmaltados e a caneca de vinho e copo. E pensa naqueles humildes almocreves estendidos para ali, sujos, e quem sabe se também terão sonhos de espiritualidade! Aquelas falas dêles, aquela superstição parecem traduzir o sentimento que vai nêles, ignorantes, e que poderia talvez dar assunto, apesar de tudo, ao primeiro poema da humanidade. A principio Mario sentia um gesto de repulsa pelo ambiente, mas a fadiga e o hábito destes percursos o acomodavam, passando agora a absorver um conforto d'alma, uma religiosidade profunda. O silencio é quase inteiro, apenas se quebra de quando em vez pelo resfolgar das bestas ou pelos passos da Tia Joaquina que, na taberna, escassamente alumiada por uma candeia, se move dando signal de si, ou perturba com o tilintar de pratos e de copos na lavagem.

O certo é que o vate está mais ou menos resignado; ou por costume d'andar nestas viagens ou seja porque algum enlevo o transporte para longe destes paradeiros.

Já uma tempestade havia passado e já outra se começa a intensificar. A agua chia sobre o telhado e o excentrico contempla o mundo intimo.

O velho estalajadeiro já lhe deu as boas noites de despedida e a velha Joaquina ficou a fazer as honras da hospedaria, como de costume. Êle é lá para aturar os beberrões, ela para tratar com venias e carinho os bons freguezes de comida, que pernoitam.

A chuva cai e o vento assopra lá fóra, zunindo. O nosso heroe abafado num sobretudo de peles, contempla o incomensuravel, filosofando com o cigarro e aguardando venha um bocado de queijo e laranjas que lhe completem a ceia. Contempla, pelo seu feitio sismático, o projectar de sombras, lembra o passado, sonha. A tia Joaquina é que o desperta, coitadita, anima-o, nos tantos esforços que faz por bem o servir.

Ela aí vem com o queijo e um *balão* de laranjas.

Tia Joaquina

Ó meu rico senhor, coma que ha de gostar.
Laranja da melhor. . .

Mario

Não é para extranhar.

Tia Joaquina

Mas tudo muito caro. E agora veio a guerra,
e quando a guerra vem toca a cidade e a serra.

Mario

Diz bem.

Tia Joaquina

Por este andar ha de querer-se um lenho
e não se ha de ter.

Só eu dois filhos lá tenho,
sem esp'rança de os ver!

Mario

Na guerra?

Tia Joaquina

Na desgraça

que os ha de sepultar. Eu nem sei o que faça
de mim! O Antonio, o João...! Que dôr lembrar-me dêles!
Tiraram-m'os das mãos... e quem foram? Aqueles
que nos sabem roubar, impôr contribuições...
que não poupam ninguém, — salvo seja, ladrões.
Levaram-me o amparo, os meus pobres filhinhos,
os dois... e logo os dois...! (*chorando*)

Mario

Paciencia! Coitadinhos!

Tia Joaquina (*animando-se*)

E a sopinha era boa?

Mario

Optima.

Tia Joaquina

Era o que havia.

Jantar sem a sopinha, ora eu não lhe dizia!
Acredite o senhor que os nossos fidalguinhos
quando vêm a caçar acham os nossos vinhos,
nossos guizados, tudo arranjado a primor.
E olhe, bcm ricos são, assim como o senhor.

Mario

Gosto d'esta região.

Tia Joaquina

E' linda a nossa terra ! . . .

Mario

O aroma dos pinhaes e o ar que vem da serra . . .

Tia Joaquina

Este ano é que foi mau, de tudo ha escassez.

Não é d'aqui, pois não ?

Mario

Não. Vim passar um mez
à provincia, e assim percorro dia a dia
o campo mais vistoso.

Tia Joaquina

Ah! bem me parecia
a mim. Vê-lo sósinho! Apenas a malinha
e a pé! Achei extranho. Ah! mas assim não vinha
eu, não.

Mario

Por vezes ando a observar a cavallo;
mas achei tão bonito o sitio que a observo-o,
me afastára demais da cidade.

Tia Joaquina

Compr'endo :

Vive lá na cidade e andando, vendo, vendo...
aqui veio parar.

Mario

E' onde tenho as malas.
Os arredores vejo e torno a ir buscá-las
em pensando sair.

Tia Joaquina

Então pelo que vejo
já tem viajado muito ?

Mario

Oh ! sim. O meu desejo
é ver todo o país. E tenho-o já andado
quase de norte a sul.

Tia Joaquina

Já tem visto um bocado.
Ah ! senhor, se eu tivesse assim muito dinheiro,
garanto que veria o Portugal inteiro.
Faz bem, faz muito bem. Vale mais o corrido
— eu sempre ouvi dizer — muito mais do que o lido.

Mario (*abrindo a malinha*)

Veja-me esta malinha. Ai trago camisas,
ceroulas, meias... veja !

Tia Joaquina

Ah ! são muito precisas
as roupas.

Mario

E perfume.

Tia Joaquina

Oh que cousa formosa !
Mas como cabe aí na mala tanta cousa !

Mario

Esta linda malinha é propria para isto.
Foi feita de encomenda.

Tia Joaquina

Assim é que é, 'stá visto.
Coitado de quem é pobre ; pois cá na aldeia
mal se tem p'ra comer e manter a candeia.
E vai tudo a peor. Imagine o senhor
que até um olival já deitaram a terra,
p'ra venderem a lenha ! O que traz uma guerra !
Custa muito ver isto ! Oh ! parecem facadas
no nosso coração ! Quando vejo um machado
as arvores cortar, ouvir-lhe o matraqueado . . .
oh ! parece-me a mim, vejo claro na mente
que a lenha que se corta é a carne da gente.
Aquele matraquear a atroar cada vez mais,
sei lá o que me lembra ! E' mesmo os nossos ais.
Pode-se lá ver isto ! E assim fazem carvão.

Mario

Tambem pode servir p'r'as taboas dum caixão,
o leito dum noivado, a excelente cadeira . . .

Tia Joaquina

Sim, sim, tudo se faz d'essa pobre madeira.

Mario

Mas ela nos dirá quando a cortá-la estão :
Tambem devo servir p'r'as as táboas dum caixão.

Tia Joaquina

Pois se vamos assim, acaba-se o azeite
e até a propria lenha.

Ha então quem aceite
a guerra ! Neste andar ha-çe querer-se um lenho
e não termos. . . Só eu dois, dois filhos lá tenho
sem esp'rança d'os ver ! Ai, a minha desgraça !
Tiraram-m'os á força. Oh ! gente de má raça !
Bem ouvia eu dizer meus velhinhos avós ;
Republica ! se vier é mal p'ra todos nós.
Nunca mais ha socego ! Então não será isto ?
Até o regedor diz mal de Jesus Cristo.
Deus abençõe o mundo.

E os meus filhos lá andam,
coitadinhos !

Mario

Anime,

Tia Joaquina

Enfim eles os mandam.
As guerras. . .

Mario

O destino, interesses, peijas. . .

Tia Joaquina

E até andam p'ra ai a assaltar as igrejas!

Levaram-me o amparo, os meus filhinhos
já não podem voltar, e se voltarem
entrarão essa porta aleijadinhos,
cegos, coxos, sei lá! os pobresinhos
devem lembrar a mãe quando os matarem.

Diz-se que vão buscar grande riqueza.
Que importa essa riqueza, isso o que vale?
se ficam esses campos em maleza,
não ha quem lavre as terras, a devesa,
nem quem leve os rebanhos ao curral.

Não ha braços, pois quem semeia o trigo?
Não ha gado, pois quem o faz pejado?
Se me ouvisses? se és bom? ministro amigo,
de certo concordavas tu comigo.
Para que é tanto sangue derramado?

Verás ouvir dizer o gado a tanto,
o milho a tanto, a elevado preço.
Não pagam as riquezas nosso pranto,
não pagam os meus filhos que amo tanto,
mas se fôres tambem, ministro, ob'deço.

Leva os meus filhos. E' um gesto nobre!
Eu sei calcar a dor, sei ob'decer;
Mas lembra-te, ministro: Sou tão pobre!
Se acaso tens o ouro que te sóbre,
eu sou pobre, não tenho p'ra viver.

Na minha pequenez fiz o que pude,
tudo. Nem todos dão tão raros bens.
Não tenho nada, nem sequer saúde,
à mingua morrerei, mas se é virtude,
se não é por maldade lá os tens.

Mario (*ouvindo uns ais lá fóra*)

Mas o que ouço eu?! Como que ouço chorar!

Tia Joaquina

Mochos talvez? Pois não se fartam de piar!

Mario

Isto está uma noite! Este zunir do vento...
Parece-me chorar!

Tia Joaquina

Oh! que vento! que vento!

Mario

Leva latas, latões e lá vai de viagem,
ralhando por aí, rangendo co'a folhagem...

Tia Joaquina

Mas quando ha luar as noites são de fadas,
'té ha quem tenha visto as mouras encantadas
sair-lhes ao caminho.

Voz (*fóra*)

Ai! ai!

Mario

Bem digo eu.

Tia Joaquina

Chorar a esta hora! Oh! alguém que morreu.

Voz (fora)

Ai, Jesus! ai, Jesus!

Mario

Céos! o choro arripia.

Tia Joaquina

Meu Deus! O que será?!

Mario

Escute.

Tia Joaquina

Que agonia!

Mario

Parece vir p'ra aqui.

Tia Joaquina

E' verdade. Estremeço.

Já 'stá ao pé da porta.

Voz (fora)

Ai! Ó Tia Joaquina?

Abra, se faz favor.

Tia Joaquina

Oh! Esta minha sina!

(Corre a abrir a porta e surge-lhe um velho coxo, molhado, de chapéu de aba larga gotejando e uma manta aos ombros empapada de chuva. Entra. A estalajadeira fecha a porta e corre a tranca.)

O que ha, ó Tio António?

Tio António *(encaminhando-se coxeando para a porta da taberna, onde permanece Mario)*

Ai, o que hei de eu fazer
à minha vida? Morta.

Tia Joaquina

Ai! fale, diga.

Tio António

Ver...

Tia Joaquina

Mas quem?! Sua mulher?

Tio António

Ver a grande enxurrada
leva-la cheia abaixo.

Tia Joaquina

Ai, meu Deus, afogada!
Que ribeira maldita!

Tio António

Ai, Jesus! E a coxear
aos baldões 'té aqui... Eu nem posso falar...

Tia Joaquina

Coitada! Deus lhe salve a alminha. Lá se foi...
Era santa mulher. A mim também me doe
porque era amiga d'ela. E, céus! assim morreu!

Tio António

Qual?! Se fosse ela não me incomodava eu!...
Minha burrinha bela...

Tia Joaquina

A burra é que morreu?!

Tio António

Sim. 'Stou sem pernas. Pois agora o que sou eu?

Mario

E o senhor o que faz?

Tio António

Sou um pobre almocreve,
um coxo, como vê, que andava ao frio, á neve,
quando tinha a burrinha... Agora mesmo foi-se,
levada pela cheia... E perdoci-lhe eu o coice,
que me poz n'este estado! e perdoei-lh'o por que?
Porque tendo-a a ela inda andava. Agora, vê!
Que officio hei de ter?

Mario (*percebendo, comovido pelo quanto custa a vida a um desgraçado*)

E quanto custaria
a burra, se a comprasse ?

Tio António

Agora onde é que eu ia
arranjar o dinheiro ?

Tia Joaquina

E' verdade. Coitado !

Tio António

Veja lá Ti' Joaquina o que é ser desgraçado.

Mario

E o que pode custar uma burra na aldeia ?

Tio António

Muito dinheiro. Nem cinco libras e meia . . .

Tia Joaquina

E aonde as arranjar ?

Tio António

Eu não tenho vintem.

Meu Deus !

Mario

Não chore mais.

Tio António

Não choro!

Mario (*movido superiormente por um gesto d'altruismo, alheio de si próprio, maquinalmente, — ele tinha d'estas coisas assim — leva a mão á carteira, tira uma nota de cem mil réis e dá lh'a.*)

Aqui as tem.

Tio António

Para mim cem mil réis?! Cem mil réis em dinheiro!

Mario

P'ra comprar outra burra.

Tia Joaquina (*admiradíssima, quase com inveja, perplexa*)

Oh! é muito dinheiro.

Tio António

O senhor será Deus?!

Mario

Aceite e vá dormir
descançado.

Tio António

Oh! senhor, pois posso lá dormir
com tamanha alegria!

Tia Joaquina (*quasi invejosa*)

Ora, não lhe dê tanto.

Mario

Se me falam mais n'isso então dou outro tanto.

Tio António

Ah ! meu rico senhor, sois Deus que anda na terra.
Tenho ouvido falar que ás vezes vem á serra
aliviar o pobre.

Mario

E' Deus quem vol-o manda.

Tio António

Ai ! que feliz eu sou ! (*á Tia Joaquina*)
Ora vê que sempre anda
o Senhor cá na terra. Ai, meu rico senhor !
Foi uma esmola grande.

Mario (*a Tia Joaquina*)

Agora acho melhor
lhe traga qualquer cousa, ai p'r'o nosso amigo.

Tia Joaquina

Tanto dinheiro !

Tio António

O quê ? ! Não gaste mais comigo.

Mario

Eu quero companheiro até ao fim da ceia.

Tio António (*a Tia Joaquina*)

Então venha presunto.

Mario

E vinho.

Tio António

Ah ! cá na aldeia
não haveria quem me fizesse o que fez !

Mario

Ande lá, Ti' Joaquina.

Tio António (*para si, jubiloso*)

António ! E' o que vês !

Tia Joaquina (*movendo-se a custo, seduzida*)

Louvado seja Deus ! Dar-se tanto dinheiro !

(*e entra na taberna, dizendo para si*)

Eu não poupava tanto em um seculo inteiro !

Tio António

Nosso Senhor lhe pague. E como hei de trocar
uma nota tão grande ? ! Eu cá nem sei contar.

Mario

Chega para a burrinha ?

Tio António

Ah ! chega, chega e sóbra
p'ra um ano talvez. Mis'ricordiosa obra !
Jesus lhe pagará. O senhor vem de Deus ?
Foi êle que o mandou a ver os filhos seus ?

Mario

Chocára-me bastante ouvir a sua sorte.

Tio António

Nós somos cinza e pó, e é depois da morte
que Deus abençoará. Isto será um sonho ?
O senhor não é Deus, não é, mas eu suponho
que seja... quem ? Sei lá ! Quem nos sai nas estradas
da vida, a bem dizer a dar ouro de fadas
que em noites de luar nos saiem ao caminho,
— tenho ouvido contar — dando ouro ao pobresinho.

E enquanto a Tia Joaquina vai buscar o presunto
para o Tio António, enquanto o poeta vai ouvindo os
agradecimentos d'aquele misero almocreve, vamos nós
observar a noite que, embora agitada ainda pelo vento,
já mostra clareiras de céu lavado, onde a lua branca
como um queijo assoma e alumia ostentadamente.



Subjectividade d'uma noite

*Contempla que adivinharás, son-
darás o misterio e conhecerás o que
d'outrem é desconhecido.*



Vai a noite p'las ramas d'arvoredos
vertendo humidas bagas, luz de prata;
soluça o pinheiral a serenata
e alongam-se umas sombras de penedos!
Olha, alem vai a lua, já descendo
no silencio, e rebrilham dardejantes
gotas d'orvalho, perolas brilhantes,
e esse mesmo que as faz as vai bebendo!
Cantam lendas os pinhaes,
nos seus ais,
dos antigos cavaleiros.
Ha duelos por donzelas,
surgem elas
abençoando esses guerreiros!

Ó aldeia, estás lembrando,
vendo quando
dilue o saudar que sentes?
Cavaleiros a galope,
top... top... top...
Cavaleiros nos Ausentes!

De dia ouves cantadeiras
nas ribeiras
labutando sol a sol...
de noite contos de fadas
nas estradas
deixando oiro no arrebol.

Ouves de alcaides historias
que as memorias
incitam ao pátrio amor?
Um castelo a ser tomado,
já cercado,
e o alcaide com valor

defendendo esse castelo?
Como é belo
dar á fama o seu louvor
a quem prestou vassalagem,
com coragem
sair sempre vencedor!

Anda o tropel dos Ausentes,
ais doentes

de trovadores! Mol!... mol!...
Vão-se as sombras esgueirando,
alongando
e adormece toda a prol'.



Um doutor

Doutores? Douts são os que sabem e aumentam o saber dos outros.



bservemos quem é o Doutor. Um doido? Quem é essa alma estranha? que vivendo n'uma aldeia traz todos inquietadoramente. Quem é essa figura de barba patriarcal? que mudamente ás tardes costuma atravessar os verdes e denegridos campos. Que enigma estranho existirá na sua vida? Estará o leitor assegurado que é um doido? Se é um doido ou não jamais nos atreveramos a afirmar, porque Aristoteles, filósofo grego e sábio tão distinto que a historia lhe rendera o cognome de Pae da ciencia, o escolhido pelo imperador Filipe o Grande para mestre de seu filho o imperador Alexandre, afirmava que não ha génio sem doudice. Seria o Doutor um génio? Tambem não ousamos asseverar que fôra um génio, pois que os génios são tão sublimes que

chegam a roçar indissolvemente os próprios deuses, e só elles o poderiam justificar. Se não afirmamos seja doido, se não afirmamos seja génio, o que afirmaremos nós? Que é um vagabundo, um inconsciente, um desiludido do mundo, ou um médico que perdeu o juizo num esgotamento cerebral ou por haver perdido de todo a memória no estudo da anatomia? Seria elle a estátua viva, animada desse esgotamento para exemplo dos que o cercam? Sim, elle vivendo junto dos aldeões julga-se andar solitário, como solitário se julgaria andando na multidão.

Apezar de tudo, o Doutor é uma criatura riquissima, pois só nesta aldeia tem uma quinta enorme, regada abundantemente de boa agua e adornada do mais excellente e exuberante arvoredor ortifero, onde, pela calada da noite, se ouvem os chocalhos de muitas noras dando linfa de prata por essas levadas onde muitos rendeiros mourejam e muitas familias vivem remediadamente.

E talvez por ser abastado, se explique o facto dos naturais o não fazerem desaparecer dali, porque na faina agricola estão mais ou menos dependentes d'elle. E' portanto este louco — Augusto é o seu nome — uma criatura de quem dependem muitissimos trabalhadores.

Não o conhecem muito directamente, porque tarde ali viéra parar e naquele estado! Todavia os seus avós eram oriundos deste lugar. Seu pai, juiz, era casado com uma senhora de Lisboa, conjuges já falecidos nessa cidade, onde residiram e onde nasceu Augusto.

Fôra seu avô paterno homem grave, de letras, do seculo XIX.

Augusto era filho unico. Gosára de todos os mimos e nunca os pais lhe regatearam coisa alguma. Quando novo era atraente, mas já tinha, porém, no convívio o defeito de ser ponderado demais.

Formára-se em medicina. Afortunado em haveres, partira para Paris, daqui para o Oriente e do Oriente para Paris num longo curso de especialidade. Fôra o mimo dos pais e por isso tivera tudo quanto lhe apetera. Já maduro de idade, desgostos vários o obrigaram a sair de França, meio louco talvez, e foi assim que recolheu a suas terras nesta aldeia. Longe da azafama das grandes capitais, longe do convívio, — nisso lhe consistia o viver, — ignorado de todos, (já lá vão os seus vinte anos !) nestes ermos, já vivera desconhecido, e hoje é um doido que causa temor, mas apesar de todo o agoiro, têm por êle — homenagem a seus antepassados — um recondito e entranhavel respeito. Tal é o motivo de o não haverem perseguido. Ademais cresce não fazer nem desejar mal a ninguem, antes ajuda e trata todos com carinho e gentileza quando se não pode furtar a cumprimentos.

O que os aldeões não perdôam é saberem que tem em casa caveiras e demais ossada humana ; contudo todos se curvam com respeito á sua passagem. Se o maldizem na ausencia, na presença consideram-no, e êle corresponde adoravelmente, seguindo o seu rumo, não se detendo em conversações. E assim, neste logarejo, tem passado ausente dos amigos citadinos, já lá vão cerca de vinte anos !

Que motivo o levára a acolher-se neste refugio ?

passando uma vida tão solitária e de goso talvez ! De goso, sim, porque o anima esta mudez, tem gosos nessa doidice ! Fascina-o acaso alguma ideia ? Acaso este descampado, que mataria de tédio um *dandy* do Chiado ou de *boulevards*, animar-lhe-ha a vida ?

Analise-mos : O doido, Augusto, agora costuma todos os dias dar passeios crepusculares. (Crepusculares ! passeios de noctivagos !) pelos campos, e o mais notavel é que ultimamente segue sempre o mesmo rumo em que o encontrámos com o poeta.

Os aldeões apontam mais este incidente fantasmagóricamente pelo ver seguir durante algumas semanas o mesmo caminho.

Que motivos o demovem a levar a mesma direcção durante semanas seguidas ? E' o que vamos explicar ao leitor.

O louco, o Doutor, o Augusto, como lhe queiramos chamar, vai percorrendo os suburbios da povoação, afasta-se demais e vê ao longe uns cabouqueiros a explorarem uma pedreira perto dumas ruinas, para as bandas do sudoeste. Despertára-lhe aquêlê sitio um interesse intimo, e, quando pelas trindades os exploradores abandonam o trabalho, lá vai êle chegando a observar a obra, como que a indagar as profundezas do globo terraqueo, ou cogitar sobre o que a excavação possa trazer a olhos vistos. E' como que uma curiosidade de geologo ou de antropologo.

Efectivamente a sua situação, o seu estado instrutivo, haviam de incliná-lo ao sabor da ciencia, ao sabor dos grandes pensamentos, das altas concepções.

Se o tomarmos como filósofo, devemos encara-lo, se admitir-se pode, pertencente ao sistema do *misticismo*.

A dentro dos abundantes sistemas filosóficos é mais ou menos genérico considerarem-se cinco: O referido *misticismo*, em que o homem se desprende da matéria para a vida contemplativa, guiado sempre pela ideia de Deus, pondo-se ao alcance da Divindade, absorvendo-A no mundo superior, votando ao esquecimento o que lhe é inferior.

O *cepticismo*, de que Augusto anda infinitamente longe, pois que não considera que a revelação da verdade não seja permitida ao homem, julgando-o em perpétua contradita consigo mesmo, sem que venha a desvendar o verdadeiro, é-lhe quase indiferente. Não é o *ceptico*.

O *sensualismo* que pouco o perturba, põe-o quasi de parte.

Tem o que quer que seja do *espiritualismo* e do *idealismo*, em que, o *primeiro* distingue o espirito da matéria na natureza e no homem, observando que pode chegar ao conhecimento do verdadeiro; o *segundo* serve-se exclusivamente das ideias geraes, que são attributos de Deus e que têm uma vida independente, em que a razão é o reflexo da ideia. Augusto de todos estes sistemas colhe uma forma de ser *sui generis*.

As grandes concepções, o estudo do desenvolvimento espiritual do homem em todas as épocas, a filosofia enfim, alimenta-o e ao mesmo tempo aniquila-o.

Não é o positivista, é o que quer que seja de ontológico, de metafísico e de especulativo. Conhece a fi-

losophia do oriente (chineses, egipcios, persas, etc.) e a grega quase que a palpa em todas as escolas, vendo nitidamente o rastilho da pleiade de sábios na mór pujança e até mesmo na passagem corpórea. Conhece dos gregos o periodo *ante-socrático*, observa a *escóla jónica* (Anaximandro, Anaximenes, Empedocles etc.) que afirma o homem primeiro ter sido peixe, depois reptil e finalmente é um mamífero; a *pitagórica* (Pitagoras) que deu a noção do infinito pela escala dos numeros; a *atomista* (Demócrito) que afirma os corpos serem constituídos por pequenas particulas que se movem no seio desses corpos segundo a mesma lei que os astros no universo, teoria que modernamente Dalton divulgou e de que a quimica faz dominio; a *eleatica* (Xenofanes); a *sofística* (Gorgia); depois entra pela filosofia de Sócrates e como que acompanha este sábio pelas praças a maldizer os oradores: — Deixai-os lá, que são como as meretrizes a negociarem com os seus atractivos.

Será por esse motivo e gosto que o nosso ansião escolheu a vida calada e isoladamente numa recordação?

Vê andar Sócrates do marceneiro para a praça e vice-versa e como que assiste ás lições que o ateniense dá aos discipulos, crente que qualquer homem sabe tudo quanto humanamente se pode saber. Assim vê a duvida de Platão diante o seu mestre n'uma interpelação: — Como pode um escravo d'Atenas saber tanto como eu, mestre?

— Sabe, sim.

— Então trarei um escravo d'Atenas e o interrogarei diante vós, para vos certificar da minha duvida.

Assim foi.

Um dia lá está Platão diante de Sócrates com o escravo, e logo faz a pergunta ao escravo, que, embaçado traduz num espanto não saber o que pensar, nem o que dizer, nem o que fazer, sobre tal pergunta.

No que o mestre intervem, no que Sócrates mostra a sua mestria :

— Cuidado ! As almas interrogam-se conforme a sua delicadeza. Vós é que não sabeis fazer a pergunta, porque a vossa pergunta feita não procura indagar se o ignorante sabe ou não, procura antes embaraçal-o, não é clara. Eu o interrogarei e ouvireis de sua boca demonstrar que sabe o que pretendeis.

E assim Sócrates de pergunta em pergunta, com o cuidado de encadear essas perguntas metodicamente, com a certeza prévia de que a todas iria respondendo o escravo, por ultimo consegue do ignorante a resposta cabal, a própria solução do problema intrincado, resolvido o problema complicado com toda a nitidez.

Este caso é a norma do metodo de trabalho do nosso Doutor, pois que várias vezes o citava.

Ele admira Platão e Xenofonte, unicos que deixaram escrita a grandiosidade de Sócrates, pois que o mestre não escrevia.

Vê esse mestre a ser julgado, inocente, a dentro da accusação feita pelos tiranos de Atenas, seus malevolos companheiros, e ouve-o dizer quando empunha o cális

da cicuta, não aceitando a defesa de ninguém : — Quero morrer inocente, porque se além da morte nada existe para sempre se me acabam os sofrimentos, se além da morte alguma coisa existe quero morrer inocente para ir dar com os inocentes.

E assim o doido, Augusto, continua com uma fortaleza de espirito através as ideias de Platão, de Aristóteles, das escolas *cirenaica, cinica, megarica, pirrónica, epicureia, estoica, escola da Alexandria, dos padres da igreja*, com uma concentração tão séria que não duvidaríamos dera em doido. Depois não se detem só na pujança grega, que tão natural lhe é, revolve-lhe as cinzas com um vigor de renascimento tão grande, que parece assistir ao convívio desses grandes. Passa pela *idade média, renascença*, e vai por diante numa amplitude vastíssima que seria fastidioso enumerar e que nos obrigaria a chegar á análise de nossos dias, cheios de esplendurosos e maravilhosos inventos e descobertas, á parte o desconhecido.

Mas não. Augusto preocupa-se mais com o revolver de cinzas porque o concentra mais e mais o absorve nas concepções do além-tumulo.

E por assim dizer é-lhe de dominio a história antiga desde os tempos primitivos através os tempos mitológicos e os tempos históricos.

E sobre todos estes tempos conjectura, faz divagações duma exuberancia fecunda, ilucidado pelos vastos conhecimentos de geologia.

Vê o homem pré-histórico denunciar-se pelos utensílios de louça e pelos instrumentos de pedra. Vê o ho-

mem no periodo quaternário, e é um dos que afirma que o homem já vinha do periodo terciário, como verifica nos terrenos miocenicicos. Vê assim a epoca da pedra lascada (paleolitica) e a da pedra polida (neolitica); caracterisando a primeira pelas armas e instrumentos de silex (machados), — vagueando o homem na maior simplicidade pelas florestas, alimentando-se de frutos silvestres, de caça e refugiando-se em cavernas que a natureza oferece. Caracterisa a segunda, neolitica, por evidenciar já uma certa industria que é atestada por fragmentos de loiça, restos de cozinha (kjoekkenmoedinger), mistura de conchas de diverso marisco com o carvão.

Vê ainda nessas idades as cabanas lacustres ou palafitas que em 1853 se encontraram pela primeira vez no lago de Zurich, com estacaria mergulhada na agua e á beira dos lagos.

Vê a idade de bronze. E de antiguidade em antiguidade percorre o Ausente.

Vê as raças semitica (de Sem), chamitica (de Chan), jafetica (de Jafet) nos mais remotissimos movimentos e chega ao contemporaneo em tanto estudo que não admira, o filosofo dera em louco.

Mas nesta pujança de erudição algo lhe absorve mais a ideia e lhe dá um cunho caracteristico, um misticismo que adiante nos referiremos. No entanto na passagem corpórea, na altura em que o vamos encontrar, o que o está absorvendo não é só a geologia é também a paleontologia — isso devido talvez á sua profissão de médico ou naturalista, bem que não seja dos

que afirmam que o homem primeiramente fôra peixe, depois réptil e finalmente mamífero, teoria dos gregos inspiradores de Darwin.

Com efeito a paleontologia interessa-o sobremaneira, inspirado nos estudos de Anaximandro e Anaximenes e nos de Darwin — embora Cuvier lhe merecera atenção — e inspirado e embevecido numa completação ideológica dum animal por simples ossos dispersos, em espirito com esses simples elementos constitue ideologicamente a figura do todo do animal, que deveria corresponder em configuração e proporção ao tempo em que viveu.

Vai pesquisar algo nessas escavações, aguardando deparar algo que a natureza lhe proporcione, para com poucos elementos embora, formar um conjunto, crente no principio de que *Natura non fecit saltus*, de que a natureza tem sempre uma mesma lógica tanto no infinitamente pequeno como no infinitamente grande, formando uma escala de continuidade.

Por ultimo Augusto não fôra infeliz de todo no que respeita ao estudo da matéria. Encontrára nas antevesperas uma faca de silex, machados, alimentando a esperança de pesquisar mais alguma cousa nesses passeios vespertinos.

E como este ser estravagante é tão reparado nos sitios em que vive, vamos nós a ver se o acompanhamos no excentrico percurso, pelo menos por curiosidade.

Junto d'um Sabio ou Doido ?

Sábios ? Os sábios quem os acompanha se os não comprehende, julga-os em doidice ?

Deixára Augusto o poeta Mario nesse encontro fortuito na estrada, e seguira direcção oposta, mudára de rumo por um bosque escurecido de sobreiros, por veredas, a caminho duma pedreira que na encosta duma elevação avulta claramente. O nosso ansião, tropeção aqui, tropeção ali, fôra tambem surpreendido pela chuva, e conseguira alcançar o seu alvo, a pedreira, mas teve que abrigar-se numa gruta de penedos, enquanto Mario seguia seu caminho. Quando a tempestade cede lugar á lua, mais ou menos toldada de grossos nimbus e orlada com as limbrias de diafanos cirrus, o filosofo, aproveitando o tempo, lá anda de lanterna eléctrica em punho em procura de talismans estranhos ou fosseis que por

ventura deseje encontrar por essas escavações ou o que quer que possa dar-lhe recursos para o estudo da fauna dos animais petreficados. Deve ser o fóssil que o induz á pesquisa, pois que não se incomodaria tanto por um filão de cobre ou um filão d'ouro ! Entanto este estudo é apenas um recreio para o doutor, porque verdadeiramente procura estas profundezas como alimento de assunto para as suas horas de concentração. Verdadeiramente o que o anima é o conhecimento directo de Deus e nessas altas concepções faltam por vezes ao mundo fisico palavras que traduzam a espiritualisação da ideia para explicar mistérios, pois que ainda são desconhecidos das ciencias positivas. O Sábio nem é iniciado, nem é mestre, nem é adepto nas ciencias occultas ou exotéricas, é uma criatura *sui generis*.

Os profundos recolhimentos que percorrem o indizível e que vêm de longos anos, a letargia, as concentrações enfim, têm-no lançado a mundos desconhecidos, a conviver com o que chamamos invisível. O morto, em certos estados, é uma criatura que êle vê, que reconhece e com quem muitas vezes convive. O passado revela-se-lhe pela mais pequena particula, pois que associando particulas na imaginação o pensamento se encarregará de construir o conjunto do corpo, e mostrá-lo-á todo. O futuro, esse ansião, vê-o tão distintamente como o presente até certa latitude, porque passado, presente e futuro são uma e a mesma coisa : o existente. São a bem dizer uma coisa que assiste. Exemplificando da seguinte forma : O que um individuo vai atravessando numa viagem, e deixa atrás é o passado,

o presente é o que vai atravessando e o futuro é o que ha de atravessar, mas tudo é já existente e conhecido. A ilusão é a mesma e os fins são definidos.

Onde aprendera tanto esse ansião? Por ventura no oriente onde estudára?

A isso não podemos responder. No entanto o que quase podemos afirmar é que é mais um sábio ou um filósofo que o doido vulgar que o povo pensa. Tem um modo de observar para o qual unicamente vive. Estuda os fosseis, estuda a evolução dos sistemas planetários em quasi todas as teorias, desde a nebulose até ao cadaver astronómico ou ao incendiar dos planetas que se dissol. vem no eter: falsas estrelas.

Tem levado a vida a estudar, e só nisso encontra divertimento e entusiasmo. Mas o que o absorve mais é a conjectura sobre o alem-tumulo. O mundo e o que o cerca não o satisfazem. Percorre o alem-tumulo! Já tem algumas experiencias espirituais de seu dominio, ou observações em mental, que muito o hão ilucidado e que — segundo diz — a ciencia positiva (ainda tão atrazadinha!) ha de ser obrigada a reconhecer em descobertas futuras tais experiencias e que afinal tão conhecidas são desde datas remotissimas pelo ocultismo. Os grandes pensadores, os grandes iluminados diz que estão com êle. Enfim, seja como fôr, o certo é que o motivo que o leva tantas vezes áquelas escavações, fôra uma saida em astral que fizera — a qual atravessa os corpos opacos e observa o que se passa no seio do globo por exemplo.

N'essa saida em astral, feita em casa, conseguira ver

precisamente no sitio onde se exploram as pedreiras (e muito anteriormente ás explorações dos cabouqueiros) objectos petreficados das idades pré-históricas.

Poz esses homens a cavar nesse sitio, a sua sensibilidade fisica acordou e leva-o a observar com os cinco sentidos o que ha de palpavel. Na verdade a observação espiritual, a saida em astral não o enganára, pois já encontrou uma faca de silex e dois machados, e, por isso, volta áquele sitio diáriamente a ver o que vai dando a colheita. Ei-lo agora a pesquisar, a revolver a terra cavada e pedras, alumando-se com uma lanterna eléctrica. Desta vez nada encontra. Entretanto passa-lhe pela mente o que um dia observára na referida saida em astral. Certo dia, em casa, caíra em estado cataléptico e viu que aquella região fôra habitada por homens das cavernas. N'esse sonho passavam uns com o corpo todo coberto de pêlos e recolhiam a esconderijos subterraneos. Outros abrigavam-se em cabanas lacustres feitas de madeira á beira dos lagos — *palafitas* — para se defenderem dos animais ferozes, e nessas cabanas dormiam, pois a massa aquosa os separava do inhóspito matagal e não dava facil acesso aos monstros de má visinhança. Viu florestas virgens, enfim o quadro vivo duma região habitada pelo homem primitivo.

O achado dos referidos instrumentos animava-o e o proprio corpo fisico se ia compenetrando da inludivel visão. Está cançado de investigar e ei-lo sentado num rochedo vendo a lua que assoma enganadoramente, isto é; que ora espreita ora se oculta. Tem um olhar subjec-

tivo, como quem vive para mundo estranho ou para mundo interior. Entretanto outra tempestade se vem aproximando. Os relampagos, embora ainda longe, em zig-zags riscam e fendem a vermelho o firmamento e os trovões resôam mudamente e aproximam-se, E Augusto está sentindo :

Como um velho romeiro venho orar
à lousa esfacelada, em devoção!
Os homens primitivos chamo em vão,
e contudo eu os vejo a mourejar!
Já os vi numa noite de luar
revolverem florestas em labuta,
e vi-os corpo a corpo a dominar
a fera mais possante e mais abruta!
Eu vi-os muito bem, estou a ve-los
sair d'essas cavernas pedregosas,
o corpo todo nu, cheio de pêlos
e as çousas a jazerem silenciosas!
Ciciam essas malvas rumorosas
com as auras fagueiras murmurando,
arvoredos gemendo, e alfim cismando
permanecem as coisas silenciosas.

Já rebentam os trovões por sobre a cabeça do nosso Augusto. Por onde andarà o luar formoso? Umas gotas grossas iniciam a nova enxurrada. O sábio torna a si e reconhece o desabrigo em que está. Começa a arrastar o corpo fisico, com a lanterna acesa, sai de cima do rochedo e caminha a abrigar-se melhor nos recon-

cavos das ruínas ali perto. Êle vai demandando, trepando o monte, de lanterna acesa que projecta um cone de luz e que irrompe o rendilhado do chuveiro e a escuridão da noite. Chega ás ruínas e encontra um abrigo sob uns penedos sobrepostos, formando como que uma gruta, agasalhado.

E os trovões ribombam violentamente acordando os êcos nos vales em rugidos de leões. A chuvada lá em baixo ramalha com o arvoredado e vai chegando. Se não quando descarrega-se com violencia e o noctívago fica-se imoto, aconchegado áqueles penedos. Como que se deixa adormecer, como que se recolhe ao calor do espirito, enquanto a tempestade faz chiadeira e ruge.

Um pouco de ansiedade e ei-lo a encher-se dum ambiente místico, influenciado pelas ruínas de muros medievos:

Eu passo a minha vida entre um castelo e lendas,
e quem desvendará o meu velho castelo?
Rumores passam nêle, uns murmurios de rendas,
e quem desvendará este velho castelo?

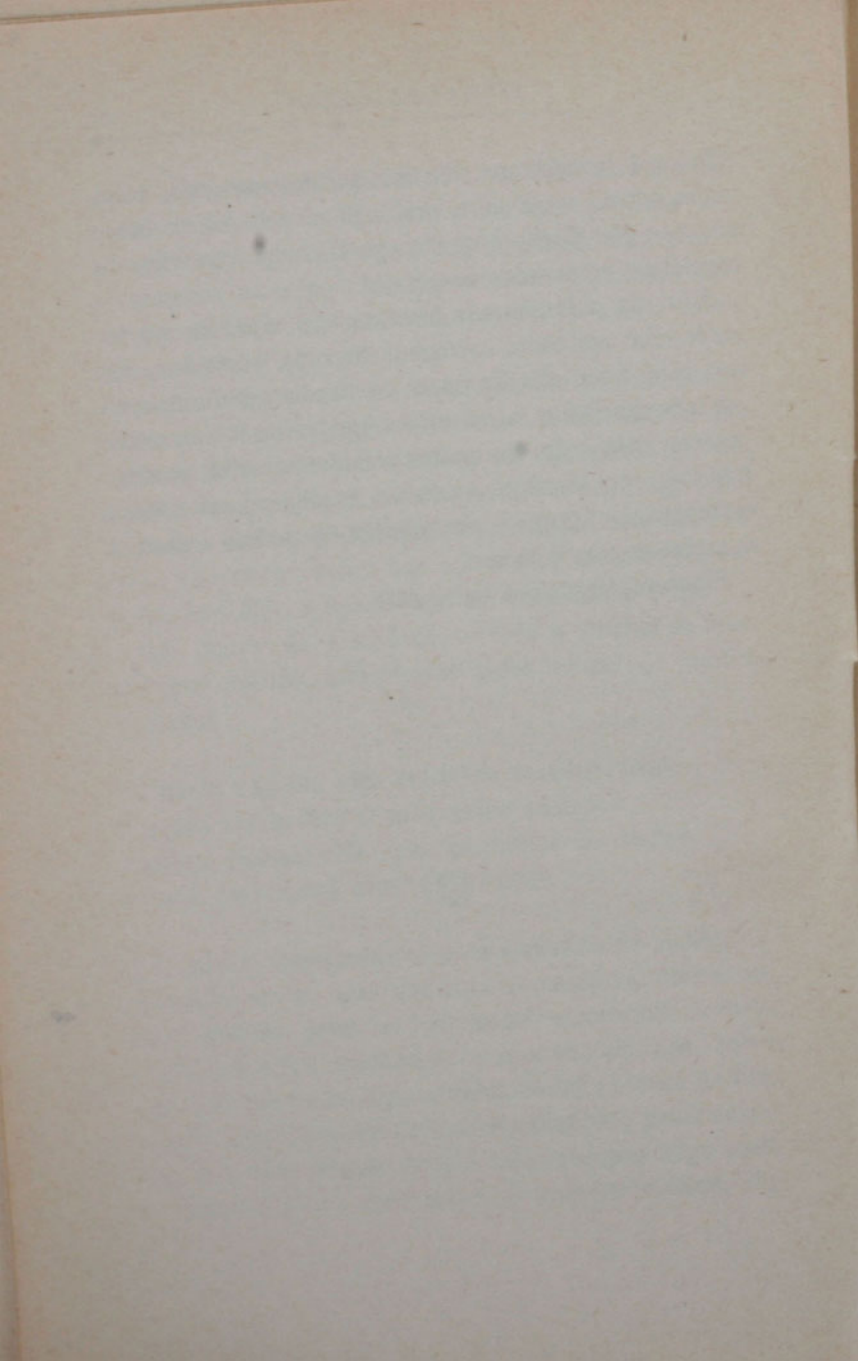
E pensa duradouramente, embevecido na rudeza do impávido abrigo, até que a borrasca se vai afastando, para, quando pode, a lua surdir, assomando o rosto grandioso entre brechas de montanhas aquosas, como que uma mó de moinho atirando farinha branca de luar lavado. As regueiras de chuva gargalham pelos corre-gos. E o luar quando pode é formoso, mas logo cede a outras nuvens, para tornar a espreitar radioso. Um

influxo de misantropo, místico, sai destas ruínas, dessa velha torre, evola-se e prolonga-se pelo eter e como que nos põe diante o quadro patético de correrias de cavaleiros preparados ao assalto.

Não diz a lenda que fosse castelo capaz de ser tomado com um burro carregado de oiro, não ; este castelo com o seu alcaide nunca se vendeu, preferira sempre ser derribado ou minado a render-se. A sua chave passou pela mão de muitos alcaides, e se os alcaides d'El-rei, seu Senhor, recebiam as chaves, só a êle a entregavam. Agora é um montão de pedras a desmorrnarem-se com o tempo.

Fique-se Augusto á beira dêle.





Meia noite

Ecos das horas, o mesmo eco do passado, presente e futuro. A vida corre e as horas assistem.

Ecos d'horas em que a mente vê num kaleidescopio o cortejo d'imagens d'aquilo que é no tempo e no espaço.



Meia noite batia o velho relógio de parede da taberna. Mario que deixámos á mesa, consolando o almocreve da burra falecida e dando um pouco de cavaco á Tia Joaquina — logo que aquele lapuz se estirou na calçada da cavalaria, julgando-se o individuo mais feliz do mundo — decide ir deitar-se. Entra a porta da taberna e a Tia Joaquina á frente encaminha-o de candeia acesa. Ele segue-a. Dentro deste cubiculo, a taberna, ha uma escada ingreme de madeira com meia duzia de degraus que vai até ao pri-

meiro pavimento com soalhos carcomidos e com um corredor que ali chega lateralmente, ao fundo do qual está o melhor quarto da casa. Eis-nos ao fundo nesse aposento rectangular, servido pela porta que dá para o corredor, o qual aposento tem duas janelas para a rua e uma janelinha que dá para o tecto da cavalaria ou alpendre da banda nascente. E' o melhor aposento deste primeiro andar ou sotão. O teto é de telha e as traves e vigamentos são nus. Ha uma larga cama de ferro com a cabeceira para o nascente aos pés da qual está uma commoda com um velho Cristo crucificado e uma lamparina velando. São a mobilia fundamental, havendo apenas a acrescentar uma cadeira que faz de mesa de cabeceira e quadros de estampas pelas paredes.

Faz a velhota a história d'aquêle Christo, que vem de longa data e finalmente dá as santas noites, que bõamente lhe são correspondidas pelo hospede Mario. Efectivamente aquêle Christo de quasi, meio metro de envergadura, infundiria respeito ao mais cruel ateu. E' tosco mas grandioso. A lamparina arde e a candeia de azeite bruxuleia sobre uma cadeira, e ambas, candeia e lamparina, parecem verter ou exalar a mesma aura que as chagas de Aquêle que parece derramar a cõr do sangue que lhe escorre pelo corpo. A cama tem lençoes e travesseiros, o que já é um luxo na terra. Mario deita-se, não olvidando observar se está alguem debaixo da cama. Deitado vê as paredes guarnecidas de quadros de S. João Batista e S. José misturados com quadros de damas, uma mixordia, e em frente, sobre a commoda, a imagem do Redentor. Passadas as primeiras impressões

de tão estranho aposento, apaga a candeia e recolhe ao mundo do seu espirito. Apesar da fadiga, as insónias dominam-no, mas o confortavel da posição horizontal, como que lhe dá animo e pensa :

Que nova chama? Sim, que novos pensamentos estou sentindo eu?! A ideia vem rindo, vem nitida, vem bela! A minha ideia rindo!
Ah!... Ah!... Rindo a ideia! Os tais desvairamentos...
Senhor, Senhor, Senhor, aqui me tens cansado, humilde, ajoelhado, orando ao pé de Ti.
Sou de longe, lá longe e tenho andado, andado, e neste meu andar eu vim parar aqui.
Mas o que sinto eu?! Ah! nem sei o que vejo!
Esboça-se uma dama entre essencias ausentes...
Ah! cego, ainda crês! ah! cego, ainda sentes?
Oh! misera ilusão, oh! misero desejo!
Protegei-me, Senhor! Sou de longe, lá longe, a tua imagem vendo aí sempre na cruz.
Sou um pária da vida, a bem dizer um monge...
Amparai-me, Senhor, á minha alma dai luz.

Mario extenua-se de tanto pensar e enche-se de devoção. Lá está o Cristo em frente olhando, sofrendo e sem dar um queixume. Mario bem quer dormir, bem faz a diligencia por isso, mas a vigilia domina-lhe o cérebro. E a lamparina continua velando e alumando Jesus. E quanto mais o poeta pensa que o repouso lhe é necessário, mais a ideia se agita, mais quadros se lhe desenrolam no espirito. Apoz a nostalgia e a crença que

o invadiram, já divaga recordando os seus tempos, recorda a passada animação :

O tempo da cidade ! Os bailes em salões onde murmura a seda, e em rios lampeões derramam clara luz pelos seios ardentes acesos em volupia e bailando frementes ! Fidalgos a sair das suas carruagens, perolas e setins ornamentando imagens, entrando para o baile.

Oh ! almas primorosas !

oh ! anjos celestiaes !

Ha meneios gentis do fidalgo curvado ante a sua donzela, tomando-a pela mão e dançando com ela nas vertigens da valsa. E tudo parecia em de redor bailar ! E a musica gemia. Brillham chispas d'aneis e matizes passando num rapido bailar, e assim de quando em quando parecem imitar as estrelas cadentes que se imergem no azul do vestir, nos ausentes... !

As velhas para um canto em perpetuo falar, um par fala d'amor, outro fala d'amar !

Dança-se nos salões. As vertigens da valsa em espelhos bailando, e a flôr que se realça no peito da mulher vai bailando, bailando. Dança-se no salão. Em curvas mui subtis, em o voltear gentil passam lindos perfis da nossa fidalguia em frases ciciando.

Tudo é em redopio. A musica a gemer
põe tudo em de redor a bailar, a tremer.
Dança-se no salão. Na avidez deliciosa
dessas curvas subtis, na curva silenciosa
tudo baila. Bailai! — Se me recordo eu!
Calára-se o piano. Ha aneis em centelhas!
Num caminhar gentil, num ciciar d'abelhas
se move a animação.

E tudo já morreu!

As velhas para um canto em perpetuo falar,
um par fala d'amor, outro fala d'amar.

A dança novamente, ao turbilhão gentil,
em frase e galanteio, em aroma subtil.
Outro automovel chega ou riquissimo trem.
E as luzes vão bailando, os perfis cintilando,
parecendo bailar os espelhos, mostrando
o desdoiro que vai pelas salas do Alem.

Velhinhas para um canto em perpetuo falar
ou sorrindo, apontando o favorito par.

Tudo baila. Bailai! Se me recordo eu!
Tempos que já lá vão! oh! tudo isso morreu!

E D. João de Mozart, aquele minueto
num requinte sublime, o aroma predileto
da minha alma bailando em puro filigrama,
enchia bem o ser do peito que mais ama.

É como ainda lembro aqueles dois velhinhos fidalgos : D. Fernando e D. José, sósinhos na biblioteca, ali, uns momentos sentindo a musica a gemer. Inda os estou ouvindo :

D. José

A musica, Fernando ! Escuta. Sinto-a ainda como antes ! E' tão nobre !

D. Fernando

E' cada vez mais linda.

D. José

Dancei isto num baile, antigamente . . .

D. Fernando

E então ?

D. José

No tempo em que se amava, em tempos que lá vão !

D. Fernando

Aquele nosso tempo ! Uns trajos a rigor, a dama dando ao rosto a pureza do amor . . .

D. José

Hoje ! tudo pintado, a intriga, a peçonha, o corpo todo nu . . .

D. Fernando

E' mesmo uma vergonha.

A dama é uma lesma e só fala francez . . .

D. José

A cenobil falar ! Nem sabe o portuguez !

D. Fernando

O Mozart é divino.

D. José

E nem o sentimento,
nem a frase gentil, nem o nosso lamento
atingem tal sabor !

D. Fernando

Oh ! como era dif'rente !

D. José

Já não sabem sentir como a gente inda sente !

D. Fernando

A musica, José ! Nós sentimo-la ainda !

D. José

E' tão nobre ! E' tão bela !

D. Fernando

E' cada vez mais linda !

D. José

Recordar é viver.

D. Fernando

Viver eternamente.

D. José

Já não sabem sentir como a gente inda sente !

E nesta doce visão Mario pouco a pouco vai cedendo ás azas de Morteu e adormece.



Divagando

Divaga o teu espirito que tanto te surgirão o vicio como a virtude, o ócio como o trabalho. O vicio e o ócio mascaram-se procurando confundir-se com a virtude e o trabalho.



Espirito que divagas por aldeias, pelos campos, espirito que de alto vez esta bola girando no firmamento, contempla e confronta o que se passa na vida rude e na vida da cidade. Dum lado os campos ermos, aldeias escuras, dormitando ; do outro a casaria iluminada despertada de quando em vez por um bulicio incómodo.

Vai-se assim a noite molhada, cheia de grossas nuvens, entre as quais assoma o astro radioso ! O silencio abrange as serras e como que abraça as cidades, sómente naquelas se ouve o pio pio de mochos banhando-se na claridade mortiça da lua, e nestas o buzinar de automoveis e a algazarra de noctivagos.

A aldeia é o silencio com uma lua falando a linguagem do silencio. Tudo dorme.

A cidade é um pouco mais complicada: Vassouras pelas ruas, luzes de lupanares do vicio, nas entranhas dos quais se acomodam rostos macabros, caras patibulares, mulheres abraçadas áqueles que arriscam a fortuna e perdem a honra no tapete verde e muita musica, muita musica, diz-se, que muita animação! Cá de fóra pouco se ouve, cá de fóra pouco se vê. Nem vale a pena ouvir, nem vale a pena ver, porque se o homem entendesse o silencio da noite, tivesse a sua torre de marfim, se se concentrasse numa contemplação, olhando para aquel'outros teria horror de chamar-se homem. Por isso não descrevamos o vicio, porque êle engrinaldase e por vezes domina; não descrevamos o vicio, nem o lembremos, pode o leitor que o não conhece tentar-se, e o que conhece tentar-se ainda mais. Sabemos sobremaneira o que é a humanidade: Quanto mais o doutrinário pune o vicio, parece que mais se divulga, mais adeptos encontra. Mas, á parte estes incidentes, tambem ha quem na cidade adormeça.

A cidade dorme. E alem para aquelas bandas norte, alem para as avenidas novas de Lisbôa, ha um palacete marmóreo com o seu jardim e um coar de luz por uma janela. Ali tudo dorme. Só uma pessoa véla. Uma desgraçada que conheceu em parte aquela vida toda. E a luz dum quarto cõa-se atravez umas persianas e as vidraças duma janela do primeiro andar. Alguem véla. E' a Miss, aquela pobre Miss que, muito doente, reza a oração da noite.

Toada da noite

Tudo tem a sua voz, o seu canto em torno : o astro que gravita, o perfume que passa, mune-te dum aparelho chamado Sonho e tudo ouvirás.

Horas mortas na aldeia. E nesta soledade alguém canta, alguém passa cantando o *Tanhauser*. Mario naturalmente desperta a ouvir esta toada de sabor catedrático, sabor de divindade. E como explicar numa aldeia toada tão estranha ? Alguem canta, canta, embevecido numa grandiosidade tamanha, tanta ! Mario desperta ao som dos acordãos da noite, não sabendo explicar o que ouve. Perplexo, num extase, enche-se de grandiosidade musical e pensa : Mas . . . mas que é isto ? Que grandiosidade extravagante ha nesta aldeia ? De onde vem esta musica ? Ah ! a musica. Estarei eu sonhando ? A minha alma delira certamente,

julgando sempre ouvir orquestras e operas. O *Tanhauser* ! Não, eu não estou sonhando. E' o *Tanhauser* que se canta. O *Tanhauser* por aqui ! E a catadupa de sons, aquela toada aproxima-se e depois cala-se.

Fica-se o poeta num enlevo, suspenso. Torna a adormecer.



Augusto recolhe a casa

*Não ha intemperança quando o
são calor de espirito vos acolhe.*



Entra Augusto o portão da sua casa solarenga, acende a lanterna eléctrica, atravessa o *hall*, sobe a escadaria de marmore com lance duplo a meio assemelhando um Y dobrado pelo vertice do angulo agudo. Chega ao primeiro pavimento, abre a porta que lhe fica na frente, cerrando-a logo atraz de si de vagar. As suas passadas naquele solar parecem acordar os écos de Marley a arrastar correntes, conforme Charles Dickens descreve no *Christmas Carol*. Ha nesta casa algo de vago e indefinido.

Ei-lo numa saia com uma mesa ao centro coberta de caveiras, de tibias, enfim de toda a ossada humana, um piano, uma poltrona, uma secretária com livros, cadeiras e um fogão de sala apagado. A sala tem mais duas portas, comunicando uma para o laboratório e a outra

para os aposentos interiores. Duas grandes janelas agora cerradas, dão para a rua. Sobre a mesa um violino jaz inanimado como qualquer caveira ligada a um femur, misturado para ali com omoplatas, falanges, peroneus, etc. Augusto apagára a lanterna e acendera o candieiro. A luz interceptada pelos móveis projecta nas paredes figuras estranhas, efeitos de sombras, contrastando a osada branca com a côr dessas sombras e dos móveis pretos. Senta-se extenuado e entrega-se a si mesmo sobre a poltrona ao pé do fogão apagado, uma vez tirado o sobretudo e posto o chapéu de lado. Reclina a cabeça. Que novos pensamentos? Largo tempo de pausa. Depois vagarosamente e inspiradamente vai buscar o violino, abre uma janela, torna a sentar-se na poltrona e olha a amplidão da noite lá fóra.

Movido pelo sentimento arranca a *Valsa triste* de Sibelius desse instrumento, geme-o e vibra com todo êle. O seu violino! Vive unicamente para êle, para o seu violino, para mais ninguem. Augusto é tambem artista. Põe nêle toda a alma enternecida. E' esse instrumento que tange á noite no silencio o unico companheiro. E' o unico confidente de segredos, é o seu todo melódico, é como que o todo próprio. E o violino soluça, fala, geme.



Nas azas da musica

*Dumas notas desprendidas podeis
fazer azas que vos transportem, os-
tentando fascinadoras penas.*



udo são vibrações de côr, movimento e luz. Essa toada, esse gemer de violino, sonambuliza-nos, faz-nos recordar os tempos de trovadores, faz-nos errar a modos dos tangedores de burrial a tiracolo. E assim vibra desvairada de sentimentos a alma de Augusto, tangendo Shubert, Grieg, Moskousky etc.



Aos primeiros alvares

*O alvorecer para uns é a vida
que desponta, para outros o fechar
de olhos.*

Desponta já a madrugada. Mal sabe Mario que o *Tanhauser* foi cantado pelo doido que encontrára na vespera á tarde. Já os galos gargalham os cantos matutinos, e Augusto acabava de descarregar todo o pranto naquele violino confidente. Eles, Augusto e Mario, dormem. Deixai-os dormir, não os acordem.



A vida na aldeia

*Na humildade se encontra a
essencia do viver.*



sol como uma roda fulva surge no oriente, a bem dizer como um novelo enorme distorcendo oiro, e atirando-o em madeixas como cabelos de virgens louras, como trança de Margarida do *Fausto*.

As roupas ao sol dão a ilusão de que ha outras tantas aldeias caiadas, de que ha outros tantos rebanhos no remanso das varzeas. Os melros assobiam, confundidos no chão com os frutos secos caídos.

Bolem as folhas, e a relva agita-se em dansa de sedas. Pastores pela serra tangem as sinfoninhas, enquanto os cavadores cavam e os bois pachorrentos seguem os carreiros.

As moças nas varzeas apanham frutos em fremitos de alegria e cantam :

Quem poz em amor cuidado
por uma pastora loura,
não mais trata da lavoura
e nem mais trata do gado.

E os moços como que em resposta a propósito,
entre o arvoredado das hortas, cavando as leiras, des-
cantam:

As suas louras madeixas
enrolam-se em nossas mentes.
São da tarde raios poentes
e nós das aves as queixas.

Os pastores, mancebos ainda, acompanham a avena,
fruta de cana, tangida por outro pastor:

Ai, ser vagabundo,
na serra cantando,
as noites passando
sózinho no mundo !
Ouvindo as ribeiras
entoando canções,
fazendo orações
em noites inteiras.
Ouvindo o pinhal,
à noite, sózinho,
viver num curral,
sem ter outro ninho ;

e a lua subindo,
a pino brilhando,
as aguas chorando,
em lagrimas rindo.
Ai, ser vagabundo,
na serra cantando,
as noites passando
sózinho no mundo!

E assim se conformam estes rudes com a vida, achando na humildade um encanto desconhecido que os domina. E' duro o labutar, é miserrima a exasperação, é frenético o chover ou não chover, mas ha alegria expontanea.

A aldeia despertou alegre porque choveu a noite passada e a chuva fazia falta. Tudo respira dulcissima brandura e se alimenta dum sol vivificador.

As gotas de chuva no arvoredado ainda brilham como perolas luminosas que tremulam e caem palpitantes.



Paisagem intestinal

*Se te vires na multidão, cuida
de ti e deixa-a seguir, não a con-
temples.*



Vejamos o que é uma madrugada na cidade de Lisboa. A lua do lado do ocidente, tão linda, declina, assuma pelos canais das ruas, vai rasgando com os telhados claramente sanguinea, luminosa. — Byron ás vezes tem razão quando nos aprecia o clima . . .

Aos primeiros alvares começam a sair de antros de miséria, clubs de jogos, homens envoltos em sobretudo ou em capas á alentejana, discutindo os numeros 33, 20, 18, enfim toda a escala dos numeros inteiros positivos de zero a 36.

E em cada um desses numeros, o individuo noctivago, ou depravado pelas noitadas, julga encontrar a sua ventura entregando-se ao azar, o que muitas

vezes só depende da manigancia ou falcatrua dos *banqueiros*.

Grupos falam no *grande* e no *pequeno*, de *chorrilhos*, em toda a terminologia congénere, de todo o *calão* que no jogo admitir-se pode.

Esses individuos ao sair desses antros apalaçados (veja-se em que foram transformados os palacios do Marquez da Foz e dos Condes de Almada), formam magotes ás esquinas das praças e ruas, acompanhados duma ou outras mulheres prostituidas, que os escutam dando cada uma o braço ao seu favorito, reservando-se provisóriamente pertencer a um dos escolhidos (por horas!) afim de lhes saciar os vicios concupiscentes. E se isto se torna curioso, não se torna menormente o ver sair dessas casas um ou outro foragido, que se arrepele em gestos, soltando exclamações movidas por instinto desesperado — exclamações que metem pejo dizer —, a lastimar a sua sorte em funcção do dia de amanhã; pois que tudo se lhe fora no jogo, e, inclusivamente vai perdendo e gastando atribuladamente a sua própria existencia, a sua própria honra.

Já os carros eléctricos tocam as campainhas iniciando a circunvolução e apontando ao longe a luz vermelha raiada de sonolencia.

Sôa o clarim nos quartéis. E' o toque da alvorada. A estrela dalva ou planeta Venus aponta, luminosa, honrando no vistoso o nome da sua deusa.

Nas ruas passam operários a caminho das oficinas e fabricas apitam e algumas começam a refolgar vapor.

Já se levanta grandemente o vozear de pessoas

acumuladas nas praças de verdura e de peixe na faina de venda e de compra. Apesar disso a cidade permanece de janelas cerradas (a bruta a nada se demove) e dormem a bom dormir os abastados ou com pretensões a isso. A nós, que trabalhamos, parece-nos a casaria da cidade a esta hora um amontoado de gaiolas albergando milhares de *passarões*, de pessoas que, com toda a vaidade neófita, julgando-se demandar o mundo, têm tanta e tal importancia, que nem se sente cá fóra o mais diminuto efeito. Perante a imensidade vê-se que o homem não é mais do que o verme recolhido num nicho, embora se julgue por orgulho senhor de tudo e de todos! Ali, naquelas gaiolas, vive o materialista rasteiro e pretencioso, que apregôa não existirem misterios para a humanidade, e se algum existe mais tarde ou mais cedo se desvendará. Dizem isto parte dos que estão albergados naquelas gaiolas! Irrisório. Ali vive o obeso da ciencia, que por essa obesidade não estalará o fato. A'quelas gaiolas se recolheram os homens do vicio, acabada a discussão nas praças, acompanhados de mulheres depravadas. Vivem ali os odres da presunção, das elegancias e da moda. Mas tambem vive a humildade, o filósofo puro viajando pelo incomensuravel, achando-se mesquinho, pois quanto mais pensa e mais resolve mais dificuldades se lhe levantam. Ali vivem alguns crentes que se entregam ao transporte do fervor de religiosidade. Ali vivem aparentemente confundidos valor, vaidade, hipocrisia, talento, humildade e petulancia. Contudo o mundo de cada um dêles é tão diferente, tão diferente! Uns sonham as riquezas da

terra, outros as riquezas dos céos, mananciais espiritualíssimos. E pasmamos, pasmamos, como olhando para aquelas gaiolas vemos todos confundidos em aparências! E por quê? Porque certamente ha algo que os nossos sentidos fisicos não apercebem, mas que em realidade existe e os diferencia.



Erguer do Sol

*Enquanto uns vão para a faina
e outros jazem esquecidos, ha uma
casta que espreita gosando abasta-
damente das delicias do martirio de
outrem.*



Erguem-se na cidade as portas metálicas do comércio produzindo ruido á maneira de metralhadoras fazendo fogo. Nas paragens os empregados publicos saltam para os carros eléctricos, automóveis descem as avenidas a caminho dos ministérios, e alguns ha que levam as senhoras ministras em vez dos senhores ministros, conforme, a sitios ignorados. As varinas apregôam o peixe numa toada caracteristica. Lastimavel é o exhibicionismo das senhoras ministras enquanto o cavador cava, o pescador pesca, o lavrador lavra; para ellas vai tudo o que resta desses miseros! E esses que dormindo após lubricas orgias

consumem a herança que tanto suor e economia custára aos seus maiores? E esses que vivem de expedientes? E quantos vivendo de especulações? E quantos miseros e luxuosos farrapos da noite recolheram ao covil e agora dormem? Ai de ti cavador revolvendo o seio da terra, ai de ti pescador na rude e insana lide do mar pescando, ai de nós que trabalhamos! ai dos que mourejam! ai de nós! E o pobre cavador que alimente com a forja das energias as caldeiras dessas máquinas! E o pobre pescador que sacie a voracidade gulosa dessas embarcações humanas! E o pobre sábio que escandeça o craneo, morrendo á mingua e na miséria para beneficio de todos. E o pobre filósofo, tomado por doido, que ensine a solução lúgica da sociedade (tantas vezes deturpada!) que tantos anos lhe rouba de existencia, para que beneficiando todos venha a morrer de miséria e exasperação. E o pobre artista que ponha todo o fogo da sua alma na arte que pretende divinisar, a qual, quando muito, pode atingir um bobo dramaturgo Gil Vicente, fazendo rir a côrte com os seus ditos e facécias ou Ribeiro Chiado, ou um épico Camões expirando á mingua de pão no humilde casebre da Calçada de Sant'Anna, ante as lagrimas compungidas do seu unico amigo Jau.

Trabalhai, oh gente culta, que os ociosos dormem.

Ah! se soubesseis, leitor, a falta que faz um tirano para chibatar esses inimigos do trabalho? Se soubesseis como por vezes se sente a falta das leis de Pedro, o Crú.

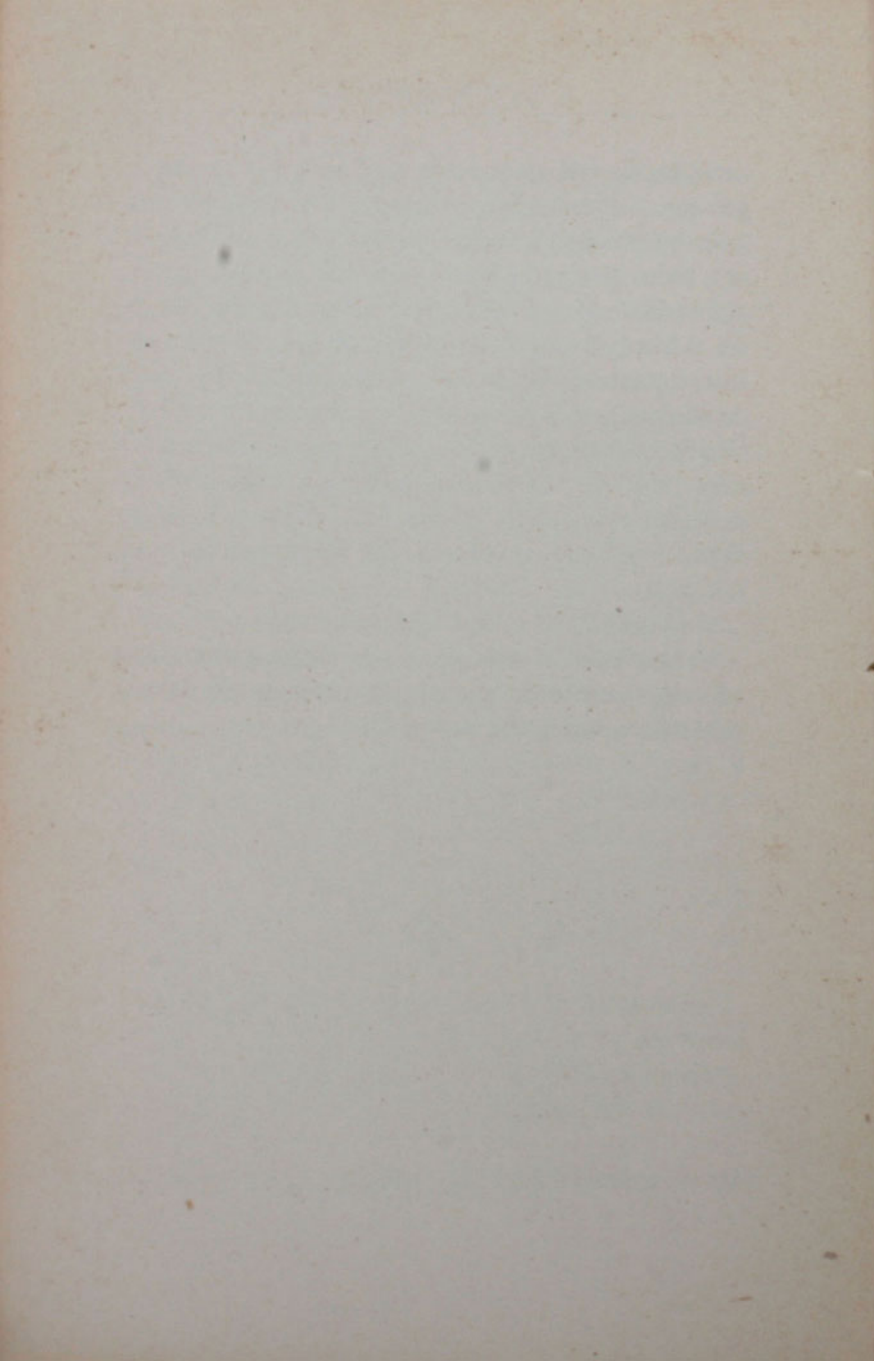
Quem não tem profissão, apto para trabalhar, e não

trabalhe, do país escorraçado seja, para que se não diga que o Estado protege ociosos. Trabalhai, oh cerebros, trabalhai oh braços humanos que um dia lhes soará a hora. Vamos no mar encapelado da vida, quando vier o naufragio salve-se quem puder. E quem são esses odres? E quem são essas caldeiras? E quem são esses indecorosos? Ah! se este quadro nos não tolhera de alongar-nos, diríamos tudo o que neste momento lucido pensamos. Se ainda o pudéramos converter numa obra didática, não ficaria assim, não. Pegariamos do escalpelo e retalhariamos esse cadáver social fibra por fibra, mostrando a todos a sua desorganização mental.

Mais uma novela. Que vale uma novela?

Vamos adiante, que Mario nos chama á sua vida e que nos perdôe do que esta obra tem levado de conceitos ou coisas futeis para muitos.





Psicologia de Mario

No emaranhado do pensamento humano ha uma só luz verdadeira que irradia, quem a não vê vive ás escuras.



Analiseemos a psicologia de Mario, e o leitor que se não interessar pelo subjectivo ou metafisico, passe em claro este capitulo. Mario é o paniletário, mas não é aquele que faz a apologia da consciencia individual, porque alguém um dia se resolveu escrever essa consciencia com letra maiuscula. Ele admite a consciencia colectiva, ou, melhor, a de Deus, unica verdadeira, consciencia *una*, e por ser *una* não é individual, pois que esta tem sempre forma e sofisma de, mesmo em actos maleficos, procurar uma justificação natural, que a leve a afirmar que uma cousa, embora no conceito geral seja perversa, a interprete como um bem, servindo-se as mais das vezes do sofisma

para se impôr! A consciencia para Mario é *una*, e portanto é unitária; e essa unidade é a moral do Todo, é a consciencia de Deus.

E quem não procurar essa consciencia — dizia Mario, — ficar-se-á longe do Alem, pegado á terra como que atraído por uma força gravitica, em fantasma, na avidez da matéria sem a poder abranger, na avidez do vicio sem o poder gosar, na avidez da delicia andando no purgatório, por a sua natureza fisica ser incompativel na assimilação com a natureza fisica em que vive. Não julgueis que Mario nos seus conceitos se referia a determinada casta da humanidade, que se referia só ao milionário, referia-se ao mendigo tambem e a todos, devendo notar-se que *é mais certo um camelo passar pelo buraco d'uma agulha que um rico entrar no reino dos céos* — metáfora que mostra quão perigoso é o dinheiro para os actos que repugnam á consciencia. E quanto ao mendigo que se não lembre sempre de Deus, como unica riqueza, que trema do fadário. Se pode trabalhar que trabalhe, não se entregue á mendicidade ou ao ócio, que são neste caso o vicio; e se esta lei não observar, lembre-se que vergará aos rigores da sua própria culpa, punido por essa consciencia unitária ou Pensamento de Deus. Abençoado seja o que trabalha e todo o seu trabalho aproveita em fazer o bem a outrem. Abençoado aquele que, embora infecto nos trajos, cuida de ter uma consciencia limpida.

Bemdito seja o desgraçado que se conforta com a sua miséria, perdoando ao rico, mesmo ao que o não socorre e se possivel fôr gosar até da sua penuria, prolongan-

do a ansia de viver na espiritualização do Alem. Pois ai do pedinte que no seu pedir procura alimentar uma obrigação, um orgulho que lhe alimente o sentimento de vingança, mesmo sobre os que o desprezam. Essa alimentação só lhe trará culpas que lhe farão lastro, peso difficilimo de vencer. E ai do que vir a felicidade na riqueza terrena e tiver a ansia de juntar mais e mais, sem a ideia de socorrer os necessitados, os miseros, os inválidos e auxiliar os destituídos da sorte ! Andará amarrado á matéria que lhe servirá de lastro para se afundar ou não poder subir. No entretanto não deveis julgar, leitor, que Mario é um descrente da regeneração da humanidade, não. Acredita nessa regeneração pelo ponto de vista educativo, depois pelo instructivo e muito principalmente pela espiritualidade. Dizia Mario : Trabalhai, que tendes muito que desbravar e muitos horizontes por abrir. Se o homem de Estado ponderasse a tanta responsabilidade que lhe cabe, jamais tal quizera ser, ou se o fôra, arrepelar-se-ia sómente pelo mal inconsciente que faz, não contando com o mal obrado pela sua própria razão. O cavador, o pescador, o sábio conscientemente solitário salvam-se mais ou menos porque respondem quasi unicamente por si, bem que os dois primeiros tenham que sofrer muito para o seu levantamento. Mas o homem que manda, o homem que representa uma corrente de homens, oh ! tem que responder por êles todos, embora cada um dêles haja que responder por si. Dizia o poeta muitas vezes : Amigos, não desdenheis e tremei sempre do alem-tumulo perante a Consciencia Divina, que Deus é o juiz das vossas pró-

prias consciências. O Dia de Juízo virá. E acrescentava o panfletário: Vamos no mar encapelado da vida, quando vier o naufrágio salve-se quem puder. Quem pensa que só na terra se vive, anda iludido, Quem incrimina Deus de vingativo, blasfema. O que Êle pode é experimentar-nos a ver se nos identificamos.

Que importa a natureza muitas vezes se mostre impetuosa e agressiva, para descrever da consciencia *una*?

Uma iluminação simples dirá logo: Esta tempestade, fenomeno cismico ou vulcanico ou o que quer que seja, é mais um bem que se manifesta porque é o veiculo do nosso futuro beneficio, obedece á Lei da Perfectibilidade do Todo. Os fenomenos sobrenaturais obedecem a um fim e na sua passagem podem parecer-nos maus, mas ninguem os aprecie de animo leve. A Vontade Divina propõe-se a um fim consciente, e na sua passagem pode parecer um mal a quem a essa passagem, que pode ser catalitica, se sujeita, mas o seu fim é unico e vai sempre para a Perfectibilidade do Todo. Pode-nos isto parecer estravagante, mas quantos obstaculos não temos nós a vencer para conquistar um bem.

Para alcançardes um objecto desejado, por exemplo que esteja na outra margem dum rio, tendes que sujeitar-vos ás torturas e ás acções e reacções da corrente que atravessais. São portanto as leis psiquicas tão sólidas e verdadeiras como o são as de ordem fisica.

Não concordará com isto o materialista? mas o que dizer dêle? que pelo facto de em certos pontos ser illustrado e pelo facto de ver um orbe por uma teoria, se julga senhor desse orbe? Senhor, esse illustre ignoran-

te! Tão senhor como o é de si próprio, porque as suas meras divagações nunca lhe disseram donde vem, o que é, nem para onde vai. Pelo facto de conhecer umas leis gerais da natureza, julga-se maravilhado, deificando-se na sua própria obra! Mesquinha e irrisória ilusão! Redarguia Mario. As leis permanecem e o papel do homem é estudá-las, i-las desvendando, te-las sempre presentes, mas o que é natural observar é que algumas estão tão entranhadas nêle que nem essas descortina, e são contudo a sua essencia própria e acompanham-no sempre, não podendo escolher o sexo dum filho e muito menos explicar a razão do seu ser. Donde vem, o que é e para onde vai. Sim, o homem limita-se, por mais que se envaideça, a descobrir essas leis, a servir-se delas estabelecendo relações e correlações, e daí lhe advem o beneficio das empresas grandiosas, descobertas e a satisfação do espirito sapiente. O homem é portanto por excellencia um observador.

Bem haja aquele que pela humildade se curva perante essas leis, porque é pela submissão a elas, pela interpretação que o homem mostra a sua superioridade. E tanto assim é, que nunca poderá inverter a filosofia da natureza. Isto é, a intelligencia humana não é capaz de inverter a lei natural dum corpo abandonado a si mesmo, v. g. um grave deixar de cair para o chão e cair para o ar, sendo mais denso do que este. Que num plano inclinado, o móvel deixe de cair dos pontos superiores para os inferiores, proporcionalmente ao seno do angulo que faz a horizontal com esse plano. Que um movimento de rotação descreva uma trajectória recta.

E se o homem acaso tentára inverter essas leis, fôra um rebelde, consumir-se-ia a si próprio e acarretaria a sua própria destruição.

Ai daquele que fôr rico e não valer aos invalidos, andarâ agarrado á matéria na ancia de juntar mais, e essa matéria ser-lhe-á o fardo que obste a que suba na mais perfeita espiritualisação. E ai dos miseros que se não conformem com a miséria!

Julgais acaso — como o poeta falava assim! — que as religiões se fizeram unicamente para reger o homem fisico? Não batestes ainda ás portas da Eternidade a descobrir a Vida de vosso pai que se finou? E elas mantêm-se cerradas, não se abrem ao fisico, mas a espiritalisação como que antevê o que quer que seja de místico. Se fôramos iluminados, compreendendo essa mistificação, com a espiritalisação andariamos entendidos, poderíamos afirmar factos com tanta veracidade de análise como o próprio quimico observa as bolhas gasosas num meio liquido. Ouvi esses iluminados, segui-os no progredimento e ir-vos eis salvando. Vós mesmos sentireis que nessa mistificação ha uma forma do verdadeiro não abrangida pelos sentidos fisicos, e embora muitas vezes não tenhamos palavras para demonstrar tal existencia, nem por isso se deixa de mostrar clara a quem sabe ler o além-tumulo.

Tendes formas que atravessam os próprios corpos opacos, mais subtis do que o *eter*, tal é a natureza espirital que existe em vós mesmos. Julgais acaso que a própria fisica numa das suas leis mais firmes, se não applicára ao homem? Não ha trabalho que se não trans-

forme em energia, nem energia que se não transforme em trabalho, isto demonstrou experimentalmente Tyndall, como tantos fisicos. Pois se sempre que ha trabalho se desenvolve energia, o nosso cérebro trabalhando, ou o plexo solar (mundo da simpatia) desenvolve-la. As energias propagam-se em todos os sentidos, e se o nosso cerebro desenvolve energia, se tiveramos espaço facilmente demonstrariamos a sua propagação e a sua característica e acrescentariamos que se propaga em ondas e de muito maior comprimento que as de ordem material. A sua natureza nem será de característica eléctrica, nem calorifica, nem luminosa, etc., porque estas têm a característica material do foco productor, e o cerebro sendo tambem um foco *sui generis* ha-de desenvolver energia do seu ser, com pensamento, consciencia, ideia, enfim a energia que podemos chamar vital, embora as referidas energias a acompanhem. Esta energia é de natureza pensante, natureza de vida, como uma máquina eléctrica é origem de electricidade, rudemente comparavel.

Um foco luminoso desenvolve a luz com as suas características, um homem pensante desenvolve a ideia, que vive, que propaga, embora o foco apague, e muito abrange.

Pois se o homem desenvolve energia porque produz trabalho, o homem anda envolvido por um orbe energetico pensante (propagação em todos os sentidos), anda como que num involucro espiritualizado que, apercebendo, deve ter as características da vida.

Não andam a terra e todos os astros envoltos em

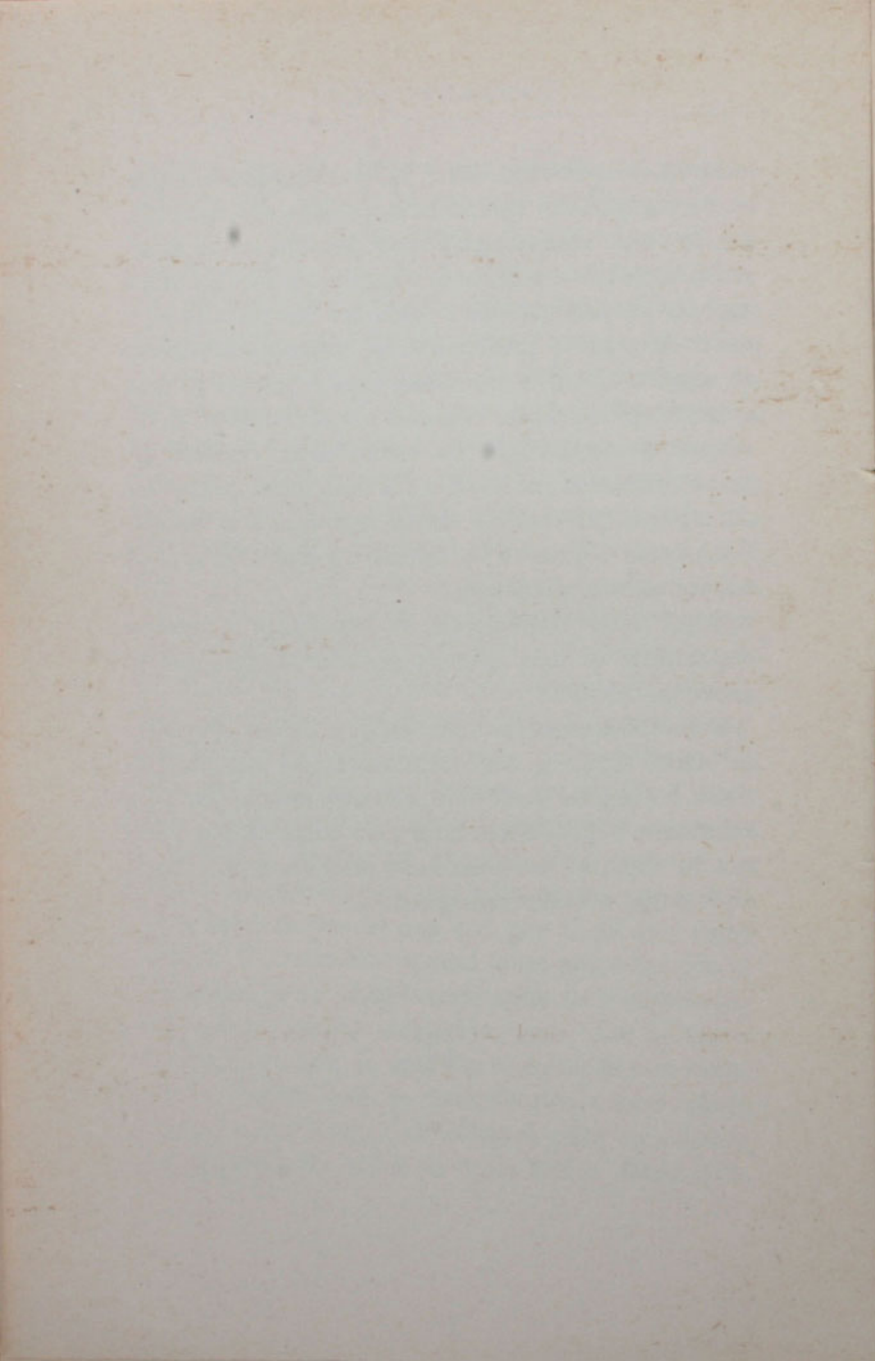
massas invisíveis, embora algumas sejam apercebidas sómente com o auxilio de aparelhos aperfeiçoadissimos? Por que o não ha-de andar o homem? Por que não acreditar que o homem seja o microcosmos ou a síntese do Universo? Todos nós temos um espirito, digamos assim que atravessa os corpos opacos, os analisa átomo a átomo, os desagrega na analyse por assim dizer, ficando êles tão completamente unidos como se ninguém os desagregára. E' o que chamamos concepção. E se um individuo morre como explicar o facto da vida além da morte? Se a estrela polar morresse hoje, nós deixal-a-íamos de a ver logo? Não. Levaríamos a vê-la anos e anos, trinta e tal, o que fisica ou astronómicamente se explica, dizendo pela experiencia de Laplace que a luz leva tempo a propagar-se. E essa luz continua pelo infinito, pois que um planeta mais distante mais anos levará a aperceber a falta da estrela morta. Nada morre, tudo tem a sua vida característica e procura o ambiente que lhe interessa, ou que lhe é destinado. E como explicar experimentalmente a existencia do involucro aludido em torno de nós? Acontece por exemplo concentrarmos a vida numa pessoa e presentí-la e vê-la antes de dar de cara com ela. O que foi? como explicar? Naturalmente os dois orbes pensantes que se encontraram e se identificaram antes da percepção do fisico. Até por ventura uma pessoa pode fazer de aparelho emissor e outra de aparelho receptor ou vice-versa. Toda a verdade está no entendimento e bom registo das impressões. Mais: Um individuo pode ver o que se passa distante sem lá ter os olhos fisicos. Deste invól-

lucro ou orbe, devemos dizer, já ha fotografias (fotografia do pensamento) características, dadas por diversidades de côres respeitantes a cada pensamento. A iluminação espiritual existe, mas chega a certa culminancia que não ha palavras que a traduzam daí por diante; a haver seria dar o predominio da matéria inconsciente ao espirito. O muito que sabeis nada é perante a vossa própria espiritualidade. Estudai-a e desenvolvei-a. Já vamos na penetrabilidade da clarividencia. Portanto segui os iluminados que levam a sua vida numa concentração mistica, que com ela vivem, entendem e se familiarisam como o químico ou o fisico se entendem com os estudos electro-magnéticos.

Segui esses clarividentes ou iluminados e tereis a prova disto ou sêde religioso por crença, para que alguem vos conduza.

E quer entendeis ou não, leitor, o espirito filosófico de Mario, fiquemos neste desataviado esboço, não tentemos o indizível neste livro, que nem mesmo que fosse doutrinário o pudemos fazer para compreensão e prática do exposto. Recolhamo-nos neste tema ao silencio e prolongai o vosso pensamento...





Uma doente e uma amiga

*As almas boas tudo suportam,
longe as ruínas que a si próprias se
inquietam.*



Na casa da Condessa tudo permanece silencioso, e são duas horas da tarde. Ali dentro caminha-se timoratamente, receando que o passo mais ligeiro vá incomodar alguém.

Deitára-se a Miss noite avançada, afitíssima com a grave doença que lhe vem de longa data, e de madrugada fôra atacada de escarros de sangue, tossindo muito. Só quando o sol já vinha alto, se lhe amainára um pouco a tempestade da sanguinea convulsão, ficando-se prostrada. Mimi nem dormira de noite entregue a cuidar da unica confidente. Junta da Miss animava-a, sempre pronta a dar-lhe os primeiros disvelos. E como lh'os não dar? se lhe é querida como uma irmã, embora Ely-sabeth refreie oprimidamente os queixumes dos seus

padecimentos, embora as dores a sucumbam, ela faz esforços de resignação ás dores, tendo em vista não incomodar ninguém. Queixando-se agora, pode-se imaginar talvez o que se passa naquele intimo delicado. Hora a hora a enferma toma o medicamento que lhe dá a companhia. Elysabeth repousa um pouco.



Dialogo de duas rivais amigas

Desabafar a nossa vida é uma confissão imprescindível. Ai daqueles que suportam o fardo de suas culpas não procurando descançal-o um momento para alivio.

Miss



inha bôa amiguinha, a minha pouca sorte vem todos perturbar. Se me viesse a morte, que santa esmola era!

Mimi

Oh! não me fale assim.

Inda ha de melhorar. Eu tenho para mim que está muito melhor.

Miss (*apontando um crucifixo na parede*)

Mimi, dê-me esse Cristo.

(Mimi entrega-lhe o Senhor Crucificado e ela invoca)

Senhor! Senhor! perdoai!... Sou uma pecadora que anda só neste mundo! oh, quão ditosa fôra se me levasseis! Quão ditosa! Sem ninguem no mundo...

Mimi

Miss! então p'ra si não sou ninguem?!

Miss

Meu anjo protector, não a supunha aqui. Pois não é uma esmola eu sucumbir, Mimi? Que falta faço ao mundo? oh! eu não faço falta... Sei bem que é minha amiga, é, mas muitissimo alta para a minha humildade.

Mimi

Oh Miss, Miss, por favor cale-se que me trilha o intimo.

Miss *(invocativa)*

Senhor!

Sou uma vossa escrava; a mente não descança por ver-vos nessa cruz, pregado! oh! não se lança impunemente o Sangue, o Amor, Humanidade. Quero ir para vós. Muí pouco soffro eu, mas já não posso mais.

(Tem um ataque de nervos)

Mimi

Por Deus! Enlouqueceu.

Miss

Eu! louca?... Sim, talvez... Já tenho incomodado tanto... demais... Mimi perdôa o meu pecado? Sei que tenho o perdão. Perdôa todos, sim?

Mimi

Pois tenho sido má? Já não confia em mim?

Miss

Soubesse a minha vida...! A minha pobre vida... se me recordo eu! Enfim mulher perdida contar o que passou, o que lhe sucedeu!

Mimi

Conte lá.

Miss

Contarei. Já lá vai, já morreu a minha vida triste!

Mimi

E já a contou a alguém?

Miss

Se a disse a alguém!... Sei lá! Não me recordo bem. Tive mãe? Tive pai? Nem posso responder. Às vezes, a sonhar, como que estou a ver a mamã e o papá estreitarem-me a si!

(Abre os braços como quem vai estreitar alguém)

Deve ser ilusão, deve ser, nunca os vi.
Mas lembro-me tão bem dum velho marinheiro,

um pobre protector, que ao vento, ao aguaceiro
 pelo oceano fora, a bordo de vapores,
 um verdadeiro pai, me contrariava amores!
 Andava pelo mar, e eu, mulher malfadada...
 Poz-me êle n'um colégio, ali só! internada...
 lá em Londres... Amei, amei... fuji...

Mimi

P'lo visto

buscava um outro amparo. E para quê?

Miss

P'ra isto!

O sonho da mulher!... Foi assim que paguei
 com o mal e a tortura ao homem que encontrei
 na vida como um pai! Abandonando-o. Às vezes,
 devia ser aí pela entrada dos mezes,
 ao sair-lhe das mãos os seus ultimos cobres,
 pagando-me o colégio, a tremer... Gestos nobres,
 gestos destes não ha. Ficava sem dinheiro,
 abraçava-se a mim o pobre marinheiro
 co'as lagrimas no olhar! Era pouca a moeda.
 Chorávamos os dois, co'a alma em labareda!
 Robert um dia amei, um *lord*, uma tolice!
 A honra me roubou. Vim assim dar em Miss...
 O bárbaro enganou-me, encheu-me de quimera...
 Ainda era tão nova, oh! tão nova inda era!
 Por ser bastante rico encheu-me de utopias:
 Que poria meu pai em mór estimação,
 que lhe haviam sorrir os seus melhores dias,

quando vélhinho... et coetra... e encurtando razões
levou-me para si. Alfim desilusões!

Mimi

Pois quê! pô-la de parte?

Miss

A mim? Jamais. Deixei-o.

Mimi

Pois não lhe tinha amor?

Miss

Amor! ah!... ah!... Odei-o.

O luxo em que me poz, esse luxo... Afinal
o braço dum pai val' mais que éle todo val'.

Mimi

Um dandy?

Miss

Sim, que fez do luxo o meu sudário.
Depois... só... a lutar... p'ra ter o necessário
que me fosse mantendo, um dia, bem ou mal,
meti-me n'um vapor e vim p'ra Portugal.

Mimi

E nunca mais buscou esse bom pai na vida?

Miss

Sim, não mais indaguei. Se estava já perdida...

Êle ficou melhor sem o meu pesadelo.
Podesse-o ver ainda! oh! ainda ia vê-lo.
Vê-lo?! Não, não. Juntar-lhe agora este sudário.

Mimi

Ampare-o. Auxili-o.

Miss

Oh! E' desnecessário.
De certo negaria auxilio de dinheiro.
Apezar de ser pobre, aquele marinheiro
não pode perdoar... Depois no meu fadário
uma alma generosa achei...

(Rebentam-lhe as lágrimas)

Mimi

Quem foi?

Miss

Quem?!... Mario.

Mimi sente um estertor doloroso de ciume, quasi raiva, mas diante duma inválida, em que um liquido já lhe badala no torax, e os olhos chispando fulgor vertem lágrimas e inundam, que fazer?



Meia tarde na aldeia

*Gosai da amplidão que toda ela
cabará dentro de vós.*



poeta Mario dormira bem no decorrer da madrugada. O sono prolongara-se pelo dia adiante até pouco depois do sol deixar o pino do meio dia. Apolo radioso ilumina vivificadamente com uma suavidade refulgente, alimentando a natureza.

A' falta de tina, levantado, Mario banha-se numa dorna larga que havia na adega da estalagem, no seio duma limpida linfa. Almoça, e aí o temos nós a percorrer a aldeia de pouco mais de cem vizinhos. Vai pela estrada ou rua adiante que seguira na vespera, agora como observador e não como caminheiro. Respira a luminosidade dos campos ainda húmidos e em festa! verdemente escuros, o que lhe dá uma alma nova. Vê cavadores pelas terras vermelhas e variegadas cores. Cantam cantadeiras sob a cupula feita da diafa-

neidade dum céu azul em dardejos. Corôa a povoação e os casais uma tenuíssima nuvem de fumo saindo do pequeno ouriçado das chaminés, perdendo-se ou diluindo-se logo na imensidão. Os carros chiam nas estradas e as camponezas a pé ou montadas em burrinhos atravessam os campos por veredas. As cordilheiras estendem-se a perder de vista com montes como tartarugas gigantescas nos longes, no assocego. Três horas da tarde. E o poeta n'esta tanta suavidade, com uma sombra dentro de si de amor e descrença que o perturba, pondo-lhe no rosto o que quer que seja de sentimento impenetravel, vai descendo a estrada com um ar triste, embora lhe pareça que se se moldára àquela vida fôra de todo feliz. Contemplativo sente :

Quem a curar tormento ao campo veio,
aumenta o seu tormento só na cura.
A paisagem suavisa-nos o seio,
mas cá dentro de nós surge um enleio,
um fogo que nos queima de brandura.

Olha o castelo sobre o monte, agita-se-lhe a alma novamente, volve aos tempos medievos, onde se entrecrocavam espadas e se movem formaturas.

Sente o castelo antigo arbustos a mexer.
Tão só, tão triste, negro, a cairem-lhe as pedras.
Sente a malva, a urtiga a medrar, a crescer,
só não sente uma força a aguentar-lhe inda as pedras.
Só o enleva o silencio, o silencio a cair,

só o enleva o rumor, o rumor do arvoredó,
o seguir a estrada o caminhante ledó,
o caminhante ledó a seguir, a seguir.
Não o enleva o brilhar das lindas trepadeiras
florinhas espalhando, os ares rescendendo,
canções do cavador, canções de cantadeiras,
o chocalho da nora, os boinhos bebendo.
Não o enleva o matiz de tapetes de flores,
várias côres brilhando, os ares rescendendo,
a papoula vermelha, em sanguineos fulgores,
nem o zumbir da abelha e moinhos moendo.
Não o enleva a ermida, a sua companheira
nos anos que lá vão, em dia festival,
a fruta a lourejar, a debilha na eira,
cigarras a cantar por tódo o olival.
Só o enleva a roseira a dar rosas vermelhas,
mostrando a viva côr, á maneira de Magas
num vivido brilhar escancarando as chagas.
Não o enleva este céu azul e perfulgente
em rasgos de alegria e pondo tudo a rir...
Só o enleva o pinhal, o tísico, o doente
que gosa alguma sombra a tossir, a tossir.



Prismas de paisagens

Num lindo sol, numa vivida paisagem dardejante pode passar um enterro.



Vai Mario junto do cemitério, e a ribeira corre perto vale abaixo, grossamente. Eis o portão largo e ferreo dos mortos, á beira da estrada. O vate assume-se para dentro e vê um velho corcunda a mexer-se entre roseiras floridas. E' o coveiro a tratar duma ou outra planta. Puxa dum charuto e dum canivete, pica o tabaco que esfrega na palma das mãos e que mete num cachimbo. Puxa dum fusil e pederneira, inflama a isca e acende. Uma barba velha, comprida, esbranquiçada num rosto cheio de rugas, de palpebras carnudas e olhos pequeninos, dão-lhe o aspecto dum bicho que rasteja pela terra em procura de carne humana.

Pois a impressão recebida por Mario, que se assume

às ferreas portas gradeadas daquele cemitério, é de tal maneira intensa que se lhe extingue num ápice a alegria dos campos para dar lugar a ideias funebres, alterando a propria natureza do dia. Os dizeres nas cruzes em letra branca sobre fundo negro contristam-n'o misticamente. Contudo o velhinho, muito despreocupado, continua a lida, canta baixinho, mostrando-se satisfeito.

Dobra o sino da Igreja,
minha mãe, quem morreria?
— Filha, não sabes quem seja,
mas reza uma Avé-Maria.

E Mario sobre este quadro, pensa :

Diante o portão e essa mata de cruzes
no peito com luzes,
a bem dizer homens de braços abertos.
Eu vejo viçosas florinhas sorrindo,
roseiras sorrindo
e braços abertos !

E o pobre coveiro lá canta, limpando
Uma e outra flor e lanternas brilhando !

Agora Mario a custo consegue alheiar-se dessas ideias pesadas e entregar-se em espirito á folia do movimento animado das cousas. Efectivamente o seu grande poder de vontade transfigura o quadro, interrompido pelo movimento duma criança animada e entretida que se aproxima, alegre e sorridente, que vem a caminhar, brincando

aos pontapés com as pedrinhas do caminho, entoando o jovial assobio, desviado de sua mãe mendiga que se arrasta mais atrás. O vate engraça com o garotito e experimenta-o:

Mario

Por que andas satisfeito, oh filho de infelizes?
mostrando a quem te vê o rir de f'licidade!

Criança

Eu sei lá pelo que é!

Mario

O riso quem t'o trouxe?

Mãe da criança

Trouxe-lh'o eu, senhor. O sorrir?!

As raizes

Tambem amargas são...

Mario

Algumas.

Mãe da criança

E quem ha de
dizer que estão nutrindo o fruto que é tão doce!

Mario, simpatisando com o dito duma mãe e a vivacidade dum filhinho, acaricia-o e depõe-lhe na mão uma moeda. A mendiga que vê este gesto pelo lado do

coração de mãe, sente um entusiasmo de amor e agradecimento mais grandioso do que a esmola, porque acima de aceitar a moeda está a gratidão, está o sentimento elevado de mãe. E lá vão seguindo, entrando a aldeia: uma mãe consolada e ameigando o filho e um garoto radiante abençoando aquele senhor que nunca viu e que sente viver com entusiasmo no seu peito infantil.

O nosso herói afasta-se do cemitério, espraia a vista pelos campos e vê as raparigas matizando a paisagem com trajos garridos, soltando gargalhadinhas, piadinhas e risos entre umas e outras quando o veem. Sim, ao verem a figura cidadina, chalaceiam umas com as outras, atirando chufas em que o vate parece ser atingido e riem-se muito. O forasteiro resolve afastar-se. Contorna os casebres da aldeia, até que chegando ao alto está junto dum casarão solarengo que fica nas traseiras da estalagem, mas sem travessa que lhe dê acesso de comunicação.

Tem que contornar. E neste contorno vai disfrutando o panorama de vales profundos pelos quais corre a sinuosa ribeira adornada de álamos virescentes nas suas margens. As vivendas tresmalhadas parecem pombas a tomar o sol. Os núcleos de arborescência e penedia, o aparentar de alguns penedos formas caprichosas escapados á erosão, dão alma á natureza. Estonteiam as variegadas côres dos trajos aldeães, e os moinhos rangem pelos cimos dos outeiros cultivados, — alguns não muito longe, quasi perto de Mario — com o seu zum... zum... zum...

A paisagem anima-se de essencia, luz e côr...! E Mario lá está no seu enlevo á cabeceira da aldeia, que é aquele solar e o castelo. Contempla-os. Parecem piramides enegrecidas por uma espessa flora de liquens que forra e protege aqueles venerandos muros, sem o minimo rumor.



Vivenda dum doutor

Contempla as pirâmides que talvez compreendas o seu silencio.



N'aquella enorme habitação vive o Doutor, e tão só como se não vivera lá ninguém. Meia tarde. O vate contempla aquella casa misteriosa e conjectura: — Seriam d'aquí que partiram os sons do violino a noite passada? Razões tinha para isso conjecturar, — pois que aqueles muros ficam mesmo na trazeira da estalagem — já pela conduta do louco, já pelas informações que colhera da estalajadeira, sobre o qual lançava tão maus agouros, afirmando até que ás vezes se viam sair d'ali aparições ou recolherem. O poeta como que desvaira por vezes, tentando descobrir a causa de que se faz um enigma. A estalajadeira confundira tudo nas informações supersticiosas: «E' um louco, é um lobis-homem que toma a figura de animais estranhos e leva

toda a noite a percorrer as florestas, enchendo-nos de terror.»

E se Augusto era como o pintavam, porque lhe guardavam tanto respeito ?!

A resposta da estalajadeira neste ponto fôra sincera e acertada: «Descende de fidalga familia, tão nobre que não ha outra por estas redondezas e isso merece respeito, muito respeito. Foi êle o unico herdeiro dessa familia. Ha quanto tempo se não via uma pessoa destes fidalgos! Ha bem seguramente sessenta anos, ocasião em que foram de todo para Lisbôa. Hoje temos este espelho! mas como é rebento da mesma arvore temos que respeitá-lo.»

Tais são as razões que se avivam agora na mente de Maric, procurando desvendar o mistério. Anda em torno da casa, observa-a, e nota que até lhe dá uma reminiscencia de remoto convento, o que lhe lembra num sonho frades de hábitos negros roçagando as cousas e passeiando pelos frescos claustros.



Um estranho que procura outro

*Quem viaja na aldeia encontra
sempre mais a espontaneidade que
o artifício.*



Esse vetusto edificio onde habita Augusto, com a frente para o nascer do sol, ocupa uma boa area e domina a extensissima quinta, não faltando o ajardinamento do solar. A porta de entrada rasgada no grosso portão está semi-aberta. O poeta espreita para dentro e vê um amplo *hall* com um cata-vento em frente que deve encobrir a escadaria. Foi feliz em parte ir nesta ocasião, pois que a porta costuma estar sempre cerrada, e se agora está entre-aberta é porque um velho barbaçudo, branqueado pelos anos, de chapéu largo e traço grosseiro vem a sair com um sacco e dá de frente com Mario, assustando-se surpreendido. Mario tranquilisa o velhote e diz-lhe que vem pelo senhor Augusto, o senhor doutor, obtendo a resposta de

que ainda está nos seus aposentos, mas que se ha alguma novidade, alguma má noticia, irá anunciar. Mario põe á vontade o velho serviçal e diz que de nenhum modo quer perturbar o sono a uma criatura que talvez levára a noite em cogitações. No entretanto pede informações sobre a hora a que lhe poderá falar e se haverá duvida em recebê-lo depois. O domestico responde: — Receberá, sem duvida. Que me conste nunca negára um bom acolhimento a ninguem. O senhor diz-me o nome e apareça pelas seis horas da tarde.

— O meu nome! — hesita o poeta e redargue-lhe: — Olhe, informe apenas que o procura aquele individuo que êle encontrou hontem á tarde na estrada, uma pessoa da cidade com quem falou, extranha a estes sitios, que já sabe quem é.

— Não haverá novidade?

— Não. Bem vê que venho a estes sitios fazer um estudo e a unica pessoa na aldeia que me pode prestar instruções é certamente o doutor.

— Ah, senhor! êle sabe demais, já não tem mais nada que aprender. Essa gente que anda para aí, esses burros é que o não entendem. Fique descançado. Ai, o senhor Augusto vai ficar radiante com a noticia.

— Deveras?

— Asseguro-lh'o eu. Dê o senhor por aí umas voltinhas enquanto chego lá abaixo ao *cercado* a ver os trabalhadores, e ás seis esteja por cá, que o senhor Augusto estará prevenido e levantado.

— Pois bem, estarei, e agradeço-lhe muito a amabilidade.

— Ora essa.

— Muito e muito obrigado.

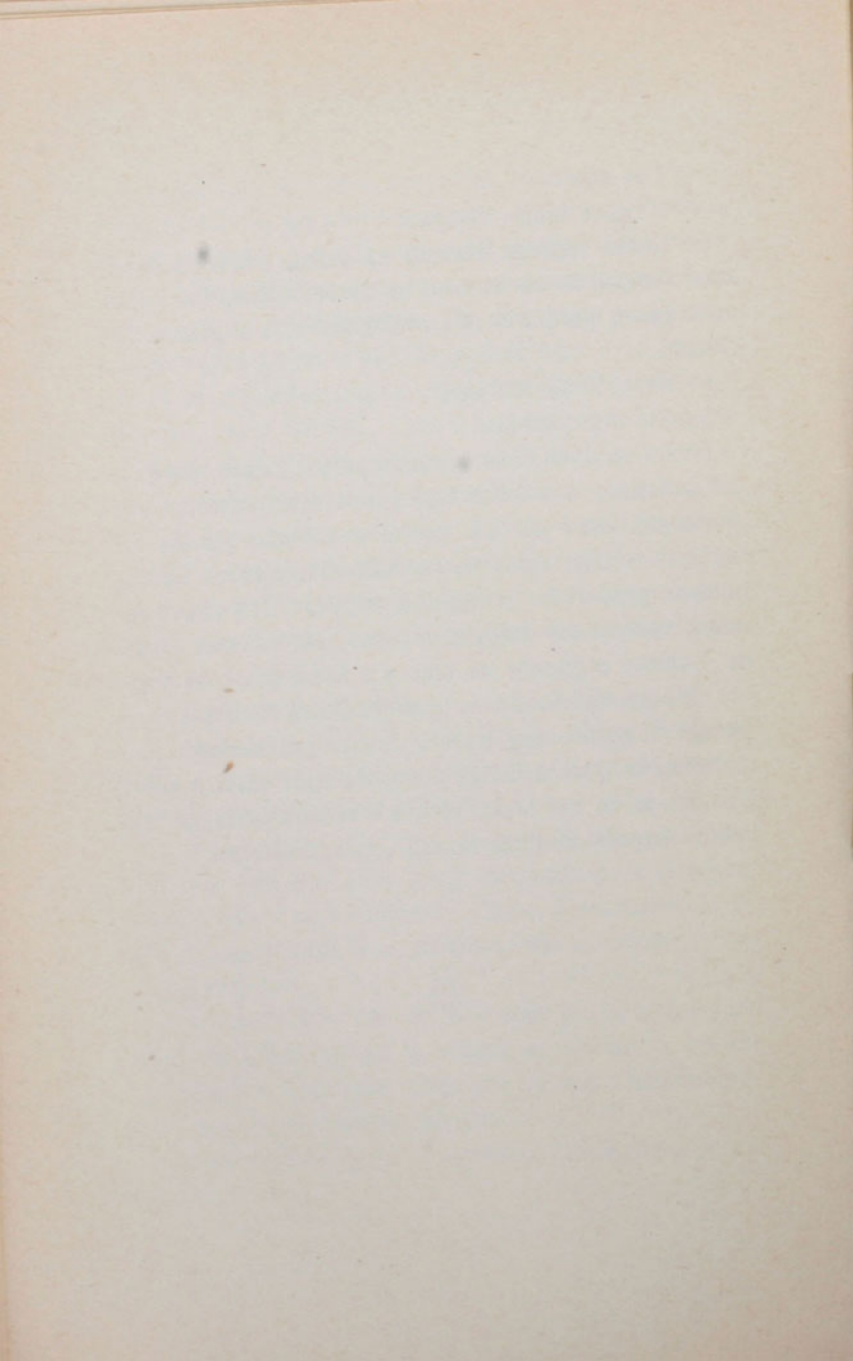
— Como almoça sempre na cama, fica-se deitado, mas sempre ás voltas com os livros. Chama-lhe doido essa gente porque o não conhecem nem o podem conhecer.

— Bem. Então até logo.

— Até logo, senhor.

Ficára-se o cidadão olhando para o criado antigo e delicadissimo que desce agora uma carreteira sinuosa. Mario só, erra por ali, por além e senão quando dá-lhe nas vistas, ainda na herdade extensissima do seu homem procurado, o seguinte quadro: Uns cavadores numa varzea que trabalham como uns mouros, massa de homens erguendo os braços e flexionando os troncos. Moças trabalhadeiras numa perpetua cantilena completam o quadro por aquela enorme propriedade. Mario observa quanta fadiga e quanto suor custa a vida. Comove-se de ver tanta miséria e tanta alegria no trabalho! Depois continua errando, fazendo horas.





Fazendo horas

Na boca dum rude se pode encontrar a síntese duma transcendência.



Continua o poeta andando para ali ao Deus dará, a fazer horas e a observar o horizonte. A certa altura, quando recolhe o espriar da vista, nota junto de si um camponês que abandonára a enxada num talhe de terra fresca, horta, tirando rôlos de fumo dum cachimbo. Dirige-se lhe, resolvido a dar um pouco de cavaco, na intenção, é claro, de não falar no médico, porque pode amedrontar o rude ou levantar suspeita de que tambem seja um doido ou feiticeiro, devido às perguntas invulgares que vai disposto a fazer.

E se ali fosse tomado como doido ou como feiticeiro, desconhecido como é, ninguem o pouparia. Aproximase do individuo. Dá as boas tardes, e felizmente é bem acolhido com um «Salve-o Deus». Falam de colheitas,

de sementeiras e por ultimo o camponio tirando filosoficamente fumaças do cachimbo, pergunta-lhe donde é e o que o traz por ali. Mario responde, com uma habil sonegação, que anda a percorrer as aldeias do pais para fazer um estudo.

O que pensaria o camponês se o Pindaro lhe dissera que anda desiludido do mundo ?! E que por muitas aldeias já tem passado por motivo de quejandas desilusões.

Seria tomado por um doido tambem, recebendo em resposta uma indiferença, se não um ronco surdo ou uma espreita de noite que o fizesse galgar outeiro acima mais depressa que o Veloso amigo outeiro abaixo. Mas não, o rude toma em muita consideração o objecto de estudo, e quando vê que a sua aldeia não passa em esquecimento, anima-se com entusiasmo e solta uma rizada de simpatia.

Camponês

Ah...! ah...! tem uma graça, até a nossa aldeia lhe não vai escapar!

Poeta

Pois não é nada feia.

Camponês

E' bem bonita, é, mas essa triste guerra tem-nos levado tudo á nossa pobre terra.
E ver as pobres mães abraçando os filhinhos...
Levou a mocidade, e êles, coitadinhos,
lá iam a fingir que riam. Ah, que sorte
a de mães e irmãos!

Poeta

Iam rindo para a morte !

Camponês

Ha só velhos p'ra ai. Com a falta de braços pouco se semeou, apenas uns pedaços. Gado não ha nenhum. Como se ha de lavar ? se a Hespanha o leva todo. Agora anda a comprar de tudo o que aparece. Os hespanhoes nas feiras é vê-los a comprar ! puxando das carteiras, pagando a todo o preço. Assim fazem-nos frente. O *duro* vale tanto ! e riem-se de a gente. Embora comprem caro inda sai baratinha a mercancia. Depois vendem-nos a farinha a exorbitante preço. E lembrar que o dinheiro que dêles recebi quando eu era ceifeiro valia quase nada ! Agora já se diz que se vamos assim comprem todo o paiz. Antigamente é que era ! A feira antigamente ! Aquillo é que era tempo ! Ah ! recordar-se a gente ! Era tudo a dizer : Ha a feira na aldeia, ha grande vozeria, ha grande animação ; tanta gente lá vai, tantas moças lá vão ! O largo apinhadinho ! Eia, tanta gente, eia ! Ha grande animação. A moça é doudivana, duma banda p'ra a outra atropela a senhora. Olha alem, entre o pó, na grande corredoura um burrinho a fugir, levando uma cigana. Olha ! um homem caiu da mulinha damnada, aquele vai cair . . . — Aguenta rapaz.

Não puxas a arreata ? Olha ! este fica atraz !
 olha esses atafais . . . — Era cousa engraçada.
 Ah ! quanta animação ! Isto é que são aldeias !
 Olha o circo ao ar ilvre : Ali anda o macaco
 ao som da pandeireta, o maldito, o velhaco,
 enquanto um urso dança êle faz coisas feias.
 E a grande animação, um bombo e um clarim
 retumbam quasi sempre em grande chinfrineira.
 Esta feira d'aldeia é uma grande feira.
 Ha palhaços berrando entre um grande tchim . . . tchim . . .

Poeta

Hoje é uma tristeza.

Camponês

Uns burros lazarentos
 que metem nojo aos cães. E nós uns pachorrentos . . .
 Se nem ha procissões . . . !

Só crearam p'ra ai
 uma festa de outubro.

Poeta

A cinco.

Camponês

Eu nunca a vi.
 Nem me lembro do nome. Êle é uma tal festa . . .

Poeta

Da Republica.

Camponês

E' isso, é. Mas aquilo presta ?

As minhas filhas é que falam a verdade :
Aquilo é festa, pai?!

Poeta

Não tem sublimidade.

Camponês

Bem me disse o Doutor. Ele é um louco, é louco,
mas... Conhece-o o senhor?

Poeta

Não. Da terra sei pouco.

Camponês

Não ofende ninguém. E' um desventurado
que perdeu o juizo e anda tão falado
cem léguas em redor...

Poeta

Um homem sem juizo?

Camponês

Não tem, mas uma vez falou com muito siso.
Dissera-me êle assim: — Ah! acertou tão bem!
Que o Senhor lhe perdoe! — Republica só tem
guerras. Sabe por quê? E' porque hoje está um,
amanhã já 'stá outro e nunca está nenhum.

Deixemos pois ir assim decorrendo o diálogo, en-
quanto vamos numa analyse por outras paragens.

O declinar da tarde na cidade de Lisbôa

(TARDE DE ÓCIO E DE CHÁSINHOS)

Homens rudes desconfiai dos que vos fazem promessas para vós defenderem, são os que só em vós encontram armas para o triunfo e só comvosco obterão a victória, e uma vez obtida o campo de batalha é juncado com os vossos cadaveres.



tarde, quando o sol já vai declinando para mergulhar nos ocasos e oceanos, sobe-se o Chiado em Lisbôa, apinhadinho de gente nos passeios marginaes, donde se destacam pessoas que atravessam a rua tanto dum lado como de outro, desviando-se á pressa dos automóveis, que buzinando se sucedem frequentemente. Nesses carreiros de

gente — tal é a impressão que temos do amontoado que segue os passeios Chiado abaixo, Chiado acima — avultam-se em vistosas côres de sedas os trajos das elegancias feminis. No Chiado alguns automóveis páram ás portas das pastelarias chics, despejando as belezas feminis para o *Five-ó-clock-tea* ; e esses automóveis ficam jazendo ás portas ou nos largos visinhos com os seus chauffeurs, que, esperando os patrões, parecem adormecer.

As damas dentro das pastelarias corôam as mesas, falam animadamente de *rendez-vous*, observam de olhos ternos, languidos e amorosos o *dandy* da mesa visinha, ou cavaqueiam animadamente ás mesas com os noivos. Desenvolve-se o tema da finura de ditos num colóquio rendilhado e artistico, num amistoso de relações, maldizendo, ou melhor ridicularizando aquelas próprias pessoas que o acaso fizera na vespera suas companheiras, prestando elogios ás que estão agora presentes e que maldisseram na ausencia ! As donzelas, olhando para as mesas visinhas, deixam-se levar na subtilidade das azas de Cupido. Os criados impecavelmente servem o chá. A' porta formam-se grupos de mo-tejadores, rapazinhos da moda e com pretenções á piada, assestando o monóculo e comentando essas figuras gentis que passam pela rua ou que entram nas pastelarias. Ha damas a entrar e ha damas a sair e ha quadros que encheriam de grandiosidade a imaginação mais fecunda dum pintor decadentista.

E' frequente ver-se o quadro seguinte, que Mario dolorosamente criticou :

Quantos lares sem pão e sem calor !
Quanto luxo a brilhar nas meretrizes !
Quanta mulher perdida ! As infelizes
fizeram um bazar do seu amor,
fizeram um bazar as meretrizes !
Intensissimo aroma ali rescende,
ha joias estonteando mil fulgores
em mil constelações ! Ha esplendores.
Quem compra a dama ? Quem compra ? Quem vende ?
Quem dá mais ? Quem dá ? Quem deseja amores ?
E uma dama, uma dama entre outras, linda !
refulge seus aneis, come um bolinho,
dá outro ao seu amante — o fiel cãosinho — ;
enquanto á porta pede esmola, ainda
sem ter comido nada, o aleijadinho !
A avidez que este sente por um bolo
que lhe mitigue a fome... ! E descontente
lá vai abençoando aquela gente,
lá vai abençoando o desconsolo,
com inveja do cão tragar o bolo.
Eis ás portas, co'os filhos, essas mães
a invejar a sorte aos próprios cães.

Compare o leitor o que se faz á tarde no Chiado com o que se faz na aldeia — onde uma floresta de braços, erguidos á maneira de preces, levantam as enxadas e logo as deixam cair movidos pela fadiga. E sempre satisfeitos ! Enquanto que os da cidade passeiam, gosam e alguns bastante ricos consomem o tempo a lastimar a sua sorte : — Que são infelizes ! Que a vida está

cara ! Que isto não pode continuar assim ! Que Portugal é pobre ! Que ninguem quer trabalhar ! — Enfim uma serie de imprecações acompanhadas de bocejos que, se a alguem podem ser applicadas, a eles são-no sobremaneira.

Fiquemos no Chiado um certo tempo a observar a ostentação do luxo rompendo quadros de misérias. .

Observaste, leitor ? Estás satisfeito ? Viste o que se passa á tarde no Chiado ? Pois agora percorrendo a nossa Ulyssea, vamos até aquelas bandas, lá abaixo ao longo do rio. Ouvirás o que dizem desses que ostentam os bocejos nos *rendez-vous* e que não contentes dizem mal de tudo por não estarem no poleiro. Vamos percorrendo bairros industriais ouriçados de chaminés e deixando estes a pouco e pouco entramos em areias de pescadores que, concertando redes, dialogam, tirando fumaças da côr de suas barbas pelo cachimbo tosco. Ouve como eles falam de quem os governa :

— Ah ! tudo isto vai mal, vai muito mal.

O ministro não faz o prometido.

— O que êle quer sabemos nós : Brilhar, brilhar, mostrar o garbo, envaidecido !

E diz : Venham as sedas, são precisas.

E as sedas vão tiradas as camisas
ao pobre que anda sempre nesta luta !

Venham as jóias, quero mais fulgor.

E as jóias vão da terra que, em labuta,
levanta o magro e pobre cavador.

E venham equipagens p'ra mostrar

que de mim falam muitas criaturas,
deste meu garbo, deste meu trajar,
destas minhas e tão gentis medidas !

— A multidão reclama e até ulula.

— Já tarda a sua hora, o sangue pula.

— Eu já sinto bradar a consciencia,
a voz de punição a essas leis.

Ministro aonde a tua competencia ?

Ah ! voz da consciencia não poupeis . . .

— E depois quando ele entra nos salões,
é vê-lo ! — Assim esquece as multidões !

— E' mais um que me ilude, esse senhor
e que disse abrandar a vida rude . . .

Votei nêle sem ser o pescador
e para lá o ver fiz o que pude.

Era quem ? Um obesso de vaidade
que muito se mostrava por aqui . . .

Já tem nojo de nós, não é verdade ?

Dirá que não, mas tem nojo de mi' !

Então se aquela rede não pescasse,
o que havia de ser de toda a gente ?

E o que havia de ser se não cavasse
o pobre cavador mesmo doente ?

— Tudo isto vai á vela ! — Isto vai mal !

A não mudar . . . — Ai, pobre Portugal !

Nem mais verá partirem caravelas
com a Cruz demandando mar em fora.

Diz-me lá para onde foram elas ?

— Em vez de melhorar tudo peora.

— Esse ministro até renega Cristo !

- Morra o aborto. Não serve p'ra isto.
— Mas dizem para ai que desta vez irão a governar nossos iguais.
— Triste destino o nosso. Pois vocês sabem lá nada disso ! outros que tais.

E assim se vê que a cidade anda numa revolta constante porque não tem moral nem religião e os que a têm são postos de parte e contentam-se em lamentar a sorte. Por isso saímos da cidade. Deixemos estes humildes oprimidos, deixemos este quadro rude de pescadores que parece viver á parte da indolencia da cidade, que parece estar vivendo muitas leguas longe do que está perto por não identificar-se com o ócio, ser visinho do que está tão longe em costumes e trabalho! E tão perto em trabalho, em actividade daqueles que realmente muito distantes vivem, em comunidade de pensamento: Quadro de aldeia. Recolhamos á aldeia. Vamos aos visinhos do pensamento que não aos visinhos do lugar. Deixemos aqueles que percorrendo as ruas invocam sacrificios desses humildes, dizendo-se a eles iguais e companheiros de trabalho, da mesma profissão, assemelhando-se a êles quando muito no traje e se proclamam dessa arte (os que nada fazem) seus mentores sendo os seus tiranos, que procuram uma ganancia sem muito trabalho, aprovando ou desaprovando conforme a *coisinha* lhes vai correndo, pouco lhes importando o martirio dos que sofrem. Bramam porque ouvem os queixumes dos que padecem, e assim arranjam um pretexto de tumulto para alcançarem os seus

fins. E os desgraçados continuam sempre sofrendo, ficando sempre pobres. Esses operários que descem o Chiado bramando, sabeis quem são? Os que não trabalham, os que nada fazem, nada senão aquilo! Recolhamos á aldeia risonha, satisfeita, embora misera! onde a humildade campeia, onde a humildade se mostra ridente e sã, que não seremos importunos e aí sempre o espirito tem mais descanso. Na aldeia os mesmos intellectuais que lá estão, são os beneméritos, são os operários da ciencia e da arte que desbravam a moleza do nosso espirito pela doutrina e pelo exemplo, semeando a lucidez, arando as massas cerebrais. Vamos para a aldeia, sim; pois os quadros da cidade podem acarretar-nos algumas vertigens de ócio e vicio, ou fazer-nos operários de bocejos, porque o bocejo é muito comunicativo.



Numa casa solarenga

*O queixume duma confidencia
tem sempre eco noutra confidencia.*



Esfuma-se o horizonte em ansias pulvurentas
das forjas do poente! Ha umas pardacentas,
ha outras fogo vivo, em chama radioso.
Esfuma-se o horizonte em ansias pulvurentas!
Volvendo para traz o nosso olhar piedoso,
Portugal foi mais lindo e muito mais formoso
nos tempos medievais. E as sombras pardacentas
das plantas mais e mais crescem nas ancias lentas!
Esfuma-se o poente em sanguineo radioso,
Portugal em menino era inda mais formoso!

Tal é a impressão remota que acarreta uma vetusta casa solarenga, habitação d'aquelle sábio desiludido dos gosos terrenos, agora banhada pelos raios das forjas incandescentes do sol-posto. Entramos o *hall* e a escada-

ria guardada pelo catavento e vemos colunas, pinturas sacras no teto e azulejos. Vamos pelo trajecto seguido pelo sábio a noite passada, até ao primeiro piso, e com o filósofo e o poeta estamos na sala já descrita: um fogão apagado, caveiras e demais ossada sobre uma mesa, laboratório contíguo ou gabinete de experiencias. Não se julgue o leitor diante dum laboratório de alquimia. Não. Estamos num gabinete de estudo do dominio da ciencia moderna, cristalografia e paleontologia principalmente, e não num laboratório de magia ou de ciencias occultas. Não desconhece Augusto as ciencias occultas, mas o seu laboratório para essas é o cerebro. Pouco tempo ha que Mario entrou. Falam já tão naturalmente como se ha muito tempo se conheceram. O sábio, sentado na poltrona, olha pausadamente para o fogão apagado. Mario ao lado, cismático, olha atravez a vidraça cerrada para o horizonte quase a esfumar-se em sombras. Eil-os merencórios. Falaram de algo que os vai dominando e os absorve em pensamentos. Mario ergue a cabeça, alisa a cabeleira, cofiando-a, respira sentimentalidade e continua uma sua confidencia.

Veja o leitor o que é o poder de solidariedade scientifica, que numa atmosfera extranha, num ambiente desconhecido, sente-se com vontade de dizer tudo, tudo o que lhe vai no intimo, quer desabafar, quer dizer tudo o que sofre. E a este estado desenvolvido por Mario, tambem se não pode alheiar Augusto. Como que aquele timbre de voz estilista, aquele conceito, a frase o vai influenciando. Ouve-o com interesse, com extasis mesmo, e Mario continua a narrativa.

Mario

Depois de lhe mandar de manhã uma carta,
andando desvairado, a minha alma já farta...

(Mudando de tom)

Proporcionou-se o baile. Eu entrára a tremer,
a vibrar pelo amor... e quando entrei já vinha
de ver representar uma comedia minha
no teatro.

Augusto

Tambem por amor da mulher ?

Mario

Quem a sério tomar o amor duma mulher
ou já endoudeceu...

Augusto

Ou 'stá p'ra endoudecer.

Depois ?

Mario

Depois falei-lhe um tanto á queima roupa.
A sua gentileza, o seu ar sorridente,
meteu-me um frenesi, que numa ideia quente
lhe disse, como quem o inimigo não poupa :
— Não recebeu Vocencia a carta que escrevi ?
(Ao pé estava gente e falara-lhe assi!)

Augusto

E que resposta deu ?

Mario

Ficou-se perturbada,
murmurando: O senhor... (Então a pouca gente
que estava ao pé de nós, disfarça afavelmente
percebendo a surpresa, ao vê-la assim enleada,
de largo a observar, mas ficámos a sós.)
Senhor, que quadro este! Ali ficámos nós
olhando um para o outro...! Acentuei melhor:
— Senhora, se o permite, ousarei perguntar
se recebeu a carta?

Augusto

Está-me a int'ressar
esse enleio.

Mario

Dizia apenas: — O Senhor...
— Sim, ousou perguntar — tornei a repetir... —
Parece-me antever algo que a vai ferir,
sem que possa antever a minha culpa! Não
fui eu menos correto? — E ela então furiosa
rebenta violenta, ainda mais formosa:
— Sim, senhor, recebi uma declaração,
e acaso não ignora o facto de que estou
noiva?—Ah!... Ah!... Respondi: Pois ninguém m'o contou.
Mas... senhora, senhora... uma declaração?!
E fui eu que a mandei?! — Faça agora de novas.
— Afirmo que não fui. Poderá dar-m'as provas?
— Prova-o a assignatura. — Ah?! pod'rá ser?! oh! não.
A carta que escrevi a Vocencia, bem vê
que é muito natural.— Natural?!—Pois não.—Por que?!

— Pois que outro assunto mais? Creia, minha senhora: Soube que a vossa mãe ia convosco ao norte e ficava em Lisbôa o cocheiro, homem forte, exímio domador! Sim, liberdade fôra pedir-lhe m'o cedesse, enquanto lá passava a epoca de v'rão. Pois comprei uma brava parelha. Mas, agora estou eu a pensar... Ah! n'essa ocasião outra carta escrevia... Perdão, minha senhora! Eu dou em louco. Via numa segunda carta o meu doce enlevar, uma louca paixão... Via a dama tão linda, como a terra não teve e o sol não viu ainda. Sim, troquei certamente os envelopes. Deu em resultado isto!

Augusto

O amor a endoudecer.

Mario

Fiz as cousas no ar! Esta cabeça a arder.

— Perdão, minha senhora. Hav'rá no mundo inteiro um homem como eu?! assim desorientado.

Tem razão p'ra se rir. Eu sou um tresloucado.

— Mas que diz?! O senhor pedia-me um cocheiro?

'Starei doida tambem?! — Que outra cousa ousaria eu pedir a Vocencia? — O senhor não faria tambem comédia n'isto? E' poeta, escritor...

— Ah! senhora, senhora, eu peço mil perdões.

Esta minha cabeça... — Essas suas razões...

Podia acontecer... Quanto a mim o senhor

só ganhou simpatia. Agora ela... — Ela, quem?
— Esse amor que só vê na vida, e mais ninguém,
ao ler a sua carta a rogar-lhe um cocheiro,
em vez de lhe falar numa certa poesia...

— Oh, senhora, senhora! o que ela pensaria!
Ah! vou endoudecer. — Mas diga-me primeiro,
já que tive esta sorte, a dita de saber
um sigilo tamanho...

Augusto

A arte da mulher.

Mario

Você que é tão gentil, dum porte magestoso,
não poderei deixar de mostrar o desejo
de ver a criatura. Ha de dar-me o ensejo,
porque deve de ser um anjo bem formoso.
Não nega certamente apresentar-me a ela?
Conheço-a eu? — De certo. E' tão linda, tão bela!
Nem a ninfa subtil, nem o gorgeio da ave...

— Mas diga quem é ela? — Oh! não. Sinto bastante,
mas não posso dizer. Bem vê que um pobre amante
não pode apregoar... — Deixe as falas suaves
e diga só o nome. Eu sou tão curiosa!

Augusto

Apenas uma vez que não foi mentirosa.

Mario

Mas, senhora, senhora... — Então não lhe mercede
esta amiga um segredo? E' um só, um apenas.

— Curiosidade só?! Bem vê que n'estas scenas...
— E se neste falar houvesse um interesse?
— Nesse caso... Porém um dia pode ser
que lhe mostre o retrato. — Ah! gostava de o ver.
Mostra-m'o hoje? — E n'isto alguém interessante
nos vem cumprimentar, sorrindo e estudando
aquele todo em nós. Ficára-me cismando,
e ela pensativa, estava deslumbrante!
Entrámos para o baile: o riso, as gentilezas,
o estontear da luz, o passar de marquezas...
Fui com outra valsar, e ela magoada,
olhava para mim. Nunca deixou de olhar,
e sempre que podia estava-me a observar
com um certo interesse, um tanto perturbada.

(Respirando)

Quem a sério tomar o amor d'uma mulher...

Augusto

Ou já endoudeceu ou 'stá p'ra endoudecer.

Mario

Depois disto passar, essa menina, essa...
vinha-me suplicar, vinha-me endoudecida,
como que a demonstrar... enfim uma perdida.

Augusto

Ferida na vaidade.

Mario

Oh! nunca mais me peça

o retrato, senhora — assim lhe respondi. —
Mas ela, brandamente, (ah! tão linda eu a vi!)
dizja: — Vá, depois? — Levo a mão á carteira
p'ra mostrar-lhe o retrato. Então muito nervosa,
viu, viu, tremeu-lhe a mão e fez-se côr de rosa,
palida, furta-côr!

Augusto

Mas tinha na algibeira,
na carteira, ou o que é, o retrato d'alguem?

Mario

Pergunto-lhe: — O que viu? — E mais altiva, sem
perder a linha, diz: — Mas quê?! Não vejo aqui
retrato algum! Ah! vejo apenas um espelho.
— E no espelho o. que vê?

Augusto

O retrato. Meu velho,
não lhe dou parabens. Já vi tudo, já vi.
E depois?

Mario

Namorei-a, iludiu-me.

Augusto

Cuidado!
deve ter-lhe inda amor, lembrar-se do passado.

Mario

Qual! Vai casar agora.

Augusto

E está bem certo d'isso?

Mario

Foi ela quem m'o disse.

Augusto

Ora, adeus. E' patranha p'la certa. Agora toca a ela uma façanha,

Mario

Que a levou á derrota.

Augusto

A faze-lo submisso.

Mario

Esqueci-a de todo. Andava tresloucado, bebia ares por ela, em sonhos perfumado...

Augusto

Já tambem me sorriu a taça de Himeneu. Ao som d'um minueto os nossos corações marcavam juntamente as mesmas pulsações. Tambem já me sorriu, mas tambem já morreu.

Mario

Não me vence Mimi. E' condessa, mulher rica e gentil demais, só faz endoudecer co'a riqueza e elegancia! Era toda ternura,

dum olhar sonhador a inspirar tristeza.
Cabelo todo negro e um ar de princeza,
embora tamaninha, a aparentar doçura!
E' bem religiosa, entanto é doudivana...
não me pode servir a mulher leviana.
Era muito engraçada, e em materia d'amor
mostrava não ligar nenhuma importancia!
Os vinte anos que tem, são ainda a infancia
dos seus doze talvez, levados a rigor.
Umaz vezes dizia: Oh! não me hei de casar.
Outras vezes mudava: Eu hei de desposar
o meu primo Raul, e ia assim por diante,
e por ela falar com tanta liberdade...

Augusto

Assim insinuava ao amante a ansiedade.

Mario

E a perspicacia sua! o todo insinuante!

Augusto (*recordando o seu tempo*)

...Aquela noite foi um enlevo d'amor
p'ra nós ambos! Sorvi esse mesmo sabor
por fidalga arruinada. Inda lembro! Em Paris
estava eu estudando as ciencias occultas...

Mario

Então deve saber ciencias muito cultas?

Augusto

O que aprendi e sei a frase não o diz.

Mario (*olhando o gabinete*)

Tem um laboratório !

Augusto

Oh ! não venha com pressa.

Ah . . . ! ah . . . ! laboratório ? E' a minha cabeça.
Ela era um amor . . . o baile era animado . . .
Tão linda ! magestosa ! e a riqueza que tinha
trazia-a toda em si. Um porte de rainha,
cabelo todo louro. Era um ser encantado
que me punha a vibrar numa louca paixão,
Margarida de Fausto ou diva que o aldeão
julga fada.

Mario

Rainha entre mil esplendores.

Augusto

Era alta, a carne mate, as joias refulgindo
(e quase em privação !), decotada e abrindo
riso fresco e leal. As unhas, em fulgores,
pareciam marfim com um brilho estonteante.
O brilho dos aneis, o aroma penetrante,
os olhos quasi azuis, as suas sobranceiras
pareciam de seda. O seu pestanejar
parecia talvez ensaiar-se a voar,
parecia talvez o bolir das abelhas.
Soube que estava pobre . . .

Uma noite entregou-se
de todo a mim. Raptei-a. O amor era tão doce !
Por ela não ter nada, ainda mais lhe quiz.

Andorinha ao meu seio a tremer-me... Eu bem via
 ser grande o seu amor! Dava-lhe o que pedia:
 carinhos e riqueza. Enfim pu-la feliz!

Não nos faltava nada; apenas uns desejos
 haviam inda em nós: Ver um fruto dos beijos
 do nosso grande amor. Um dia (oh maravilha!)
 foi tamanha a alegria... E d'ahi por diante
 a tinha por mulher e não por minha amante.
 Era o mimo da casa a minha pobre filha.

.....
 Não durou muito tempo esta grande ventura.

Mario

O drama d'um amor?

Augusto

Do amor e da loucura.

Mario

Depois que succedeu? Morreram?

Augusto

Não. Mentiu,
 mentiu como mulher e mentiu como mãe.
 Ai, a minha cabeça! Eu lembrar-me que alguém...

Mario

Oh! fale, por favor.

Augusto

Sim. Não morreu. Fugiu.

Mario

E o que é da criancinha?

Augusto

Eu nem sei se inda é viva!

Volto a casa uma noite e encontro uma missiva que isto dizia, mais ou menos: — Bom Augusto, não pude resistir á cega tentação da loucura do amor. São leis do coração que me has de perdoar, pois foste sempre justo. Levo a nossa filhinha, o fruto do meu ventre, por essa vida fora, e tu não julgues que entre mim e ti ha rancor. Teria pesadelo mostrar o que não era! em dar falsos carinhos que a outro homem cedi antes! e nos espinhos da vida vim a achá-lo inda louca por vê-lo.

Mario

Cegava-a a ambição, cegou-a o dinheiro.

Augusto

Veja bem a mulher, a mãe! o aventureiro. Nem mesmo sendo mãe sentiu um pai no seio! Mas... jurei não lembrá-la. A ninguem diga nada.

Mario

Nunca o direi, senhor.

Augusto

E' que a alma desvairada gosa em mostra-la a ela, essa mulher que odeio.

Mario

E nunca mais a viu?

Augusto

Não; nem mais quiz saber.

O desgosto dum pai, sem nunca poder ver sua filha, oh! senhor, é o maior desgosto.

Mario

Serene, por favor.

Augusto

Agora ainda não sabe por que é que vivo aqui? E' porque em mim não cabe mais dor e mais amor. Por isto sou um louco.

Mario

Louco? Não.

Augusto

Louco, sim; mas grande neste abrigo.

Mario

Talvez tenha razão. Também sou louco, amigo. Amei outra mulher, e hoje! Pobresinha! curvava-se ante mim com tamanha humildade, que a vi beijar-me os pés, rogando-me piedade! Formosa como um anjo! E hoje, coitadinha! se eu a tornasse a ver...

Augusto

E quem vem a ser essa?

Não será por ventura a filha da condessa?
Êle ha tanta mulher, mas são todas iguais.
O dinheiro é que as compra. Umas tanto, outras mais.

Mario

Esta, não, coitadita! Aborreci-me d'ela.
Será uma excepção.

Augusto

Excepção? E' possível.
Tambem comprei a minha. Oh! esta ideia horrivel!

Mario

Ah! se a chegasse a ver. Parece-me inda vê-la,
á tarde, num jardim, costurando, sózinha.
Os seus cabelos d'ouro e todo o ar que tinha
de virgem e innocencia, em tela de pintor
não ficava tão bem. E não sabe por quê?

Augusto

Uma virgem do norte?

Mario

Oh! não, não, só eu sei:
Porque êle não poria em tinta o meu amor.
Desventurada Miss!

Augusto

Então ella era ingleza?

Mario

Orfã de pai e mãe, que á terra portugueza

viera dar lições. Uma pobre infeliz !
Compadeci-me dela, e quiz mudar-lhe a vida . . .
porém não quiz, dizendo : O trabalho é a lida,
o meu unico alivio. Insisti, mas não quiz.

Augusto

Ah ! como é diferente essa ! E' tão diferente !

Mario

E' das tais que o sentir não ilude, não mente.

Augusto

Interessa-me agora. E depois ?

Mario

Oh ! depois

consegui conquista-la.

Augusto

Ainda continuava

a lecionar alguém ?

Mario

Senhor, não descansava.

Fomos vivendo assim uns tempos, quasi dois
anos.

Augusto

Dois anos ?

Mario

Sim, aproximadamente,
damor e f'licidade. Oh ! mas ás vezes sente

o homem tentação... Não sei o que lhe disse, nem mesmo o que lhe fiz! Algo que a foi ferir no seu orgulho proprio! Isto foi num abrir d'olhos. Tremeu, saiu e fiquei sem a Miss.

Augusto

Um rasgo á portugueza e um rasgo á ingleza dão esse resultado.

Mario

Eu sei lá! Com franqueza, ficára d'essa vez bastante satisfeito. Passou-se um dia e outro e (não sei!) já sentia saudades da mulher, qualquer cousa que ardia ou ciume ou amor, qualquer cousa no peito. Um dia a passear, um dia! oh! o que eu vi!

Augusto

Ela, de certo.

Mario

Sim, a acompanhar Mimi, a filha da Condessa. Um tal atordoamento, uma tal emoção... Mimi e a sua Miss!

Augusto

E vivem juntas, não?

Mario

Bem juntinhas, se as visse!

Augusto (*interessado*)

D'aqui a pouco vou saber, é um momento.

Mario

Como ? ! Senhor.

Augusto

Supõe acaso que a ciencia tem só laboratório em sua experiencia ? Não deve consid'rar que as ciencias occultas têm menos pujança, em a vasta amplitude, que as positivas. Oh ! como tudo se ilude. Pois tais ciencias são mais exatas, mais cultas. Atravessam o alem-tumulo e depois seguem p'la senda misteriosa o ataude. Ninguém o sublime saber ! o nega-las, que importa, se ninguem as estuda.

Mario

Isso é interessante.

Como não duvidar ? !

Augusto

Levem o estudo adiante.

Mario

E pode-se falar co'uma pessoa morta ?

Augusto

Sim, sim, como lhe digo.

Mario

E fala?

Augusto

Sim, senhor.

Mario

E ainda não falou áquele seu amor
que ha pouco descreveu?!

Augusto

A minha dignidade,
o enojo p'la mulher, nem me faz pensar nela.
E' tão certo, senhor, como antes eu te-la.
Mais um amor que foi sem me deixar saudade.

Mario

Não se pode explicar o que é essa ciencia?

Augusto

E' preciso estudá-la e com muita paciencia
e muitos anos. Sim, ver alguns dos misterios,
vigor de religiões, que são tão verdadeiros
como o objecto que palpe, e se mostram inteiros
fenomenos reais, são actos muito sérios.

Mario

O senhor p'lo que vejo é um sábio em magia?

Augusto

Chame-lhe o que quizer, Eu tanto não diria.

Mario

Que ciencia é essa?

Augusto

A ciencia que trata
de estudar religiões e que lhes aproveita
a bem dizer a essencia; e explicando-as, aceita
a parte duma e doutra, e assim tudo retrata
com forma definida, a essencia tirada,
poder demonstrativo e logica formada.

Mario

Não bate as religiões?

Augusto

Foi o que me fez crente.
Tem a sua teoria imensa, vigorosa,
e só quem a estuda é que vê se é formosa
a ideia. Convence e diz sabiamente
o que se está passando em casa de Mimi.
Por exemplo vou vê-la.

Mario

O quê?! Vê-la d'aqui?!
E' possivel? senhor.

Augusto

Não me pergunte o modo.
'Studa-la ei a ela, observarei a Miss.

Mario

Ah!... ah!...

Augusto

Por que se ri? Supõe uma tolice?
Pouca gente faz isto, entanto eu...

Mario

Esse todo
com que fala, convence.

Augusto

E' certo, posso muito.
Tantos anos lá vão a colher este fruto!
Viver nesta morada e estar fora d'aqui
é cousa tão vulgar nesta minha ciencia.
Irei a convence-lo em sua consciencia.

Mario

Não me diga mais nada. Ande, vá ver Mimi.

Augusto

De resto, o senhor vê que antes da descoberta
fazer-se era um misterio.

Mario

Ou p'lo menos incerta.

Augusto

E o senhor com certeza antes da observar
não tinha opinião.

Mario

Sim, conforme ela fosse.

Augusto

Refiro-me em geral aquela que em si trouxe a reforma á ciencia e a vem modificar.

Irei mais longe. A agua em três estados passa : *Agua*, gelo e vapor. A mesma que enche a taça, vapor ou gelo são uma unica essencia...

Quer êle neste exemplo mostrar que o misterio não escapa á realidade e concepção dum espirito iluminado, esforçando-se por preparar duma maneira grosseira a compreensão da *triplicidade pessoal e unidade essencial do absoluto* ou Deus, ou seja o Mistério da Santissima Trindade, três pessoas distintas (ou aspecto duma só e unica essencia activa): Padre, Filho e Espirito Santo, constituindo um só Deus. A agua gelo é OH_2 , a agua liquida é OH_2 , a agua vapor é OH_2 , de onde se conclue que a agua sólida, a agua liquida e a agua vapor são uma e a mesma cousa quanto ao aspecto ou pessoa, *de persona*, OH_2 e como distintas as apercebemos. E neste discernimento Augusto expõe que a *essencia pura* abrange sete estados por que passa, sete graus povoados por habitantes, graus de densidade, em que a *essencia* é una. A estes graus tambem lhe chama planos de concretisação. E os habitantes humanos dum plano podem conviver com os do plano que lhes é inferior ou com os do igual. O homem consciente abrange cinco planos sem que atinja o que lhe é superior, indo seguidamente do mais denso para o que é menos denso. Assim um homem vivo, em grau evolutivo, adquire as facultadess de sonhar quan-

do quer, expressando verdades. O sonho é a região dos mortos e dos que hão de nascer. Não querendo isto significar que o sonho, a maior parte das vezes, de quem diz que sonhou, não seja falso. E'-o na sua maioria.

Por exemplo: um individuo acordou e lembra-se de ter sonhado com uma cousa e afinal sonhou com outra, porque a karmica impressão na massa nervosa determina um quimismo na massa cerebral mantido por inercia e que, operando sobre o *ego*, ao vir reincarnar-se faz tomá-lo como um sonho que é da carne por um sonho seu. Assim ao acordar teve a ilusão de que esteve a sonhar com o que não sonhou. O sonho é *aparente* ou *falso*.

Mas quem tem as faculdades de sonhar quando quer, tem o conhecimento do verdadeiro como se estivesse a ver com os olhos. Vai assim conviver com o mundo dos mortos ou dos que hão de nascer. O homem consciente, o adepto como eu — diz Augusto, — o mesmo iniciado, tanto sonha a dormir como sonha acordado.

Mario diz que sente pelo sonho uma adoração e fica-se absorto ouvindo o discernimento do filósofo sem que possa antever algo. O sábio continua o tema, asseverando e demonstrando.

Depois alonga-se sobre a natureza da ciencia positiva, criticando-a.

Como não admitir a sua ciencia, — diz, — que vai até á *transmissão do pensamento*? Se a sua teoria é tão sufficiente e viavel como a da telegrafia sem fios. Cita

um sábio que fez do cérebro receptor e do braço antena: o aparelho humano. Diz ser grande a ciência oculta, afirmando a positiva estar na infancia ainda. Afirma ser tão certa a hipótese sobre a fotografia a distancia como o é o da visão a distancia. Tira conclusões, refere-se aos segredos que os povos antigos possuíam, hoje ignorados, e o poder mágico dalguns mesmos povos.

Esplana assuntos desde o *brahmanismo*, *Budha*, *sanscrito*, gregos e romanos e falando de segredos da ciência antiga, que a moderna ou positiva ainda não desvendou, cita algumas industrias, na maior parte as que são do dominio oculto e outras que eram do dominio vulgar.

Não nos demoremos neste capitulo em delongas. A verdade é que o poeta ouvia Augusto com muito apreço e muita curiosidade. Dizia o sábio, dentre muitas outras cousas, o seguinte: Pois não está registado historicamente que houve antigos povos na Peninsula Iberica que fabricavam vasos de cera que iam ao lume e a cera não derretia? Não está averiguado na astronomia que Plinio referindo-se a Epigenio, que este garantia os assirios terem observações e cálculos astronómicos que remontavam a 720.000 anos? E o que dizer ás laminas de Damasco que se enlaçavam? E o que dizer ao vidro maleavel que se podia martelar como o chumbo? E o que dizer do papiro onde estava escrita toda a *Iliada*, sólido, finissimo, que cabia dentro duma casca de noz?

E assim fazendo citações, ia compenetrando Mario de

que realmente haviam civilizações antiquíssimas e de pujança transcendental, que a ciencia positiva ignora. Acrescentava que as descobertas que a ciencia de hoje — menina e moça — vai fazendo são do dominio da ciencia oculta, embora por outro método.

Que foram grandes iniciados nos *misterios* filósofos gregos, e por isso a pujança de seus espiritos marca através os seculos.

E apoz este arrazoado doutrinário ou científico, que nos não cabe descrever, os olhos de Augusto vão-se-lhe iluminando de loucura e de saber. Fala animadamente e com entusiasmo. Parece ver o passado, o presente e o futuro como uma coisa unica existente, e instado pelo poeta para que lhe exponha algo da sua forma de pensar, o sábio esquivando-se a explanar a sua doutrina nuns momentos, o que é impossivel de todo, o que merece levar anos e anos a entender-se, a custo, e como que em dinamite em pastilhas, alguns assuntos aborda muito genericamente.

São esses assuntos que vamos expôr ao leitor no capítulo immediato, para que possa obter a psicologia precisa do Doido, embora concorde ou não com a doutrina; mas o sábio é isto, e portanto temos que pintá-lo tal como é.

Terá erros? Terá loucura? Não o discutimos. Ademais a vastidão do assunto não caberia, por mais esquemático que fosse, neste volume. Entretanto cumpre-nos dizer algo que o Doido pensa, se bem que laconicamente.

O leitor que se não interessar pela doutrina passe em

branco o capitulo seguinte, que em nada será prejudicada esta novela, a qual de modo nenhum tem a pretensão de inculcar idéias falsas ou verdadeiras, nem de impôr-se como tésé. E' tão sómente uma novela, e dito isto está dito tudo.



O que pensa um Doido

Pensa como quizeres, mas para fazeres um juizo completo nunca deixes de ouvir o pensar doutrem, ainda que lhe chamem doido.



Vejamos mais ou menos o que o Sábio-Doido desenvolve ao poeta excentrico :

Teoria da zona

Assim como o homem é um corpo quente que irradia calor para todos os lados, assim é tambem um corpo carregado de magnetismo vital que é irradiado para todos os lados do corpo humano e que abrange um certo espaço em redor do individuo e é como que o prolongamento do mesmo. Pois essa porção de espaço que rodeia o homem e que está impregnada do seu magnetismo individual, é o que se chama a *zona* do mesmo

individuo. Da homogeneidade ou heterogeneidade de dois individuos, nascem nêles a simpatia ou antipatia naturais. Assim se explica o motivo porque junto de certas criaturas se sente, sem se saber por que, e duma maneira indizível, uma intima sensação agradável ou desagradável, consoante as *auras* são de natureza semelhante ou muito diferentes.

Teoria da aura

Contra o que muita gente julga, todos os nossos pensamentos, em vez de ficarem enclausurados em nosso craneo, pelo contrario, espalham-se em ondas concentricas a partir do ponto origem, que é o nosso cérebro, e caminham através o espaço, tendo uma existencia individual e livre, que é tanto mais duradoura quanto maior é a actividade intelectual e mental do individuo que as produziu. Essas vibrações ou movimentos vibratórios lutando contra o meio em que se propagam — o qual está cruzado num emaranhado de rede de vibrações do mesmo género mas de todas as espécies — procuram rompe-lo para se estenderem mais alem, e nesta luta perdem sucessivamente intensidade ou energia e acabam finalmente por perder a sua individualidade, indo assim dar a sua quota parte para a formação do meio mental que nos cerca, e que os videntes veem de varias côres, conforme a natureza dos pensamentos: O azul puro na *devoção*, o rubro na *sensualidade*, o castanho escuro no *egoismo*, o amarelo na *ciencia*, o cinzento livido no *medo*, o negro no *ódio*,

o côr de rosa no *amor desinteressado*, etc. Pois este resplendor ou auréola invisível para muitos mortais constitui o que se chama *aura humana*.

E' pela acção em geral conjugada da *zona* e *aura* que nos lembramos de repente duma pessoa ausente, que de subito surge ao pé de nós. Eis a explicação do presentimento, pelo qual, pelo sexto sentido, reconhecemos uma pessoa antes de a vermos ao pé de nós, se ela se aproxima e se já conosco tem convivido.

Teoria sobre os planos

A subtilissima essencia ou substancia que enchendo o Universo tudo penetra, tudo trespassa, pode estar no estado de sua maxima pureza, e pode estar sucessivamente condensada de mais em mais até chegar a constituir o que chamamos matéria fisica, como seja a pedra, o ferro, o chumbo, etc., considerando-se esses diferentes graus de densidade ou de materialisação sete, ou planos habitados por seres construidos de substancia numa certa densidade. Assim o homem que ainda vive preso ao seu corpo de carne e osso, e da mesma forma todos os animais, são constituídos de materia fisica e habitam o *plano fisico*. Os mortos, na sua grande maioria, são revestidos de matéria astral, que forma o seu corpo astral, vivem no *plano astral*, que é o mundo dos mortos e dos que sonham. De substancia ainda menos densa do que a *materia astral*, são constituídos os corpos dos mortos, passados uns seculos de terem vivido no *mundo astral*, e essa substancia menos densa

do que a *astral* é chamada substancia *mental*, de que são constituídos os seus habitantes, ou sejam os seres que vivem no mundo mental — quer sejam mortos e purificados, quer sejam vivos e sonhem naturalmente ou tenham sonho provocado voluntária ou involuntariamente, uma vez que tenham já atingido o grau de evolução que lhes permite aí chegar. Este mundo mental é caracterizado pelo facto do homem ver que os seus pensamentos não são só meras vibrações que se espalham, mas ainda são cousas concretas, objectos criados pelo poder da nossa mente e que têm uma vida e duração proporcional á intensidade do ser humano que as criou. Basta lembrar-nos que temos diante de nós um objecto para que o nosso poder ideo-plastico construa um, moldando a substancia mental, dando-lhe forma e animando-o, se elle é um ser vivo. Aqui vamos encontrar como realidades, para todos os efeitos do conhecimento prático, um mundo que é a realisação concreta daquilo que ambicionamos ainda em vivos. Mas se um individuo, num estado adiantado e evolutivo, não seguiu por exemplo uma religião em que hajam imagens que lhe prendam a atenção, e que por assim dizer o extasiem em pureza contemplativa, succede que esse individuo não tendo imagens prediletas não fica pois orientado e detido, dispõe de toda a sua actividade para investigar, se é curioso ; e os habitantes deste plano nas suas relações de si para si e para com os inferiores, compreendem melhor a harmonia cosmica, devendo notar que os primeiros estão em extase de felicidade, e os segundos vão sómente pouco a pouco recebendo im-

pressões agradáveis, efeitos dos novos conhecimentos que adquirem. E assim vistos os planos : *físico, astral e mental*, entramos em planos de maior espiritualização, que adiante exporemos e em conjunto de todos. Ainda os que não tiverem o culto de Cristo estarão sujeitos à lei da reencarnação (que fazem seu sacrificio ou desagravo) e tão sómente por serem arrastados pela grande lei da evolução. Em regra geral o cristão não se reencarna.

Reencarnação

Morre a carne e caem em esquecimento todos os desejos e paixões, e a par e passo tendo-se desorganizado todo o corpo *astral* durante alguns séculos de vida no *plano astral* em que se sofre os efeitos dos desejos e paixões insatisfatórios, por já não existir o corpo físico, e tais desejos precisariam d'ele para receberem impressões materiais, que, por intermédio do *corpo astral* iriam operar sobre o *eu pensante*, levando-lhe a saciação. Agora o homem vive revestido do seu *corpo mental* no mundo *mental*, e à medida que os séculos vão passando, vão esquecendo também as lembranças terrenas e ao mesmo tempo se vai desagregando a parte mais densa e externa do *corpo mental*, até que o homem fica apenas envolvido pela parte menos densa deste mesmo corpo, também chamado *corpo intuicional*, onde ficam arquivados os efeitos das nossas experiencias e conhecimentos, sob uma forma que constitui o nosso mais íntimo subjectivo ou inconsciente. Nesta altura o homem é arrastado pela evolução a ir habitar o corpo

duma criança que nasce para crescer, fazer-se homem, envelhecer e morrer, passar séculos no *mundo astral*, séculos no *mundo mental*, para depois tornar a renascer no grande ciclo da vida. Esta série de reencarnações é interminável, por isso que o homem atingindo um certo grau de evolução está livre, pela natureza da sua própria substancia, e então vive no plano mental superior ou para além, no que os budistas chamam *nirvana*.

Outros atingindo este grau de aperfeiçoamento e tendo direito a gosar o *nirvana*, negam-se a aceitá-lo e seguem um dos dois caminhos: Ou vão ser uma das grandes pedras do grande muro de protecção, que resguarda a humanidade de males ainda maiores do que aqueles que a afligem — e esses são os grandes budas da compaixão ou os anjos bons do cristianismo — ou reencarnam-se voluntariamente, para que, com a sua grande bagagem de altruismo, venham a ser na terra os grandes condutores dos povos, que os homens admiram e que alguns dêles julgam conhecer completamente, mas de facto apenas compreendidos em todas as suas acções pelos seus irmãos do muro da guarda.

Incubação

Convem primeiro que tudo frizar que ha a incubação natural e a incubação artificial. A primeira dá-se quando no decorrer duma operação de magia psiquica, o individuo é adormecido — portanto está fora do seu corpo de carne — e um outro individuo desincarnado, mas

de natureza compatível, é chamado pelas forças do mundo físico e convencido a habitar temporariamente o corpo adormecido do primeiro, que está ausente, corpo adormecido que agora desperta mas com um outro *eu* nêle incubado. O despertado apresenta-se um homem muito naturalmente como qualquer outro, mas simplesmente com conhecimentos, dotes oratórios, gestos, hábitos ou costumes diferentes de quando este corpo era habitado pelo *eu* que se conserva ainda ausente. Mas, dada a inércia da matéria, a expressão do rosto é um pouco diferente e o seu gesto também, como o é diferente ainda do parecer do rosto e do gesto do corpo de carne e osso que, *in hilo tempore*, este *eu* agora incubado habitou. O segundo caso, ou o da incubação artificial, é determinado por agentes psico-magnéticos originários dum homem vivo num laboratório adequado, a quem reforçaram convenientemente o potencial magnético, homem que pode estar em sonolencia ou no estado de sono profundo, segundo a incubação artificial é parcial ou total, e que assim dinamisa ou anima duma maneira extranha o corpo sobre que se operou a incubação.

Muitas vezes este corpo com um *eu* estranho incubado, apresenta um aspecto bisarro, incapaz de reflectir, e sem ser senhor de si é levado a falar, a escrever ou deslocar objectos sem a consciencia disso.

Casos ha ainda em que a incubação é tão parcial, que apenas uma mão escreve ou faz gestos, estando o individuo senhor de todo o resto do seu corpo e em pleno uso das faculdades mentais.

Materialização do espírito

Um morto animado dum forte desejo pode emitir vibrações psico-magnéticas tão intensas que toquem duma maneira conveniente o espírito duma pessoa viva que presente a presença dum invisível junto dela e que, mantendo fixo esse pensamento, pode fazer vibrar o seu *eu* de maneira tão intensa e tão harmónica com o *eu* do invisível, que este se lhe manifeste visível, mesmo palpável, a ponto do visitado vivo ter o convívio prático, como se o invisível estivesse em carne e osso ante êle! A isto se chama imprópriamente a materialização completa dum espírito, por isso que esse espírito não está envolto por um corpo de carne e osso quente e animado como aparente. Daí o chamar-se-lhe *mayavie-rupa*, que em sanscrito quer dizer *corpo de ilusão*. Pode ainda um individuo vivo, se êle é um adepto, adormecer voluntariamente, pensando num amigo ou discípulo e cair em estado letárgico profundo ou cataléptico a sua carne, enquanto êle, adepto, se manifesta em *maya-vie-rupa* ao seu discípulo ou amigo, que tem a ilusão completa de o ter ao pé de si em carne e osso e com o vestuário e aspecto pensado pelo adepto, podendo aparecer ao discípulo sob uma forma para êle desconhecida e que não permite da parte dêle o reconhecimento do mestre.

Invólucros da consciencia

1.º *A Carne.*

2.º *O astral ou emocional e sensorial.*

3.º *O racional ou raciocinador.*

4.º *O intencional ou genial.*

5.º *O turiaco ou corpo de sabedoria.*

6.º *O angelico ou corpo de virtude.*

7.º *Deus ou Atma ou antes Todo-Universo*, que é o seu corpo e invólucro e ao mesmo tempo uma criação de si próprio.

O ego e os seus invólucros

O ego é uma gota da Consciencia universal, ou, por outras palavras, a alma é uma centelha divina, como dizia S. Paulo. A consciencia humana pode sair e viajar no outro veiculo ou invólucro da consciencia que é o *corpo intencional* ou *mental superior*, no qual ela pode conviver com os habitantes mais elevados e conhece tudo quanto lhe é inferior. Segue-se o *corpo turiaco* ou *corpo budico* ou de *sabedoria*, no qual a consciencia pode estudar tudo quanto está manifestado no plano fisico, astral e mental ou genial e pode ainda viajar de planeta para planeta e estudar os habitantes materiais, astrais e mentais. Ha ainda o *corpo angelico* ou *corpo de virtude* no qual a consciencia pode viajar de sistema planetário para sistema planetário e verificar as suas analogias e diferenças. Ha o ultimo invólucro que é o *atmico*, no qual a consciencia se fundiu na consciencia universal, como a gota de agua no oceano. Aqui já não ha individualidade, porque se deu o que se chama absorção final, isto é, a gota de consciencia voltou a entrar no manancial donde saiu. Daqui o nome religião, de *religare*, que significa *tornar a aligr*. Por isso reli-

gião se define como sendo o conjunto de práticas humanas tendentes a conduzir a alma humana ao seio de Deus, donde saiu.

Da loucura e das forças que solicitam o eu

O nosso *eu* mais subjectivo é a consciencia, isto é, aquilo que em nós conhece e reconhece. Este *eu* pode ser denominado para simplificar a linguagem e melhor compreender o nosso subjectivismo, o *eu intrinseco*, para o distinguir propriamente daquilo que era a nossa carne, pensa e quer e a que chamamos o *eu extrinseco*. Em todas as operações do *eu intrinseco* a consciencia vela e está presente, porque êle é praticamente a própria consciencia e todos os seus pensamentos são aceites e reconhecidos como autenticos, filho da nossa mais intima individualidade.

Nas operações do *eu extrinseco* não succede já a mesma cousa, porque, sendo o *eu extrinseco* ou personalidade de constituição fluidica mais densa ou objectiva que o *eu intrinseco*, acontece que mais forças originadas no mundo imaterial podem acorrentar o *eu extrinseco*, correntes a que o *eu intrinseco* fica refractario. Estas forças, cuja origem é um labirinto, são as que operando num sujeito lhe podem dar uma ilusão tátil, sonora ou sensual, levando a quem está cativo a tais forças, submetido, a crer na existencia próxima e real do objecto de que julga receber as impressões que o iludem. Se todos os sentidos estão sob a mesma ilusão, dá-se pois a alucinação ou ilusão geral de todos

os sentidos. Neste caso o alucinado é um corpo de carne animado pela vitalidade, em ligação fluidica ainda com o *eu intrinseco*, que está ausente do corpo por este não estar próprio á sua habitação, e assim, estando fora da carne a consciencia, succede que quando ela volta a incarnar-se a alucinação passa e o sujeito não se lembra do que se passou, não sabe que gritou, que apalpou, que sentiu, etc., e que as pessoas o viram alucinado e dêle tiveram medo.

Alem das alucinações, as forças do magnetismo animal podem, por intermédio da carne, operar sobre o *eu extrinseco* ou personalidade e suscitar-lhe pensamentos, ideias ou vontades que tendam a dirigir o homem para este ou aquele caminhos e que o sujeito julgará ser uma acção voluntária se não souber discernir se tal acto é ou não filho do seu *eu intrinseco*. E tereis, portanto, que a fleugma, o sangue-frio, o temperamento ponderado são a chave de resistencia ás sociedades secretas de moralidade duvidosa, que se esforçam por dinamisar a seu favor os pobres inocentes. Pelo contrario o *eu intrinseco* é sempre, pela natureza fluidica da sua constituição, refractário ás acções que lhe são exteriores, uma vez que o homem tenha aprendido a ser ponderado em vez de leviano, uma vez que tenha aprendido a ser senhor dos seus musculos e movimentos, das suas meditações e tenha adquirido um relativo império sobre si mesmo, que o torna fleugmático, reflectido em vez de impetuoso e impulsivo. Pela cultura fisica se mantem a harmonia do corpo e o bem estar organico que dela decorre; e pela cultura do espirito

ou *eu* se mantem a harmonia e equilibrio das nossas faculdades mentais. E' esta a razão — e isto dizia Augusto bem convictamente — porque todos os filiados em associações secretas de magia se esforçam por combater, já pela *blague*, já por um aparente scepticismo, já pela troça. E Augusto acrescentava: O movimento desportivo é que retempera os individuos e os torna mais resistentes — e apela para a educação fisica da raça latina e á moralidade que dessa educação nasce, unica forma dessa raça manter-se por muitos séculos com o seu teor espiritual.

Akasha

Todo o conhecimento é uma noção consciente do *eu* impressionado pela coisa conhecida. Não pode haver ideia concebida sem haver uma coisa que nos impressione, quer por via dos sentidos, se é concreta, quer por via da intelligencia, se é abstracta. A razão apalpa as verdades abstractas como o tacto apalpa os objectos, e todos os cinco sentidos que vulgarmente se enumeram, não são mais que modificações do primordial, a sensibilidade táctil, que se manifesta no seu estado de pureza nos monocelulares anucleados, pois que elles têm ainda fundidos n'um só todos os sentidos, que mais tarde se especificam e localisam em órgãos apropriados, mercê dos quais os animais mais próximos do homem conhecem o meio que os cerca.

Tudo quanto existe impressiona não só o homem, mas todos os seres criados, e consequentemente todos

reagem a essa acção sobre êles, exercida pelo meio exterior; notando-se, porém, que a reacção pode ser consciente e haver portanto o conhecimento da coisa que impressiona o ser que conhece, e aparecer então na mente do animal a ideia da cousa concreta que o impressionou; mas pode também a reacção dar-se sem que a consciencia a aperceba, e nesse caso não pode haver conhecimento, não pode aparecer na mente do animal a ideia ou imagem do objecto que o impressiona. A sensibilidade neurica, base de todo o conhecimento *in vivo*, depende da composição quimica da massa nervosa e é tanto maior quanto mais instavel fôr o quimismo dos nervos, pois que dessa instabilidade nasce a facilidade e prontidão para se dar a reacção, que, quando consciente, constitue o conhecimento. Tudo quanto tenda a complicar-nos o quimismo do tecido nervoso e tenda a dar-nos o predominio dum sistema sobre o ósseo, muscular ou sanguineo, tende a augmentar-nos a nossa faculdade de conhecer. A alimentação pelos frutos, a vida no seio da natureza, a vida intelectual tendem, atesta a experiencia, a augmentar-nos os meios de conhecimentos.

Enquanto que o abuso da alimentação de natureza animal tende a bestificar-nos pelo entorpecimento dos sentidos. Pelo contrário, depois de muitos anos de alimentação pela fruta e de vida intelectual de intensidade adequada, consegue-se atingir o grau de videncia natural (por isso que ha também a videncia artificial, iluminação da materia bruta pelos raios X), isto é, aquele estado de evolução em que o ser humano pode

ver através dos corpos opacos, porque se sensibilizou a radiações luminosas emanadas pelos seres da criação, ocultos para nós e que são vistos pelos videntes e pelas chapas fotográficas suficientemente sensíveis, que os podem fotografar. E' o mundo oculto, o mundo dos mortos e dos que estão para nascer. Mas como os *egos* dos mortos vivem e conservam a memória dos acontecimentos que se passaram na sua vida terrena em sua presença, e como os *egos* irradiam vibrações luminosas para quem os vê e para as chapas fotográficas, como acontece com o cérebro humano *in-vivo*, succede que o mundo memorial dos mortos é o arquivo do passado, e que um *medium-vidente* no tempo pode descrever cenas passadas ha centenas de anos, pelo facto de poder ser consciente nas reacções do seu *ego* (medium) ás impressões que recebe do mundo dos mortos. E como essas vibrações se cruzam e entrelaçam formando uma rede densissima, que é o *Akasha*, acontece ainda que um vidente no tempo pode saber o que se passou ha milhares de séculos. E como essas vibrações trespassam, impregnando em parte a materia, succede mais que a leitura do passado é muito simplificada se o vidente tiver um objecto que tenha presenciado uma determinada cena histórica, cujos detalhes se pretendem investigar. Quanto á leitura do futuro, se bem que mais difficil e exija mais desenvolvimento do vidente, ela pode fazer-se e faz-se pelo facto de haver ininterrupta sucessão de leis determinadas umas pelas outras e que regem os fenómenos respectivos, que tambem se sucedem pela mesma ordem.

Essas leis são ideias ou conceitos da *consciencia universal*, segundo os panteístas; ideias ou conceitos da natureza, segundo os naturalistas; e são ideias ou conceitos divinos, segundo os deístas. Essas leis são pensamentos do *logos* que se objectivam pela realização dos fenómenos, quer da evolução quer da involução, que se não vir a passar. Tudo o que agora acontece é um efeito do *passado* no tempo e no espaço, ou então não haveria unidade na natureza ou continuidade harmónica na actividade divina, segundo os deístas, o que repugna á razão. A liberdade humana existe, mas tem um dominio restricto em relação, é claro, á sua sujeição do meio próximo em que vive, embora em absoluto e no absoluto a consciencia humana obedeça sempre ao meio que totalmente o cerca e que é o próprio absoluto.

Saída em maiavie-rupa

(CORPO DE ILUSÃO)

Pode um adepto adormecer, cair em catalepsia e a sua consciencia ou *ego* achar-se presente duma pessoa que elle queira visitar, mas essa pessoa pode não o ver se não fôr vidente. Pode tornar-se conhecido, isto é, manifestar a sua presença á pessoa visitada, se ella não é um vidente. O adepto agora junto, *in spirituo* á pessoa a quem se quer manifestar, não tem mais que imaginar-se ser um tipo T, por exemplo, e manter firme a sua ideia que é esse tipo, que a força ideo-plastica do pensamento ou concretisação da mente humana se encarregará de condensar a matéria *mental* que afecta

a forma desse tipo T, com roupas e tudo, e que por sua vez operando sobre a matéria *astral* a condensa e molda até que as suas vibrações, filhas da vontade do adepto sejam tão fortes que toquem e impressionem suficientemente a alma da pessoa visitada e demais presentes, a ponto de lhes fazer aperceber a presença do mesmo tipo em carne e osso, que pode agora ser tocado e apalpado como qualquer outro semelhante, pelos visitados. Esta presença é, como se disse, espiritual e não carnal como todos os sentidos dos visitados o atestam, donde o nome de *corpo de ilusão* ou *maíavie-rupa* dado a este corpo, sob cuja forma o adepto se manifesta ou aparece diante dos visitados.

Estado cataleptico

O adepto fica com a respiração parada, a circulação parada e o corpo frio. Estado a que noutro capítulo nos referiremos. Agora vamos seguindo a narrativa dos factos.



Apoz o estudo da psicologia dum Sábio

*Uma sugestão pode convencer-
vos duma inverosimilhança, quanto
mais duma realidade.*

Depois de Augusto ter falado algo de seus conhecimentos, num esboço rápido, devido ao diminuto tempo de que dispunha perante tais assuntos, os olhos de Mario faiscam um interesse místico, a sua ideia absorve-se em extasis, alheia-se dos cinco sentidos, como um naufrago que procura praias desconhecidas onde possa arribar, e que, muitas vezes, essas praias só existem na imaginação. Mas o poeta tem sempre confiança em si, porque sabe onde ficam as praias da vida.

Qual o meio de chegar a elas? Isso é que lhe emaranha o cérebro. O faiscar de olhos, o seu espasmo, o seu misticismo e a noite lá fora!

Louco por saber novas da Mimi e da pobre Miss, louco por saber o que elas ainda pensam dêle, solicita constantemente, interrompendo o filósofo Augusto — convicto pelo menos por superstição das palavras mágicas que ouviu —, com frenesi, lhe vá observar o que pensam essas doces criaturas ácerca de si. Ter-lhe-ão ainda amor? Eis a maior ansia de saber que se apossa do vate.

E Augusto, com lleugma, com ponderação, um homem que escolhera para levantamento de suas qualidades alimentação própria, que, por assim dizer, alimenta a matéria segundo os rigores exigidos pelo espirito, Augusto, o crente, olha Mario com serenidade, com todo o sangue frio.

Depois de muito instado, depois de ver que o poeta teria uma síncope se lhe não satisfizesse os anhelos tão amistosamente solicitados, como que dum filho para um pai, Augusto dá uma esperança. Condoe-se o sábio de ver a fisionomia doentia dum jovem apaixonado.

— Pois bem, diz o erudito, fique-se aqui sem fazer um rumor.

Sai ao corredor e tange uma sineta, que resôa pelos claustros da misteriosa casa imergida em sombras.

Ei-lo de volta.

Mario pergunta o motivo que o leva a tanger tal campã, e obtem a resposta: — Quando dou estas três badaladas, o velho criado da casa, companheiro que foi da minha infancia, fica avisado, bem que nunca faça rumor, de que deve guardar absoluto silêncio, porque vou «entrar na fase dedescanço», como êle diz. Não julgue

que este sinal tem qualquer influencia mágica. Não. E' uma convenção apenas, Vou entrar aquela porta. E apontou a porta cerrada que dá para os aposentos interiores.

Ei-lo de pé, junto dessa porta.

— Vou cair num estado cataléptico e sair em *maya-vie-rupa*. Não faça rumor, mais uma vez recomendo. Deixe-se estar sentado e adormeça um pouco, se quiser.

Mario, abismado, nem tem coragem para interrogar mais, mas balbucia ainda :

— E, senhor, nessa viagem misteriosa, que terei paciencia de o esperar, mudo como um penedo, nem que seja até de manhã.

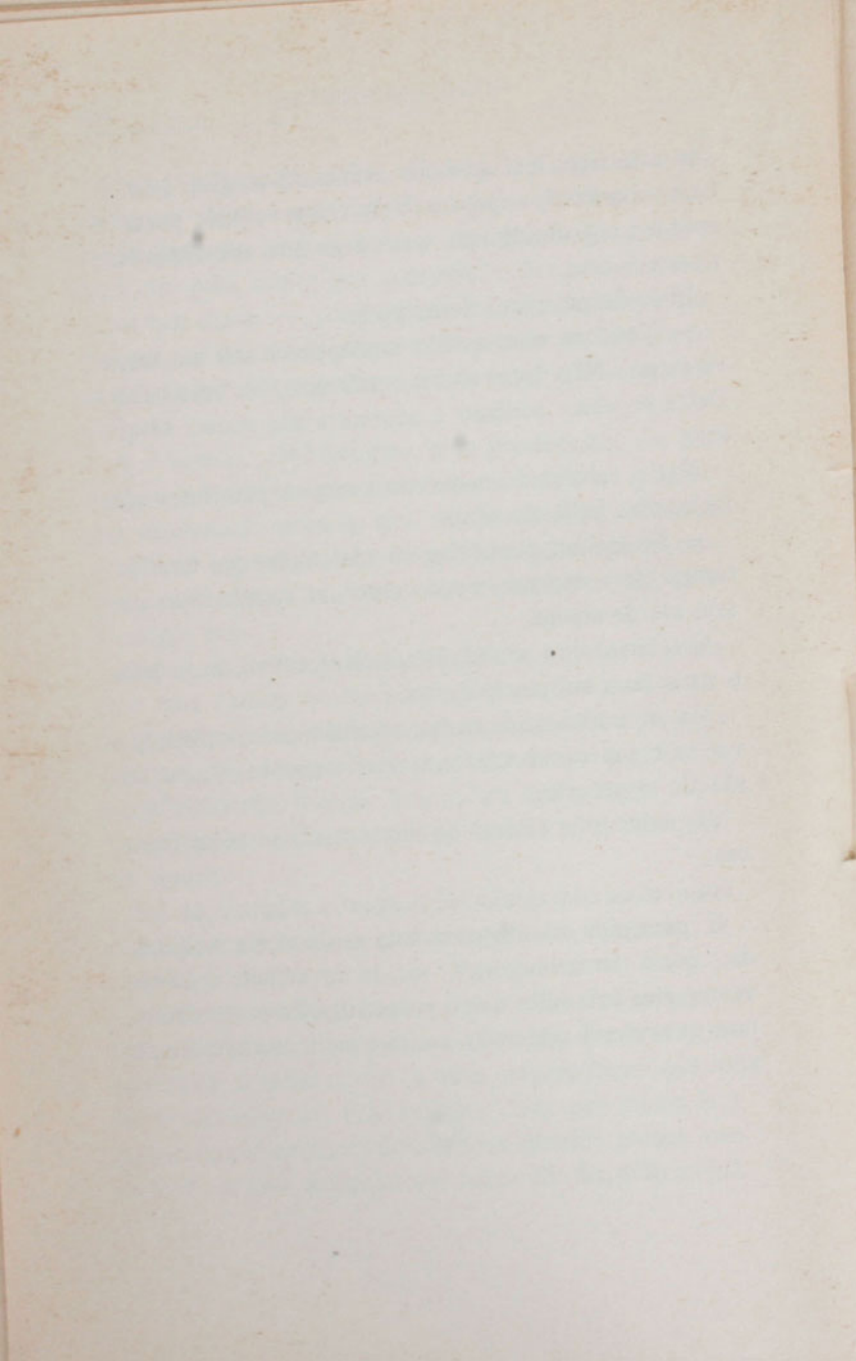
O sábio abriu a porta indicada, entrou e cerrou-a. Nem o mais leve murmúrio se faz.

Mario, no silencio, apalpa-se a si mesmo, místico, a ver se a sua carne existe, a certificar-se se é uma ilusão de si próprio.

Já a lua põe rasteas de luz, coando-se pelas vidraças.

.....
E para nos não demorarmos muito nesta cena muda, quasi fantasmagórica, vamos novamente a Lisboa ver aqueles dois entes que o poeta julga desprezarem-no, mas que vivem realmente muito e muito, se não demais para êle.





Penumbras dos crepusculos

*É, nos grandes transes que as
almas se provam: Se são feridas
e se conformam e cumprem o dever
de humanidade ou religioso, são
boas; se faltam a esses deveres são
tiranias.*



Os pardais já se vão recolhendo ao arvoredo da avenida, onde, pousados, dão a ilusão de frutos de arvores, e — coisa interessante, ridícula e natural — um *dandy* janota, todo peralta, na ocasião em que vai passando, sente um estalido humido no chapéu de côco. Um velho mendigo que vai quasi a par dêle reprime a custo uma gargalhada por ver um luzidoso no chapéu do janota. Este tira o couquito uma vez que ouve o estalido, e vê, arripiando o rosto, um bocadinho de excremento de pardal, fresco e fumegante. Enoja-se e limpa-o, continuando o passeio. O

pobre velho lá vai avenida acima, avenidas acima, pausada e observadoramente.

E' um velho mendigo de barbas longas e brancas, encostado a um bordão, resplendendo simpatia. Andou, ora examinando, ora subindo, ora olhando atraz, ora seguindo, até que decorrido um certo tempo chega a uma pesada e larga porta de madeira dum palacete com jardim e toca a campainha. Abre-lhe a porta uma criada que lhe pergunta a que vem.

Mendigo

Não é pedir esmola. Apenas perguntar, saber se está aqui uma senhora Miss que em tempos conheci. Conheci-a tão bem !

Criada

Sim, ha cá uma Miss.

Mendigo

E poder-lhe-á falar um misero mendigo ? Ao menos se eu a visse, já ficava contente.

Criada

Oh ! não. Isso por quem ?

A Miss está doente.

Mendigo

E não a posso ver ?
Fez-me ela tanto bem ! Paciencia. O Senhor se compadeça dela. E eu que tinha um recado p'ra lhe dar. Deus a ampare. Enfim não pode ser. Paciencia.

Criada

E é de muita importancia?

Mendigo

Um favor

apenas dum mendigo.

Criada

E' coisa de cuidado ?!

Mendigo

Pudesse-lhe eu falar, depois ela diria.

Criada (*para si*)

Misteriosa vida! (*Alto*)

O doutor proibiu
que lhe falasse alguem.

Mendigo

Ai!

Criada

Temo que lhe fale.

Hoje á tarde peorou.

Mendigo

Isso é que eu não sabia.

Pois Deus seja louvado! oh! Senhor! Quem a viu
saudavel e gentil!

Criada

Sim, está muito mal.

Entanto vou falar á senhora.

(A criada recolhe e depois volta acompanhada duma jovem, Mimi)

Mimi

Quem é?

Mendigo

Eu, minha bemfeitora, um pobre agradecido que vem dar um recado e ver sua madrinha.

Mimi

Recado para quem?!

Mendigo

Eu juro á minha fé que é para a pobre Miss. Assim me foi pedido.

Mimi

Mas não pode falar.

Mendigo

Que triste sorte a minha!

Mimi *(resoluta e condoida)*

Espere. *(Sai para dentro e depois volta)*

Entre.

(Mendigo entrando a porta, que é cerrada atraz si pela criada, seguindo Mimi)

O bordão ponha-o no bengaleiro.

Mendigo (*junto do bengaleiro mal se podendo amparar sem o bordão*)

Sem êle o que sou eu? Repare, vou cair.
E' meu unico amparo, o meu unico amigo.

Mimi

Pois consinto que o leve.

Mendigo

E' o meu companheiro.

(*Dirige-se para o quarto onde está a Miss numa cama, quasi moribunda*)

Miss (*queixando-se*)

Ai!... (*Nisto ouve no corredor um tum... tum... de bordão e vozes*)

Voz da Condessa

Que vem a ser isto?!

Voz de Mimi

Oh! Mamã deixe-o ir.
Eu mandei-o entrar. E' um pobre mendigo...

Voz da Condessa

Não tens nenhum juizo. Olha, pouco me importa!
Isto pode lá ser! Uns caprichos de filha...!
Vê lá se ha mais alguem! O galego da esquina.

Voz de Mimi

Oh! Mamã deixe-o ir.

Voz da Condessa

Já que lhe abriste a porta,
já que o mandaste entrar, é só contigo, filha.

Voz do Mendigo

Ah! Senhora Condessa! Ah! virtuosa menina!

(Abre-se silenciosamente a porta e a moribunda tenta assumir a cabecinha loura, e vendo aquele ansião, vibra num estertor de sentimento, duas lágrimas lhe deslizam dos olhos, fitando-o com uma ternura inexplicável. Depois duma cena de admiração muda, a Miss movida por sentimento, indicando uma carteira de senhora, diz para Mimi:

Miss

Mimi, faz-me favor? A minha carteirinha despeje-a a um mendigo. E' a ultima esmola que darei nesta vida! A ultima esmola minha!

Mendigo

Eu não venho pedir. O recado em que vinha.
não deixa receber.

Miss

P'ra mim?!

Mendigo

Sim.

Mimi (tirando umas moedas da carteira indicada e indo entrega-las ao pedinte)

Uma esmola.

Mendigo

Não pod'rei aceitar ! o que esta alma adivinha !

Miss

Accite-a, meu irmão. Quem vol-a dá é Deus.

Mendigo

Não pod'rei aceitar. Aceito esses carinhos que parecem de Deus, que valem muito mais do que o ouro da terra ! E' tesouro dos céos. Pois valem muito mais p'ra nós, os pobresinhos, os carinhos que vejo. Ah ! valem muito mais.

Miss

Orai a Deus por mim, que a minh'alma já tarda e o meu corpo esvaece.

Mendigo

Ah ! senhora ! senhora !
Se pudesse explicar a dôr que estou sentindo, a minha gratidão... Tambem já me retarda a morte ! Se morresse ! oh ! quão ditoso fôra morrendo em vez de vós, tão nova, inã sorrindo !... Eu, que não faço falta a ninguem... !

Miss

E eu tambem,
bondosissimo irmão.
Então o que é que o traz
a esta santa casa ?

Mendigo

Apenas um recado.

Miss

Diga.

Mendigo

Direi.

Miss

De quem ?

Mendigo

D'um joven que faz bem
ai pela pobreza. E' um belo rapaz,
pálido, pensativo, insinuante. Coitado !
parece-me sofrer, apezar de ser rico.

Miss

Mas não lhe sabe o nome ? !

Mendigo

O nome, na verdade
não sei todo. O senhor Mario...

Mimi

Mas quê?!... O Mario?!...

Mendigo

O nome que me deu.

Miss

Mas diga.

Mimi

Mario ! . . .

Mendigo

Explico.

Miss

Ouçã, Mimi.

Mimi

Eu sei.

Mendigo

Não trarei novidade . . . ?

O jovem me pediu . . . , pois sendo necessário . . .

Mimi

Espere. Fale baixo. Eu vou fechar a porta.

(Fecha a porta do quarto).

Mendigo

Em primeiro logar viesse perguntar
se a Miss está melhor. P'lo que vejo, peorou.
Em segundo pedir . . .

Miss

Diga-lhe que é já morta.

Mendigo

Noticias de Mimi, e o favor de o perdoar
por nem se despedir a quando se ausentou.

Mimi

Mas isto é singular !

Mendigo

E' um nobre rapaz.

Miss

E por que não veio êle ?

Mendigo

Isso agora não sei.
O que venho informar é que diz estar doente
e que é possível venha. Ah ! nem sabe o que faz !
Nada pode afirmar. O recado direi :
Pergunta se pod'rá vir cá afoutamente.
Pode ?

Mimi

Sim. Diga que é a mesma que foi d'antes.
Mas não sei explicar !... Isto é extraordinario !
Servir-se dum pedinte !...

Mendigo

E o pedinte não viu
a figura que faz !

Enfim os meus descantes
por esse bemfeitor ! Ora, ora o senhor Mario...
Se fiz empenho entrar, foi ele quem pediu,
foi para ver a doente, em nome de Jesus !
Louvado seja Deus !

Miss (*para si*)

Ai ! alma desgraçada !

Mendigo (*percebendo-a e continuando a sua ideia*)

Que me deu sempre esmola e não soube a quem deu !

(*Á Miss*)

Não se lembra de mim ?

Miss (*numa comoção inexplicavel, sentindo*)

Oh ! deem-me essa Cruz !

(*Agarrada á figura do Crucificado*)

Senhor, Senhor, perdoai ! Levai esta culpada
que já pecou demais, e que tanto sofreu.

Mendigo

Oh ! Deus seja louvado !

Mimi (*aflitissima por ver Elysabeth como que num delirio*)

Oh ! Miss ! (*Ao mendigo*) Ai, que delira !

Diga a Mario que espero.

Mendigo

Eu darei o recado.

Miss (*a custo na aflição, levantando a cabeça
que lhe tomba, e rebentando num choro*)

E diga-lhe tambem que a pobre Miss o amou.

Mendigo

Mas o que sinto eu ? (*Para si mesmo*)

Vai-te, oh velho, retira.

Tu és aqui demais.

Miss (ao velho que sai e ela delirante)

Não esqueça o recado.

Mendigo


Vai-te, oh velho! Tu és aqui demais. Cá vou.

Deixemos esta cena, em que o mendigo vai a sair e Mimi está petrificada e a Miss talvez num ultimo estertor, dispende a derradeira energia, quem sabe se lutando com a morte. Deixemos o velho peregrino arrastar-se encostado ao bordão. Apesar de tudo, Mimi, embora minada dum fogo de ciume, procura valer naquele doloroso transe á companheira que ao mesmo tempo é a sua unica rival no amor! Só o seu bom coração de irmã poderia dominar aquela força indefinivel de ciume. E Elysabeth calca o amor, pedindo a morte a cada instante.



Apoz um estado cataléptico

Nem só com os olhos se vê, nem só com as pernas se anda, senão houvesse algo superior, nem se via nem se andava, mas como ha, doutra forma se vê e se anda.

 Apoz um estado de alucinação e de desassocego do ambiente duma moribunda, em que aquella gente hospitaleira viu ou pareceu ver um misterioso mendigo ou aparição ou que uma coincidência ali levára tão estranha personagem, que talvez não desconhecesse de todo paixões, o velho mendigo a sair dum quadro de agonia, pondo a toada de passos rijos e a do bordão nos tapetes macios duma casa de nobiliárquica familia, hereditária dum bom nome de familia, que julgaria ?

Não sabemos. O certo é que se eclipsou o velho pedinte. Visto aquele quadro, entremos novamente na ve-

lha aldeia enegrecida pelas tintas dos séculos, onde se avulta a enorme vivenda do nosso médico.

Vimos que se recolhera a uma camara particular, ficando Mario á espera. Pois o vate tem já esperado tanto, que a esperança se vai tornando em desespero. E como estes assuntos o interessam sobremaneira, a curiosidade não o deixa ficar permanentemente queto, embora se mostre dum modo silenciosissimo. Mario, farto de esperar Augusto, demovido pela ancia de ver algo, subtilmente, pé ante pé, chega-se á porta que o exotérico abrija e cerrára. O silencio naquela casa é absoluto.

Por mais que se aplique o ouvido, não se consegue ouvir nada.

— Como sair desta duradoira situação? — pensa Mario. Aquele venerando galeno ha tanto tempo que não dá rumor de si! Terá acaso saído? Como acreditar? Se tem uma visita extranha, não é natural que a houvesse recebido e a deixasse aqui só! — conjectura Mario.

Alfim a resignação cedera á curiosidade de saber e aplica o ouvido. Este órgão nada apura. Decide servir-se da vista. Mas como? Se a porta está cerrada, se não deve de dar um passo sequer, pois que o exotérico lhe recomendára o silencio absoluto.

Em ultima instancia, expontaneamente uma ideia lhe surge: Ver se pelo buraco da fechadura d'algo se elucida. Mas esta inspiradora ideia tambem fôra debalde, em virtude daquela camara estar emergida em sombras. Agora tenta novamente observar. Escuta, escuta com minucia. Aquele ser mágico dá-lhe a impressão que não

respira, que tem o coração parado, que tem o corpo retesado como um cadaver, frio, e quem sabe se morto ou se já não está ali. — Oh ! que ideia me atravessa a mente : Morto ! morto êle ! E que responsabilidade terei eu perante os tribunais, se sou o unico individuo que está junto deste louco no ultimo transe ? ! Estará por ventura, acaso no estado a que a medicina chama anabiose ou suspensão das funções vitais corpóreas ?

Esta ideia absorve o poeta, mas logo cobra animo.

— Um homem sobrehumano como este, nunca poderia escolher esta hora para morrer ! Não. Aquele homem deve de estar num estado cataléptico, num estado letárgico.

Isto anima-o. Vendo infrutíferas as tentativas de observação, senta-se e olha para um relógio parado. Aquela casa já lhe dá a ideia duma piramide do Egito. Tudo parado. Êle próprio sente-se místico, apalpa-se, torna a apalpar-se, afim de se certificar se é um vivo ! Espera, espera, até que decididamente se resolve adormecer na cadeira de espaldar. Nem de comida se lembra ! Pois nesta oportunidade fôra demasiadamente pesada para um espirito sublimado. Como que adormece, sucumbe, pondo já de parte a ideia de responsabilidade juridica.

E o doido sem dar de si !

Depois de muita impaciencia, finalmente, ouve mecher na camara, abre-se a porta, e ei-la, essa criatura, erecta, enigmatica, essa criatura surge.

Mário

Então que diz?

Augusto

Eu sei. Um pequeno conflito acaba de se dar.

Mário

Céus! Conte, estou aflito.

Augusto

Pois na verdade está em casa da condessa essa Miss. Coitada! O Senhor compadeça!...

Mário

Como a viu?! Isso é certo?!

Augusto (*conselheiramente*)

A melhor solução é ir para Lisbôa amanhã. Hoje não, porque não ha comboio.

Mário

O quê? Ir p'ra Lisbôa?!

Augusto

Sim.

Mário

Não. Zomba de mim?

Augusto

Mostro d'essa pessoa

o seu nobre sentir, e, sem erro, senhor,
concentro-me de todo em o enlevo do amor
de que falou ha pouco, e então...

Mario

Diga.

Augusto

Pensei.

Mario

Mas posso acreditar?!

Augusto

Eu o digo, eu o sei.
Amam-no ambas. Eis onde está o conflito.

Mario

Não posso perceber, acho tão esquisito.

Augusto

Serene, por favor.

Mario

Mas que estou eu a vê?!

Augusto

Por ser simples demais lhe custa a perceber.
Acaso não sentiu inda uma devoção
mostrando o que não vê?!

Mario

Ora eu sei lá! Sim... não...

Augusto

Ambas o amam bastante, e já desponta o ciume,
essa louca paixão ardendo como lume
n'aqueles corações ainda juvenis.

Mario

Sem duvida que são generosas, gentis...
Mas como perceber?

Augusto

A Miss esmaga o amor,
a chama que a devora, o fogo abrasador,
p'ra ob'decer ao sorrir, á gratidão que sente
p'la sua protectora.

Mario

Oh! mas pode esplanar
como foi a Lisbôa? Eu posso acreditar?

Augusto

Não me pergunte a forma. A julgar-me d'enganos,
não o pode julgar sem 'studar muitos anos;
pois tambem eu 'studei tantos, tantos.

Mario

Senhor,
não posso duvidar. Isso me diz o amor. (*cismatico*)
Ciume entre uma e outra?!

Augusto

A Miss calca o amor,
mas vindo-lhe o delirio, o fogo abrasador,

movida por uma ansia, assim diz de repente :
«E afirmar que o amo.»

Mario

E' um rasgo eloquente.

Augusto

De dôr e de loucura.

Mario

E a Mimi o que diz ?

Augusto

Dá-lhe alivio de santa. O senhor é feliz.

Mario

Eu ! feliz ? !

Augusto

Sim.

Mario

Feliz !

Augusto

Mimi, essa figura,
lembra sempre o seu Mario.

Mario

O amor dum loucura.

Augusto

Dum lado a innocencia e doutro o perecer. . .

Mario

Morrer ?

Augusto

Infelizmente.

Mario

Isso pode lá ser !

Augusto

Pois ainda o não sabe? A Miss está doente.

Mario

Doente ?!

Augusto

Moribunda.

Mario

Ai, que esta minha mente delira, com certeza. Oh! renegada sorte!
P'ra que viver assim? Queria antes a morte.
Hoje morria bem.

Augusto

Isto vi eu ha pouco.

Mario

Mas por que é que me engana? Ai, tambem dou em louco.

Augusto

A Miss morre.

Quando é que o senhor tenciona partir para Lisbôa ?

Mario

Eu sei lá! Ando á tona destas ondas da vida! E ando percorrendo aldeia sobre aldeia, e tudo o que vou vendo registando na alma! Ah! das que percorri 'té hoje nunca vi, confesso, nunca vi nenhuma como esta! E não sabe por quê?

Augusto

Sei-o muito bem, sei-o. Este doido que vê...

(Mudando de tom e insistindo)

Quando vai p'ra Lisbôa? E' porque estou ausente da mesma capital, ha bem seguramente trinta e tal anos. Ha?...

(Fazendo por recordar-se do tempo)

Quarenta mais ou menos.

Andei lá a aperfeiçoar, eu era um dos galenos saídos de Coimbra, aonde me formei em medicina.

Mario

Sim.

Augusto

Depois inda voltei
áquela capital.

Mario

E então?

Augusto

Nada lá fiz.

Resolvera, por fim, seguir para Paris,
e o resto o senhor sabe.

Mario

As capitais da fama.

Pois não hei de saber!

Augusto

As cidades do drama.

Depois andei, andei, estudei no Oriente

— Não lhe posso dizer — tanta cousa que a gente...
Mas não sei o que sinto?! Esta ultima viagem...

Mario

Qual?

Augusto

Esta d'hoje.

Mario

De hoje?!

Augusto

Incutiu-me coragem...

e não sei o que sinto! Eu pareço um mendigo...

(Resoluto)

Nós vamos a Lisboa. Eu vou tambem comsigo.
Quem sabe se terei...

Mario *(para si)*

A Miss está doente!

Augusto

... por lá algum amigo. O senhor, certamente, não se nega partir ?

Mario

Então quando é que vamos ?

Augusto

A'manhã.

Mario

Assim seja. Oh ! que loucos estamos ! Não o digo a ninguém um dia pela aldeia, que um louco fui também.

Augusto (*à janela*)

Olhai a lua cheia
a bater no castelo, inundando o pinhal !
Pó argenteo joeirando !

Mario (*tambem á janela*)

Ah ! sinto-me um jogral
antigo, um trovador.

Augusto

A claridade é bela !

Mario

Quantas noites assim, vi Mimi á janela.
Mas como entrar os dois em casa de Mimi ?

Augusto

A Miss está doente.

Mario

Inda não percebi.

Augusto

Pois se um médico sou, é muito natural
que me leve a observá-la.

Mario

E' simples afinal,
o senhor vai curá-la.

Augusto

E tambem distrair-me.
Deixo uns dias a aldeia... ora eu a afligir-me
tanto, sem um recreio.

Mario

E é muito natural.

Augusto

Mas ir até Lisboa? Aquilo está tão mal!

Mario

Mudou de opinião? Vamos lá, por favor.

Augusto

Já disse que ia, vou.

Mario

Veja lá?

Augusto

Sim, senhor.

Mario

Como vim encontrar na aldeia tanto estudo!

Augusto

Partimos de manhã.

Mario

Então prepare tudo,
que eu vou 'té á cidade.

Augusto

A' cidade? Fazer
o quê?

Mario

Pois o senhor bem deve perceber
Que devo de lá ter as malas.

Augusto (*acentuando*)

Hoje ainda.
Vá.

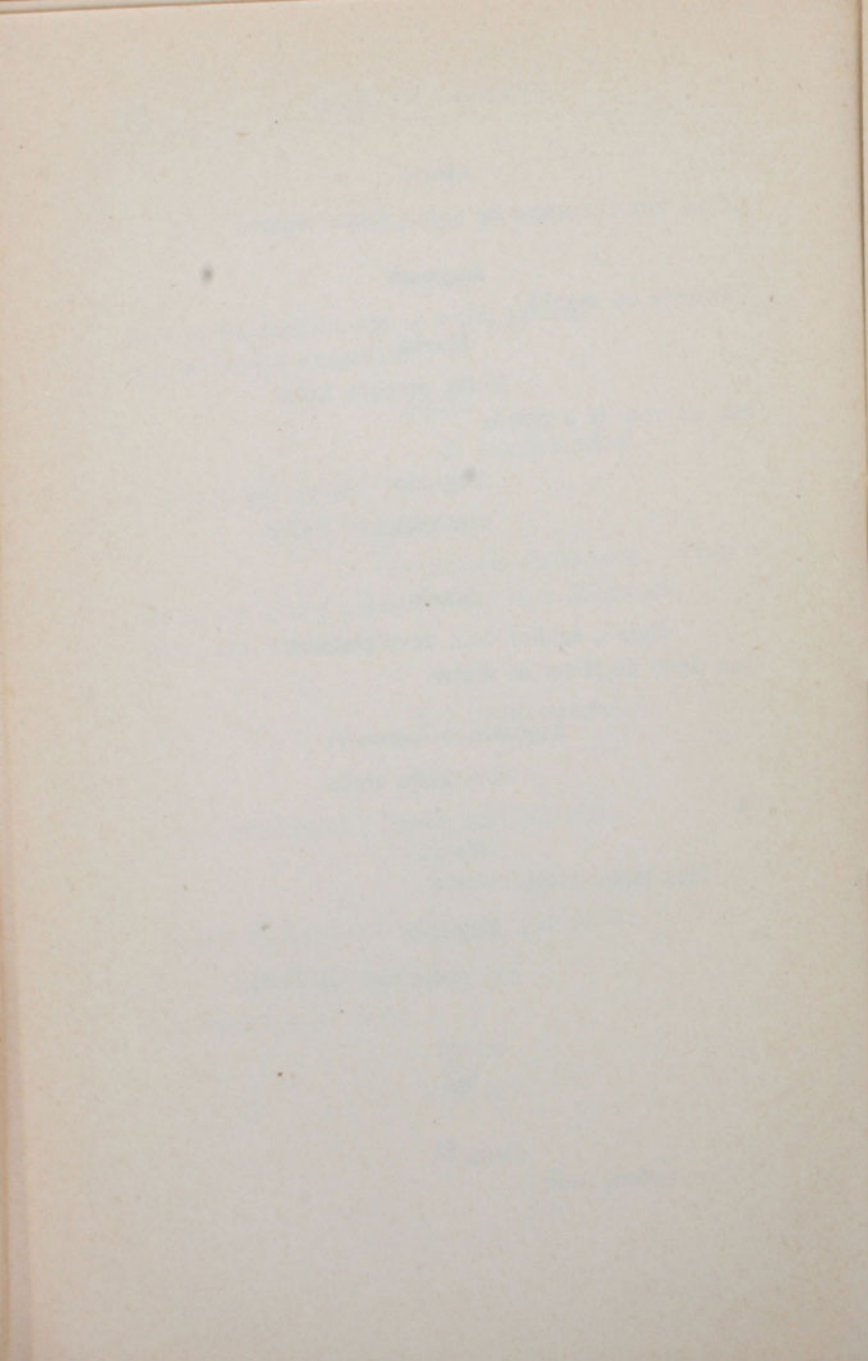
Mario

Mas tenho receio.

Augusto

A noite está tão linda!





Preparativos para viagem

*Quando os interesses são comuns
os fins não se contradizem.*



Augusto, mostrando-se a custo bem disposto e interessado, despediu o seu visitante numa certa bonhomia aparente, desfeita aquela impressão que os dominava, invulgar nêle, tomando um ar familiar, como se o conhecera de longa data, tal é o poder solidário da sciência, despida de preconceitos.

Combinavam aqueles dois homens excêntricos e incompreendidos pelo vulgo — mas que vivem no animo de cada filósofo ou de cada artista — regressar um pouco ao ambiente em que viveram no passado. Se o sábio se entusiasmava e alvitrava aquella ida a Lisbôa, fôra certamente devido a que vivera nessa cidade alguns anos, onde encontraria por ventura alguns amigos de infancia, senão alguma recordação emotiva, que se

lhe avivára no íntimo. Assim aproveitava a oportunidade de ter um companheiro.

Mario, esse logo que ouvira aquele adepto, como que um mago, falar tão acertadamente sobre aqueles dois entes feminis, descobrindo-lhe ao vivo o fogo ainda aceso nas cinzas, entrega-se á fantasia de verificar se o prognostico do sábio é certo, e, subitamente, êle o animára, oferecendo-lhe tudo, tudo, que não o peculio — porque o filósofo não precisava, tomaria o gesto em desconsideração — mas toda a sua bôa vontade e toda a simpatia.

Ademais acrescentava ainda as razões de que a Miss nunca teria coragem de lhe dar um não. Tão amiga ela lhe fôra, e tão grato êle lhe estava !

E bem, dirá o leitor, como pode haver uma pessoa amando outra, ou tendo por ela tanta gratidão, que se separe por um futil motivo ?!

Neste ponto o silencio diz tudo e a frase dirá : — mentira de amor, — o vulgo : incompatibilidade de gênio, que se traduz pelo « não se davam bem ». E um poeta diria : Amor tão desejado e tão ferino !

Sim, quando o poeta ouvira dizer, ouvira o mago garantir : « A Miss está doente, a Miss está á morte », parece que se lhe fugira a luz dos olhos e que em espirito a estava a ver na agonia, moribunda ou morta. O espasmo, a hipocondria, a loucura mesmo, por ver que a sua alma estivera em função daquela brandura gentil de mulher, e que o deixara ! levava-o a caminhar entregue ao destino, cegamente para Lisbôa. E ela, mesmo moribunda, dizia que o amava ? Era a pedra de

toque a ida á cidade de Ulisses, ou então a arrancar a máscara a um doudo, que ainda podia ter o bom conceito de alguém.

O orgulho do amor, a avareza dum homem que sabe ter uma mulher que vive unicamente para êle, e o leva na mente á hora da morte, dá-lhe coragem, vivifica-o.

Seria uma tentativa dum filósofo ou dum mago que redundaria na loucura? «Que importa!» — pensava Mario — «se anda em mim uma aberração ditada por este louco! Oxalá a Miss não esteja doente, que tudo aqui-lo seja mentira e que eu rasgue a máscara a esse aliado.» E estas ideias que lhe brotam do cérebro, fazem-no recordar a Miss, porque sente por ela uma nova adoração, mais grandiosa, mais sublime que dantes!

Fôra êle que dera motivo para aquela separação, Desventurada Miss! Desventurado dêle!

Que saudade, que efluvio de reconhecimento, que lembrança mística o conduzia até á criatura, que via ser a unica que lhe podia dar um conforto, já que Mimi lhe não quizera dar a felicidade. O nome de Mimi entoava-lhe mudamente no ouvido e como que o fizera estremecer e tresvariar cada vez que Augusto lhe proferia o nome. Pois fôra o caso que ela o amasse tanto que não tivera forças para deixar de confessar esse amor a um humilde mendigo? e em presença de Mimi! Que loucura!

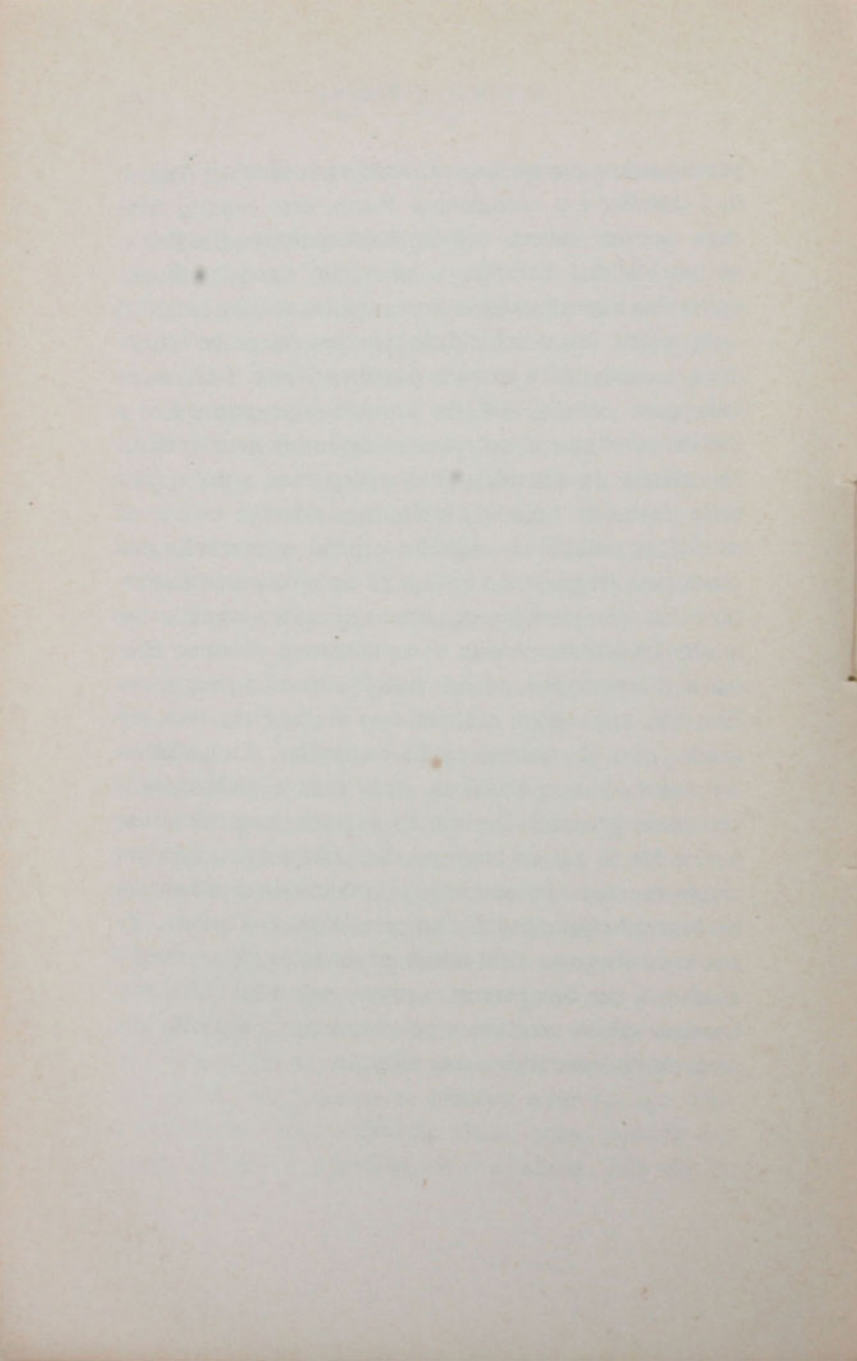
Bem que irresoluto, Mario ficára-se num extase indeciso e contemplativo. Entanto o modo como o sábio, o louco, falava convictamente, o seu todo acertado, dizia-lhe: Como duvidar? Não, não, o louco não podia

mentir. E assim alimenta uma esperança, uma superstição.

Augusto, na peor das hipóteses — pensa Mario — será um doido, mas a grande experiência em matéria de amor, devido ao muito que tem passado, deve-o tornar lucido nesse assunto e deve ter-lhe dado rudimentos da sublime cartilha. Como duvidar? Tais são os prós e os contras que abalam o encéfalo do vate, convencido de que deve ser acompanhado daquele homem fantástico para, se acaso o iludira, lhe dizer: «O senhor mentiu, o senhor enganou-me, abusou da minha confiança, da minha boa fé.» Portanto se o sábio mostrava vontade de aproveitar companhia até Lisboa, essa vontade era um desejo veemente do pobre enamorado. Por certo o sábio queria ir pelos motivos desenvolvidos e ainda porque queria fazer ciente o mundo poético de que realmente não é um doido e aquilo que afirma é verdadeiro. E se o não fôra, quão atrazado estivera êle adepto. O sábio ia á pedra de toque e ao mesmo tempo matar saudades, ou melhor, evitar o permanecer sempre na aldeia, a criar uma maior soma de martirios. Assim, enquanto estivesse em Lisboa, passaria pela rama das cousas e distrair-se-ia, não dilaceraria tanto o cérebro em cogitações, porque havia de encontrar um recreio. Ademais agora tinha um companheiro por dias, e quem sabe se um talisman de amizade — que chegassem a entender-se —; pois como dois desiludidos que são, talvez que o jovem se prestára a ser um seu futuro discípulo. Nesta ordem de ideias, como poderia Augusto hesitar? Ir a Lisboa, eis o caminho. Tais são os


pensamentos que no mesmo ensejo convenciam Augusto a desafiar e a acompanhar Mario, esse espirito delicado que o soubera cativar, tão expressiva lhe fôra a sentimentalidade! Enfim combinaram os dois, desiludidos dos homens, visitar por uns dias a sociedade.

O poeta iria até à cidade proxima (onde se hospedava e centralisava os seus percursos) pela noite montado num cavallo, que lhe fornecia o proprio sábio, e dar-lhe-ia ainda a companhia dum dos seus criados. Na cidade de provincia Mario prepararia a mala, passaria a noite, uma vez deixada a aldeia, e estaria de manhã na estação da cidade a esperar o comboio que conduziria Augusto do apeadeiro da aldeia a encontrar-se com êle, para prosseguirem juntos a viagem a caminho da Ulissea. Assim se combinaram. O sábio chamou o seu velho criado, dera-lhe as suas instruções. Falaram mais algo, até que esse serviçal regressa, dizendo que as ordens estão cumpridas. Despediram-se esses dois excentricos, com toda a afabilidade e cerimonia proprias. Descem as escadas. Augusto acompanha Mario até ao largo portão, onde o aguardava um criado montado numa mula, com o cavallo à redea que foi montado pelo poeta. Partiram Mario e o criado, ficando-se Augusto num adeus lançando os olhos outeiro abaixo, a ver desaparecer o jovem sob o luar formoso. Os dois saídos ocultam-se pelos casebres e o ansião encerra-se no casarão, no seu silencio.



A caminho

Um comboio que passa por serranias quantos volumes leva e quanta cargação de assuntos a resolver!

 e a partida se combinára, melhor se fizera. Mario aproveitou o oferecimento do cavalo, tornou á cidade, onde teve artes e maneiras de convencer aquella gente, os seus hospedeiros, de lhe permitirem ir por assunto urgente, que não desvendára, a Lisboa e depois regressaria. Èle lá compoz o ramallete airosamente, saindo-se sempre bem como de costume.

De manhã resfolgavam as valvulas duma locomotiva que se aproxima da cidade provinciana. Logo se juntam no salão do comboio essas duas criaturas exóticas, pois que á chegada já Augusto assumára a cabeça ve-

neranda a descortinar o poeta que na gare se despede dum amigo e trepa com a mala para o salão.

Atravessam serranias batidas pelo luar, ouvindo nas paragens das estações o tlim... tlim... das campas, quasi sem darem palavra um ao outro, aconchegados para um canto, no comboio em movimento.

Resolvem quebrar o silencio e falam animadamente.

Lá donde aonde a locomotiva na carreira vertiginosa entôa silvos, acordando os vales profundos, despovoados, cortados por rios brilhando.



Assunto duma viagem

Olha para ti, estuda-te a ti, que se te chegares a comprehender te divinizarás.



Esboçemos mais ou menos os temas que Augusto explanou a Mario no decurso da viagem, respeitantes a sciências ocultas.

Dentre o muito que desenvolveu, reputamos o seguinte, que mui laconicamente vai esboçado, e o leitor que se não interessar siga ao capitulo immediato.

O que é o desdobramento de personalidade ?

E' um facto que consiste em a consciencia sair de nós, abandonando o corpo adormecido ou em estado cataléptico, e ela, consciencia, revestida dum involucro subtil chamado *corpo astral*, viajar atravez o espaço,

presenciando e estudando acontecimentos cujo carácter lhe interessa e lhe desperta a curiosidade.

Que mais se pode fazer em corpo astral ?

Pode-se conviver com os desincarnados — a quem chamamos mortos — e com aqueles que dizemos estarem dormindo, que de facto também estão desincarnados, pois que o sono é irrimão da morte.

Quem adormece desperta depois de ter sonhado, embora se não lembre do que sonhou.

Como pode ligar-se o corpo astral ao corpo de carne ?

Sendo o *corpo astral* a sede das nossas sensações e emotividades, basta operar sobre a nossa carne para que não possa estar em quietação e tranquilidade necessárias para se efectuar o desdobraimento.

Como se faz uma saída em astral ?

Dum modo muito rude podemos dizer :

- 1.º Deitamo-nos comodamente e ficamos imóveis.
- 2.º Respiramos lenta e profundamente durante dez a sessenta minutos, com os membros absolutamente imóveis.
- 3.º Imaginamo-nos de subito no logar desejado.

Como nos deitamos comodamente

Procurando uma posição em que parte alguma do corpo se possa vir a maguar ou a incomodar-nos, sem que ruído algum subitamente ou continuado possa vir distrair-nos, em rigorosa imobilidade e com os olhos fechados.

Como respiramos lenta e profundamente

1.º Enchendo o peito d'ar pelo nariz com muita suavidade, sem que se oiça o menor ruído, sem que haja o menor esforço ou tremura.

2.º Conservando o peito cheio de ar durante o tempo permitido de exalar esse ar, sem que, contudo, se faça esforço para se manter o peito cheio, e tudo deve ser feito duma maneira natural.

3.º Vasando o peito, deixando sair o ar pelo nariz, mantendo a boca sempre fechada, lentamente, com muita regularidade e brandura até se sentir de novo vontade de inspirar.

Como nos imaginamos no lugar desejado?

Supondo-nos de subitamente, em pensamentos, transportados já ao lugar onde queremos ir, e não supondo que nos vamos transportar a êsse lugar. É preciso pensar como se a cousa estivesse já realizada e não como se ela se fosse realizar. Devemo-nos supôr logo lá (mas sem esforços, com doçura, e sem a menor contração do ros-

to), mantermos firmente esta ideia, e quanto mais nitida ela fôr, mais provavel ou facil é o desdobraimento.

Depois do tempo necessario de respirações, devemos supor que nos vamos desdobrar ?

Não. Quando depois de respirarmos algum tempo, nos começamos a sentir mui leves, como que feitos de fumo, é signal que o *corpo astral* se começa a desprender da carne, e então devemos imaginar-nos já desdobrados e no logar que queremos atingir.

O que é essa sciência ?

E' o conhecimento do cosmos, ou, por outras palavras, a sciência do absoluto ; como religião é a sciência comum a todas as religiões.

O que é absoluto ou cosmos ?

E' a totalidade das coisas existentes, ou seja a soma total dos sistemas planetários do firmamento mais o *eter* que os separa uns dos outros e as almas ou principios conscientes que nêle viajam.

O que é um sistema planetário ?

E' um sol (estrela) animado de movimento de rotação, que, mergulhado no *eter*, gera nêle um redemoinho ou turbilhão que arrasta um cortejo de mundos ou

planetas a trasladar em torno do astro central, e ao mesmo tempo faz os globos girarem em torno de si mesmos, mas com rotação contrária á do sol (estrela).

Onde está o éter ?

Está em toda a parte. E' um fluido imponderavel que enche os espaços interplanetários e que penetra toda a matéria e que ao mesmo tempo é a grande madre onde se gera toda a matéria.

E se não houvesse éter ?

Não haveria então o que conduzisse o calor do sol até á terra, nem a luz das estrelas (sois) até nós, não haveria vida na terra nem nos preocuparia o firmamento. E' êle, *eter*, que, vibrando, constitue o calor, a luz, as ondas hertezianas; é portanto o conductor da energia calorifica, luminosa, electromagnética, etc.

Por que é o éter imponderavel

Porque se o não fosse, pesando, seria atraído parte para os sois e parte para os planetas onde se acumularia, não podendo então existir nos espaços interplanetários e não podendo conduzir o calor e a luz até á terra.

Como foi criado o absoluto ?

O absoluto é incriado: pois que a soma total da energia (causa do movimento) existente é constante.

porque a quantidade total de substancia (aquilo que a energia move) é constante; porque a soma total de todo o pensamento existente é constante; e finalmente porque é constante a soma de três constantes, não podendo converter-se em zero também não pode ter vindo do zero ou nada.

Além do absoluto o que mais existe?

Nada. Porque sendo o absoluto a totalidade das coisas existentes, é tudo quanto existe. Nada pode pois para êle entrar nem dêle sair.

Os sistemas planetários são eternos pelo facto de ser eterno o seu conjunto ou cosmos?

Não. A matéria é mortal, desfaz-se lenta e continuamente em *éter* pelo phenomeno da radiação, também chamado radioactividade. A matéria nasce no *éter* e morre no *éter*, conforme num determinado ponto do *éter* o potencial energetico aumenta ou diminue.

O átomo é simples e indivisivel?

Não. E' uma enormissima quantidade de peões de *éter* animados dum movimento rapidissimo, que se atraem e repelem simultaneamente, de cujo equilibrio resulta a relativa estabilidade do átomo. O átomo desfaz-se em particulas radioactivas (electrões) e em energia sob a forma ondulatoria, que pode ser calorifica, luminosa, electromagnética, etc.

O éter é contínuo ou descontínuo ?

Em parte é descontínuo, porque é um agregado de electrões ou peões rotativos cujo movimento tem origem na energia acumulada no *éter* pela acção dos turbilhões que envolvem os sistemas planetários e que nestes têm origem pela sua rotação. Em parte o *éter* é contínuo, porque a transmissão da luz se faz sem interrupção dumas estrelas (sois) até ás outras com regular velocidade naquêle fluido, o que nos mostra que aquilo que vibra é contínuo ou se compõe de elementos, que rolando uns sobre os outros se tocam tangencialmente, o que é o mesmo que ser contínuo.

O que é a matéria ?

E' um reservatório de energia que o átomo encerra sob a forma de energia cinética, uma vez que os electrões giram sobre si mesmos com uma velocidade vertiginosa.

D'onde provem a matéria ?

Provem da agregação dos electrões ou piões de *éter* possível pela triade seguinte : Energia, substancia, conceito ou pensamento.

O que é a energia ?

E' tudo aquilo que pode produzir movimento ou alteração de movimento. A energia é uma só, embora se

nos apresenta em diferentes formas, tais como : mecânica, química, calorífica, luminosa, magnética, eléctrica, piquica.

O que é a substancia ?

E' o suporte de todo o fenómeno. E' aquilo que se move e sem o qual o movimento seria impossivel. Se a substancia não existisse não poderia existir a energia por não ter quem a suportasse ou contivesse.

O que é o conceito ou pensamento ?

E' a imagem nitidamente fixada na nossa mente, de qualquer coisa material ou imaterial que nós conhecemos. Exemplo : Um cavalo tem quatro patas. Uma coisa não pode existir e não existir ao mesmo tempo.

O que é o moto-contínuo ?

E' o estado dum maquinismo que se move por si mesmo, perpetuamente.

Como é possível o moto-contínuo ?

Ou reduzindo a zero a soma total das resistencias que tendem a fazer parar o maquinismo (hipótese absurda, porque as resistencias podem ser reduzidas ao minimo mas nunca a zero) ou considerando que uma das peças do maquinismo é um ser inteligente e consciente que pode chamar a si a energia perdida pelo

atrito das outras peças e que se dispersou para de novo a aplicar no bom andamento do maquinismo de que ele, ser consciente, faz parte.

Pode um maquinismo de movimento perpetuo ser infinito ?

Não. Porque é preciso que as forças que se dispersam e que não aparecem a agir encontrem um limite à sua dispersão expansiva, para o que se torna necessário que para além dum certo ponto no espaço não haja substancia que ao mover-se possa conduzir mais além energia.

Pode a energia existir por si só independente da substancia ?

Não. Porque para que haja movimento é preciso que haja uma coisa que se mova, e, por mui subtil que ela seja, é qualquer coisa em que se manifesta a força e o movimento, e que não pode ser com estes confundida.

Sem ser o absoluto pode haver outro maquinismo que se mova perpetuamente ?

Não. Qualquer outro maquinismo estaria dentro do absoluto e não podia ser completamente separado do resto do absoluto, e então este maquinismo perdia constantemente energia para o meio envolvente e terminaria por se extinguir para sempre.

Pode o homem ser relojoeiro reparador do Cosmos ?

Pode. O homem é uma síntese de todo o absoluto. É o microcosmos, pelo qual se reproduzem os sistemas planetários, pelo qual o absoluto renasce de si próprio eternamente. Sim, as humanidades que se desenvolvem nos sistemas e que pela ascense do espirito compreendem as leis gerais que regem o absoluto, saem um dia para o firmamento, em cadeia, e são a semente que ha de dar novo sistema planetário análogo aquele de onde saíram.

Como podem as humanidades viver no fogo ?

Em espirito, porque as almas não podem arder, porque só arde a matéria e as almas são imateriais.

Então o sol tem habitantes ?

Sim. São almas ou espiritos que povôam a melhor região do nosso sistema, porque é lá que é menor o grau de materialidade e, portanto, é lá que as almas gosam mais liberdade, pois não estão sufocadas pela matéria escura e fria como na terra.

Qual é a causa da organização da matéria e do encadeiamento sucessivo das espécies animais ?

É a sede da libertação das almas que se acham sufocadas cada vez mais com a densidade sempre cres-

cente da matéria que arrefece constantemente nos globos ou planetas.

Qual é a causa do sentimento religioso ?

E' a saudade semi-consciente dum bem estar longinquo que as almas gosaram e esqueceram já, mas que ainda as atrai sem que elas, agora sufocadas e cegadas pela matéria, a possam reconhecer facilmente. As almas agora presas na matéria procuram libertar-se dela, embora em epocas passadas, saciadas de gosar o nirvana, chamassem a si a missão de reproduzir o sistema planetário em que se encontravam e tivessem abandonado este, para ir constituir para o espaço um germen do nosso sistema em que vivemos.

Quantas especies ha de almas ?

Ha três. As que querem chamar a si a missão de reproduzir o sistema em que vivem — são os pensadores budistas; as que querem destruir a matéria do planeta em que habitam, annunciando a ressurreição da carne, que se faz pela vertiginosa reversibilidade dos fenómenos da evolução desse globo em que vivem e que se desfaz então em luz, libertando as almas lá encerradas; as que não sabem da existencia daquelas duas especies e que por inocencia ingênita se deixam arrastar por umas ou por outras, ou ainda que sabendo das vontades dos grandes pensadores se negam a auxiliá-los e, pelo contrário, pegam em armas contra eles. Es-

tas ultimas são as arrancadas pelos *maçons*, os quais espalham o cepticismo e o vicio para desviarem as almas dos seus destinos sagrados.

O que é o Sat?

E' uma substancia *una* e indivisivel, imponderavel, que tudo trespassa e que se encontra por isso em toda a parte.

E' êle que, vibrando, transmite e que, por vibrações especiais, arquiva e conserva em si a sciencia total, que assim paira sobre nós constantemente.

Como nos tomamos sensiveis ao Sat?

Usando uma rigorosa higiene no corpo, vivendo o mais possivel em contacto com a natureza, comendo alimentos em que não entrem componentes animais, passando o maior tempo possivel deitado, respirando lentamente e com muita serenidade, enchendo de cada vez o peito com tanto ar quanto possivel, sem que, contudo, haja esforço ou a menor tremura. A respiração é feita sem ruido algum e mantendo os membros numa imobilidade absoluta, os olhos fechados e a cabeça imovel.

O que se aprende no Sat?

Aprende-se que a alma é imortal na quasi totalidade dos casos, mas que pode ser mortal quando um indi-

viduo que nunca teve uma aspiração nobre, por pouco elevada que fosse, morre com a íntima convicção de que vai cair no nada, que a sua alma é tão mortal como o corpo.

**Pode exemplificar-se entre nós a acção
duma força ideo-plástica ?**

Pode. O operário com o trabalho manual e braçal atinge sempre um certo desenvolvimento muscular. Mas se êle trabalha em frente dum grande espelho contemplando o jogo dos seus musculos em acção de contraírem-se e distenderem-se, com a vontade forte de obter uma musculatura bela e bem desenhada, o operário consegue um desenvolvimento que não atingiria noutro caso.

Então o pensamento é uma força ?

E'. E' a mais poderosa força do universo e é por ela que os astros se formam, giram e gravitam no espaço, porque todo o fenómeno é a realização dum conceito no absoluto.

Tendem os nossos pensamentos a concretisar-se ?

Sim. Pensar é criar formas de materia tenuissima, mas de materia, embora impalpavel e invisivel aos dedos e aos olhos da carne. E essa tendencia á concretisação ou materialisação é tanto maior quanto maior

fôr a intensidade de pensamento empregada naquela operação.

Então uma alma pode materializar-se ?

Sim e não. Sim, porque é pela objectivação do mundo das lembranças, vivido anteriormente e que a alma tem presente, que se formam as nebulosas, ovos de sistema planetário, e que se organiza a matéria arrefecida dos mundos do mesmo sistema. Não, porque a alma noutras condições não pode revestir-se de matéria real e concreta, bem que possa aparecer a muitas léguas de distancia do logar onde deixou o corpo frio e em letargia em um *corpo de ilusão* que se intensifica aparentemente com o de carne, verdadeiro.

O que é o Corpo de ilusão ?

E' uma ilusão com um fundo de verdade. A alma, que é aquilo que em nós pensa, vê-se e sente-se sempre da mesma forma e com o mesmo aspecto, que depende é claro do corpo e do vestuário. Pensando que se encontra junto dum amigo, o *richi* ou *arahat* ou diremos o Santo Antonio, deixam o corpo que cai em letargia e encontram-se imediatamente junto de qualquer amigo (não importa a que distancia se encontre) e a pessoa visitada tem a ilusão completa que é o amigo em carne e osso que ali se encontra junto dêle, mas é somente o seu *ego*, *espirito* ou *alma* que ali está, tendo deixado o corpo em que vive como que morto, em sincope.

Mas como é possível o espirito parecer como sendo de carne e poder abraçar-se e sentir-se vivo e bem presente?

E' um *ego* desincarnado, sente-se e vê-se a si próprio em carne e osso como antes, porque o que em nós conhece não é a carne, mas sim o nosso *eu*, que conserva a lembrança ou impressão na sua memória de todas as sensações visuais, auditivas e tacteis e olfactivas, que coincidem com certas volições ou actos.

Assim o *ego* desincarnado, apalpando-se sente-se, pelo facto simples de que se sentia quando preso ainda à carne. Se um *ego* desincarnado dum amigo já morto — isto afirma o sábio ao poeta — me der a mão como costumava dar em vivo, sente logo a minha mão como a costumava sentir em vida, porque se repetiu um acto ou volição que terá a mesma sensação final por inercia de espirito ou por correlação entre o mundo intelectual e o mundo dos sentidos.

Então um morto como sabe que está morto?

Porque vê as outras pessoas em roda dum corpo igual ao seu que está num caixão, mas que êle reconhece ser apenas uma aparição ou ilusão sua e dos outros, pois que êle sente bem a sua roupa e os seus membros ao apalpá-los e acha-se tal e qual como antes.

**Mas como é possível uma pessoa ver e sentir
um espirito
como se este fosse de carne e osso ?**

E' que ha uma ligação entre o corpo e a alma, de modo que o que a alma vê e sente, o individuo vê e sente tambem, tendo a impressão illusória que vê com os olhos e sente com os dedos. E' um erro. A alma é que vê e sente servindo-se do sistema nervoso, que por sua vez se serve dos olhos e dos dedos. Expulse-se a alma do corpo pela electro-concusão, anestesia, ou mesmerismo, e o corpo sem alma não sentirá.

Então o que é, no fim de contas, a alma?

E' aquilo que em nós pensa, sente e quer. E' o nosso *eu*, o *ego*, que viaja quando sonhamos, que se incarna no corpo da criança que nasce e que quando o corpo é velho, está gasto, sai d'ele (saida a que chamamos morte), para, passados anos, entrar em outro corpo de criança. A alma é uma intelligencia, uma sensibilidade e uma vontade intimamente ligadas entre si, mantendo estreita interdependencia.

**O que diriamos dum homem que desprezando a alma
só tratasse
do desenvolvimento e ensernação do corpo ?**

O mesmo que diriamos daquele que só tratasse da limpeza e apuro do fato e do calçado, não lavando nunca as mãos nem a cara, nem tomando nunca banho.

O que são os nossos pensamentos?

São coisas, seres concretos, criaturas criadas por nós de matéria impalpável como o mais subtil fumo e que se agitam com vida própria que nós lhe insuflamos. Os mundos nos nossos sonhos não são fantasias nossas, os produtos de nossa imaginação não são ôcas quiméras, pelo contrário, são bem reais e objectivos, embora nós não possamos vê-los e apalpá-los com os olhos e dedos de carne. O que é imponderável, praticamente comparado com a pedra e com o ferro no estado em que actualmente os conhecemos, — nem por isso deixa de ser menos fisico, real e objectivo, embora a nossa mente só possa dêle ter conhecimento (no nosso estado de evolução humana) duma forma que é a da ideiação.

O que são os nossos sonhos?

Os nossos sonhos têm origens várias.

a) São como que um produto do nosso trabalho diário que continua mais ou menos imperfeitamente no nosso cérebro por inércia da matéria que tende a manter a continuidade dos movimentos moleculares, atômicos, que acompanham sempre os fenómenos da vida psíquica na carne e que determinam assim certos estados de quimismo cerebral iguais aos que teriam lugar se a alma lá estivesse no corpo a animá-lo.

b) São nitidas visões contemplativas ou vividas de scenas passadas a distancia no *mundo astral*, mundo

dos mortos de temperamento emocional, ou ainda no *mundo mental*, mundo em que vivem os mortos de temperamento intelectual, visões que ficam tão nitidamente impressas na nossa consciencia, que a inercia da matéria, nossa carne, não consegue apagar quando o *ego* reentra no corpo. Muitas vezes acontece que tendo-se presenciado várias scenas e observado vários logares, ha uns certos momentos em que umas impressões sendo mais vivas se nos gravam mais fortemente na alma e que sendo, portanto, quadros mais vivos se mantêm na nossa memória porque podem vencer a inercia da carne ao acordar ou reincarnar, enquanto os outros quadros menos fortemente fixados pela nossa mente se apagam, ficando-nos de tudo isto, então, uma serie de quadros pertencentes a várias scenas muito certas, mas que ligados uns aos outros formam um sonho absurdo e disparatado, pela mesma resistencia que o cérebro opõe ao recommear os fenómenos de vigilia.

c) São, finalmente, repercussões na carne do nosso cérebro de fenómenos reais ou quadros de cinema passados a distancia, que se reflectem na matéria que aloja a nossa mente e que assim provocam certos estados químico-dinamicos das células cerebrais, cuja inercia falando á nossa alma que reentra no corpo ao despertar, nos dá, a impressão de termos sonhado, quando o sonho não foi nosso e sim da carne. De facto a alma não presenciou tais factos ou acontecimentos, porque estava ausente do corpo, mas ao reentrar nêle deu-nos a ilusão de que somos vítimas ao despertar.

O que é o pensamento ?

É uma força que explode na mente humana sob a forma de vibrações que saem esféricas e concentricas para todos os lados, como succede com o som, com a luz e com as ondas hertezianas.

Cada ideia tem uma vibração típica ?

Sim. Cada ideia é uma vibração com uma certa amplitude de comprimento de onda e rapidez, e ao tocar outro cérebro humano faz-lhe logo aparecer uma ideia igual.

Então o que é uma ideia ?

É como que uma moeda de duas faces. Por um lado ela, ideia, sendo uma sensação percebida pelo intelecto, é um ser subjectivo porque reside fóra de nós.

Qual é a origem da ideia ?

A ideia provem sempre dum producto de dois factores: um é a nossa actividade psiquica, outro é o oceano de vibrações intellectuais em que vivemos mergulhados.

Então a sciencia e a arte existem no espaço sob a fórmula de substancia vibratória ?

São uma faca com dois gumes: o do bem e o do mal. A iniciação nêles tanto nos conduz á verdade e ao bem como ao mal e á mentira.

Quantas especies ha de mistérios?

Ha três. Mistérios de Satanaz, mistérios de Deus e mistérios do Homem.

Onde é a iniciação desses mistérios?

Em associações secréas, que mantêm reconditos os seus segredos, sempre occultos aos olhos do publico de geração em geração, e que os comunicam só mediante juramento de morte para que nada seja conhecido no mundo exterior.

Quem lançou a corrupção no mundo cristão?

Foram as sociedades secréas com os seus mistérios não cristãos. Porque os mistérios cristãos sómente se esforçam por conservar a pureza de costumes e de caractéres que são a base e a força da cristandade.

O que é o partido branco?

E' o partido de Satanaz.

Quem é Satanaz?

E' o pai do sol e das estrelas. E' o pai dos sistemas planetários, de cuja evolução saem depois os sistemas mundos, cujo centros são as estrelas, as quais são sois como o nosso sol.

Então Satanaz é o pai da matéria?

Sim. Satanaz é um poder materializado do *éter*. É ele que forma as nebuloses, envolvendo nelas as almas humanas, as quais se sentem sufocadas na matéria escura e fria, e é então que a matéria se começa a desorganizar para chegar a produzir as humanidades, em que as almas se libertam da matéria, quando se cumprir um dos seus destinos finais, o cristão.

O que é o partido negro?

É o partido de Deus.

Quem é Deus?

Deus é o libertador ou Redentor das almas, porque destruindo a matéria dos mundos pela Ressurreição opera a sua explosão em Luz, eterisando-os, e solta assim as almas que existiam nas trevas. Deus é o pai das «falsas estrelas» ou planetas que se incendeiam numa rápida e vertiginosa reversibilidade de fenómenos da evolução, e que são observados pelos astrónomos.

O que é uma falsa estrela?

É um planeta ou mundo de outro sistema planetário, que de subito explode, se incendeia e se converte em uma estrela, que aparece nas longínquas paragens inter-estrelares, e que é ao principio

vermelho rubro, depois se aclareia e empalidece, se alastra em nebulose e se reduz a *éter* finalmente, tudo dentro de vinte a vinte e cinco dias.

O que é o partido vermelho?

E' o que se recusa servir a Deus e a Satanaz e, para ter apoio, ilude o povo com a mortalidade da alma e com os mistérios da ilusão.

O que são os mistérios da ilusão?

São mistérios dos filhos da terra, que também se chamam filhos da *viuva* (que era esposa do Céu).

No que consistem os mistérios da ilusão?

Consistem numa série de operações exercidas sobre o iniciado, por intermédio do seu *corpo astral* e que pela ligação que este tem com o *corpo mental* lhe provocam uma série de visões correspondentes a projecções de cinema, ou uma série de ilusões auditivas de fenómenos sonóros que se passam em outro lugar e que o iniciado julga terem uma origem invisível junto de si.

Qual é o fim dos mistérios de ilusão?

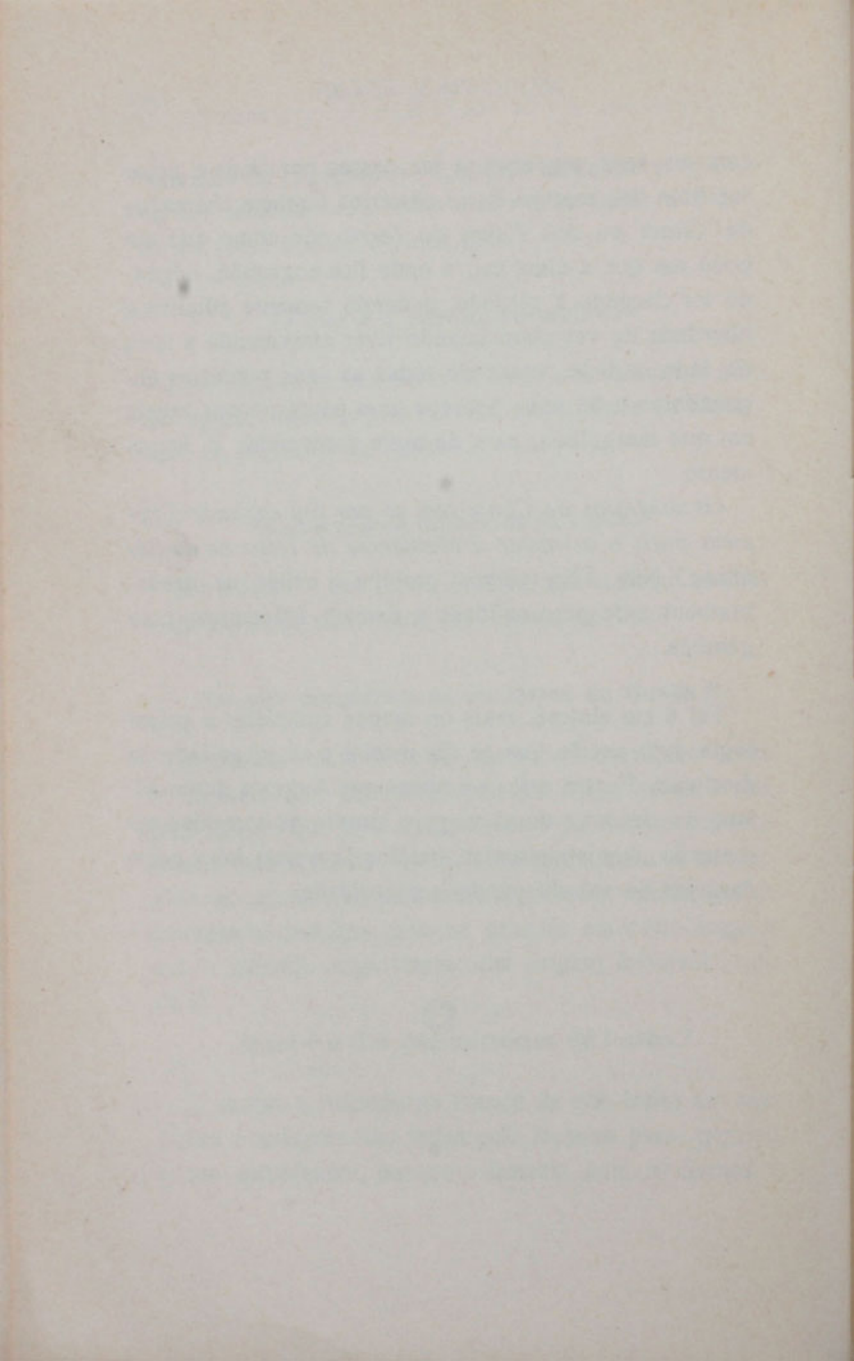
E' lançar o iniciado na crença de que todas as aparições e milagres são feitas pelo homem para enganar o seu semelhante, porque o homem com a ciencia e

com os seus segredos se faz passar por Deus e pelos espiritos dos mortos. Estes mistérios também chamados de *Cham* ou dos *Filhos da Terra*, são como que um poço em que a alma cai, e onde fica enganada, julgando ter chegado á verdade, podendo somente adquirir a liberdade de ver claro quando tiver atravessado a terra de lado a lado, vencendo todas as suas potencias enganadoras e de novo aparece num ponto oposto áquele em que mergulhou, para de novo contemplar o firmamento.

Os mistérios de Cham têm só por fim enganar o homem para o arrancar á obediencia de Deus ou de Satanaz? Não. Têm também por fim o evitar os desdobramentos de personalidade e demais fenomenos congêneres.


Tal é em síntese, mais ou menos completa, a psicologia dum ancião que se diz mestre e se vê ao lado do discípulo. Foram estes os temas que Augusto desenvolveu no decorrer duma viagem através as serranias ostentando rios alvinitentes, batidos já a esta hora pelos dardejos do sol chispando luminosidade.





Dois exóticos saem dum hotel

*Os presentimentos das almas
muitas vezes são visões concretas.*

ma vez jantados, uma vez feita a *toilette*, Mario e Augusto resolveram subir a avenida e dirigir-se ás avenidas novas. Lá vão aquelas duas figuras: Mestre e discípulo. Apoz a caminhada lenta e quasi muda, veem-se junto do palácio da condessa. As janelas estão cerradas. Uma indecisão se apossa de Mario. Porém, Augusto, o Augusto polido, não o louco mas o homem de sociedade, toma o porte de médico e lembra a Mario que não receie bater á porta, entrar a escada quando leva em companhia um individuo de sua profissão. Diz isto tão convictamente, que Mario como um autómato chega ao portão, acompanhado de Augusto, e decididamente carrega o botão da campainha. Vem uma criada abrir a porta, e logo que vê Mario, não cabe em si de jubilo e atenções.

Criada

Oh! Inda bem que veio! embora em tão má hora, senhor! Morreu a Miss. A Mimi chora, chora... Entre, entre a ver se a anima...

(Ambos, Augusto e Mario, sentem uma comoção violenta e não se sabe por quê, a de Augusto parece maior! comoção que lhes oprime a voz. Entreolham-se num sinal de intelligencia e deixam como que pender a cabeça para o peito sob o peso da consternação).

Mario *(diz para si, não podendo disfarçar o grito de dor)*

E' morta, morta!

Augusto

Deus

a haja nos céos!

Criada

Sim, Deus a tenha nos céos!

Mas fazem-me favor d'entrar.

Augusto *(a Mario)*

Entremos pois.

Criada *(a Mario)*

Vou chamar a menina. Entrem p'ra a sala os dois.

Entram êles para a sala. Os olhos de Mario brilham agora mais, porque fluctuam num meio aquoso ou de lagrimas. quedam-se como estátuas, havendo entre êles

apenas um entendimento mudo que significa muito. O descrever a sala neste momento é indizível, inefável. Os quadros de pintura, expostos na parede, tomam um aspecto magico, funambulesco, e a voz do silencio fala á alma, descrevendo o alem-tumulo. Finalmente Mimi, acompanhada de sua mãe, a Condessa, entram na sala. Mimi traz os olhos lacrimosos, a Condessa os olhos pisados de fadiga. E quando Mimi vê Mario, a dor que lhe era tamanha quasi se dissipa por um momento! num mesclado de sofrimento e de alegria pelo ver ali, deixa cair um rosario de lagrimas, cintilando esplendor, e abraça-o.

Mimi

Mario ! Mario ! Mamã !

(Os olhos do poeta marejam-se tambem ao sentir o arfar do peito e a tremura da mão de sua amada, e de seguida, a condessa num aperto de mão a Mario, ao cumprimento acrescenta) :

Condessa

Em má ocasião

voltou a nossa casa.

Mario

Oh ! senhora, perdão,
mas eu se vim aqui foi com um meu amigo...

(Indicando Augusto)

Augusto *(respeitosamente e curvando se)*

Sou um médico... sim, trouxera-me consigo

a curar uma doente... e se me dá licença,
visto que ela morreu, aqui minha presença...

Condessa

Ficai-vos, por favor. Como somos sózinhas,
sem termos companhia...

Mimi (*nervosa e dolorosa*)

Ah! Mario, se não vinhas...

Condessa (*a Mario*)

Eu pedia o favor de dar-me auxilio nisto.

Mimi

Mario veio do céu!

Condessa

Louvai a Jesus Cristo!
Vestimos-lhe a mortalha ha pouco. A desgraçada!

Augusto

Senhora, descançai.

Mario

Está amortalhada!

Condessa

Se a quizerem ir ver...

Augusto

Pois não, minha senhora.

(E encaminham-se para o quarto mortuário. Mimi amparada por Mario, pendendo a frente quasi sobre os omôros d'ele, segue o doutor que vai á frente com sua mãe.)

Mimi

Mario!

Mario

Minha Mimi!

Mimi

E o que fazer agora?

(Seguem todos silenciosamente. Abre-se a porta do quarto da Miss, e eil-a na cama, amortalhada, esperando o caixão e como que sorrindo para o mundo.)

Augusto *(entrando)*

Louvado Deus! Coitada!

(Mario olhando a morta, leva o lenço aos olhos, com receio, por vergonha, que lhe venha alguma lágrima furtiva.)

Mario *(para si)*

Ela! oh!... quem a via d'antes!

(Mimi senta-se á cabeceira da morta, no sitio em que costumava velar, e fica-se lacrimosa como um anjo!)

Condessa *(a Augusto)*

Ainda tem aqui as jóias, os brilhantes.

Vou guardá-las. Quer ver? Ha algo de valor.

Augusto

Sim, é melhor guardar.

(Vendo as joias na mão da Condessa, que as tirára de sobre a toilette.)

Mas... 'spere. Por favor mostre-me esse colar.

(Olha o colar e reconhece-o logo, soltaudo um grito.)

Ai! E' a minha filha.

O colar! o colar!

Mario *(horrorisado)*

O quê?!...

Augusto

Oh! minha filha!

Mimi

Mas o que sinto eu?

Augusto

Sim, é a minha filha.

(Cai sobre o cadaver, apalpa-o, revolve-o num estertor profundo d'amor de pai. Rasga-lhe a mortalha, louco, e torna a reconhece-la por um sinal nas costas.)

E' ela! é ela! Ah...! Ela, a minha pobre filha!

(Àqueles gritos de dor, aquela ansia dum pai, sufoca todos num espasmo, e Mario, como que caído no vazio, olha Augusto mecanicamente enquanto este agar-

rado á filha a revolve, em soluços, em exclamações lancinantes, e, extenuado, ainda diz dolorosamente :)

Oh!... minha filha...! Filha...! Onde está tua mãe?
Pois tu andaste assim?! Não tiveste ninguém!

(E enquanto vai despejando aquele pranto em cata-dupas, com soluços entre vozes, Mimi gentilmente carinhosa, de choro convulsivo, cai nos peitos de sua mãe)

Mimi

Mamã! é o seu pai.

Condessa *(aflicta lembrando-se de ser uma mãe)*

Ah! ninguém o conforta!

(Consolando um pai)

Senhor! Senhor!

Augusto *(berrando)*

E' ela! é ela!... oh...! Morta! Morta!

Mimi *(olhando Mario, caindo lhe nos braços, entregando-se de todo)*

Mario! és meu.

Mario *(amparando-a)*

Meu amor! meu amor! eu não sei...

Mimi

Sou tua, Mario, e és meu. *(Entrelaçada a Mario)*
Foi o unico que amei.

*(Mimi entrega-se de todo a Mario, e a sua mãe, con-
doida. protege-os, abençoa-os com um olhar cheio de
religiosidade. O sábio não se farta de soluçar, de cho-
rar, de reconhecer, de rasgar a mortalha num transe
de loucura, na dôr dum pai que vê a filha morta. Ex-
tenuado, ergue-se, agita-se num respirar opresso, olha
Mario enlaçado na noiva e rebentam-lhe as lagrimas
em rios novamente, duma maneira mais copiosa. O tran-
se é doloroso, demorado. Finalmente, cobrando uns se-
gundos de animo, agradece reconhecidamente por ex-
clamações, o amor com que fôra tratada a sua filha,
a voz que sentira no intimo, quasi a clarividencia inex-
plicavel que o empurrava por uma força extranha para
vir até Lisboa; e voltando-se para aqueles dois entes,
unidos porquê se amam, porque se estremecem, diz :)*

Augusto

Ai, mas que sinto eu? *(Como com um ataque em gritos)*

Amparem-me, socorro!

(Tentando erguer-se).

Meu Deus! mas eu não posso. Amparai-me, que eu morro.

*(E assim Augusto continua o delirio extenuante so-
bre o cadaver da filha, gemendo de dor, asfixiado de
pranto, enquanto os presentes se sentem oprimidos de
espasmo e sentir, emudecidos e lacrimejando copiosa-
mente.)*

Uma finalidade

Todos nós temos um acto na vida que se envolve em mistério se o procurarmos desvendar.

Pela noite adiante, velando, Augusto conta parte da sua vida, não esquecendo explicar a seu modo quem era o mendigo misterioso apparecido, tomado na casa da Condessa por mera coincidência, por mero acaso, de algum pobresinho que Mario protejera e que êle, mendigo, se servira daquelle expediente para angariar uma esmola, e uma vez que vira a Miss doente não recebera essa esmola por sentir-se mais alimentado por uma sentimentalidade extranha do que por sentir a sua pobreza.

Eis o que se passou.

Ha hoje quem conte que a história foi uma mera coincidência, mas tambem ha quem afirme — e Mario é um dêles — que aquella figura era movida e criada

pelo ocultismo, pois que Mario não deu recado algum a qualquer mendigo, e que não seria facil as pessoas da casa se suggestionarem ao mesmo tempo por uma aparição, sem que uma grande força actuasse. A opinião do sábio era desnecessario pedi-la porque ela vai expressa na sua doutrina. Seria a sugestão provocada por algum delirio da Miss recordando e dizendo ouvir bater á porta aquele velho marinheiro, seu pai adoptivo, que a educára e que espiritos fracos pareceriam ver?

Eis a verdade. Eis o que se passou.



Epilogo

Uma vida que acaba, outra começa.

I



Mario casou com Mimi e vivem hodiernamente na nossa melhor sociedade, entre mil felicidades. Quem os vê passar ridentes, não julga de certo na sua vida uma passagem trágica. E contudo desse trágico lhes nasceu a felicidade. Logo apoz o casamento, Mario foi ver a sua aldeia, onde tinha a mãe já velhinha, que o recebeu com muita ternura e muitos sorrisos molhados de lagrimas de contentamento, tomando no seio a nora como um anjo. Tempos depois foram os recém-casados visitar a aldeia do sábio e encontraram-no com os pés para o tumulto, recebendo-os como filhos.

II

Lançai, leitores, sobre duas campas, de pai e filha, montões de flores ! O sábio não sobreviveu anos ao choque recebido pela morte da filha estremecida e ignorada. Jazem ambos. Paz ás suas almas !

III

Morrera Augusto. Abrira-se o testamento. Augusto deixava tudo que possuía a asilos, misericórdia e pobreza da terra, salvo uma copiosa biblioteca que legava a Mario, seu discipulo. O sábio legára assim tudo integralmente a institutos de caridade, não fazendo como outros ricos que só cuidam da familia, pouco lhes importando a desgraça alheia.

IV

E quem era essa mulher, a mulher de Augusto, essa fidalga arruinada de salões de Paris, mãe de Elisabeth (a pobre Miss) ? Para onde havia ido ? Essa mulher, essa esposa procedera como uma amante de Augusto, porque, por outro homem, com quem fugiu para Londres, deixa uma carta a seu marido, uma vergonha ! Seguia esse segundo amante aventureiro lá pela terra londrina, ai vivera e ai acabára uma vida cheia de desgostos e remorsos. A historia de sua filha Elisabeth, resume-se em duas palavras. E' uma historia que devem lembrar todas as mães, á noite, á lareira.

O aventureiro, apoz aquella fidalga arruinada e adultera fechar os olhos ao mundo, corrompida pelos remorsos e em parte pelos maus tratos que do aventureiro recebia, o aventureiro compra um malfeitor e encarrega-o de levar a criança (a Miss) para a beira-rio com um colar ao pescoço debaixo de roupas, colar que assim não podia ser visto e serviria para pagar a alguma alma generosa que recolhesse a criancinha ou de boa obra que lhe fizesse, salvando-a da morte. Fôra assim posta aquella joia que pagaria a um salvador, que certamente se seduziria ! e o caso passaria estranho aos tribunais, remunerando assim o seu desquite. Mais uma criança abandonada ! Mais um exposto ! que importa isso para um aventureiro, para um malfeitor !

O colar, que ainda hoje existe, tem uma cruz de brilhantes, a cruz duma pobre Miss !

Talvez que o aventureiro, sendo rico, quizera ter a generosidade de ceder ao destino o colar, talvez que uma mãe na agonia fizera um unico pedido ao amante de lhe respeitar as joias duma filha, só isso que fosse, talvez... (sabemos lá!) o destino tem tantos caprichos ! O certo é que o aventureiro poz o colar ao pescoço da criancinha, esse celebre colar que denunciou uma tragedia, sendo de presumir que a intenção fôra a de seduzir e pagar a quem livrasse a criança da morte, para não adicionar mais um remorso. Foi o seu unico gesto de sentimento neste drama.

A criança foi encontrada por um misero pescador, aquele que a mandára educar num collegio de Londres e que cia abandonára, aquele segundo pai que espres-

mia nas mãos tremulas os ultimos cobres na educação duma perfilhada ! Aquele marinheiro, aquele homem honrado que a aconchegou a si, dizendo-se e passando por pai, e ela, tão ingrata ! -- inexperiencia do mundo ! — assim abandonava aquele que lhe respeitára sempre o colar, aquele que fôra um pai ! entregava-se seduzida ao mundo ! Pobre criança ! Pobre Elisabeth ! que a terra pese menos sobre ti, que ela te seja leve !

Havia em ti talvez reminiscencias hereditárias de tua mãe, mas tambem havia a grande generosidade d aquele pai !

Eis o ultimo desenlace neste «Fogo nas Cinzas», que no apagado ainda vive, ainda brilha com Mario e a sua querida, entesinho cheio de bondade.



Conclusão

Na vida pouco se conhece, nada acaba, o que se conhece é o arrumo da bagagem para outra viagem.

Este livro, esta novela pode ter o que quer que seja de fantastico, mas a fantasia que se possa deduzir, o leitor materialista de bôa-fé chamar-lhe-á acasos ou coincidencias, e apesar disso são a realidade,

Foi exactamente por haver algumas coincidencias que se escreveu esta obra, e ai está ainda vivo Mario, que não deixa mentir, podendo-o atestar.

A explicação da coincidencia do mendigo aparecer em casa de Mimi, pela forma descrita, poderia ser um acaso de que Augusto se servira no relato para fazer acreditar o seu estudo; mas tal não pode ser porque

Mario confirma-o, garantindo que o sabio era um mago, e que tinha esse poder de sair em *mayavie-rupa*.

Não se discute a veracidade ou inverosimilhança de casos tão extranhos, apresenta-se uma novela talqualmente as testemunhas oculares citam.

Pelo facto de Mario passar pela aldeia portuguesa onde estava o pai duma criatura que viera perdida de Londres, e depois coincidirem os desenlaces restantes e descritos, vem a explicação do motivo de se escrever esta obra. São coincidencias na vida que aparecem de longe em longe e que vivem em cada um de nós.

E porque esta novela tem acasos e coincidencias, surgiu uma novela simples que conta o modo como tudo se passou.

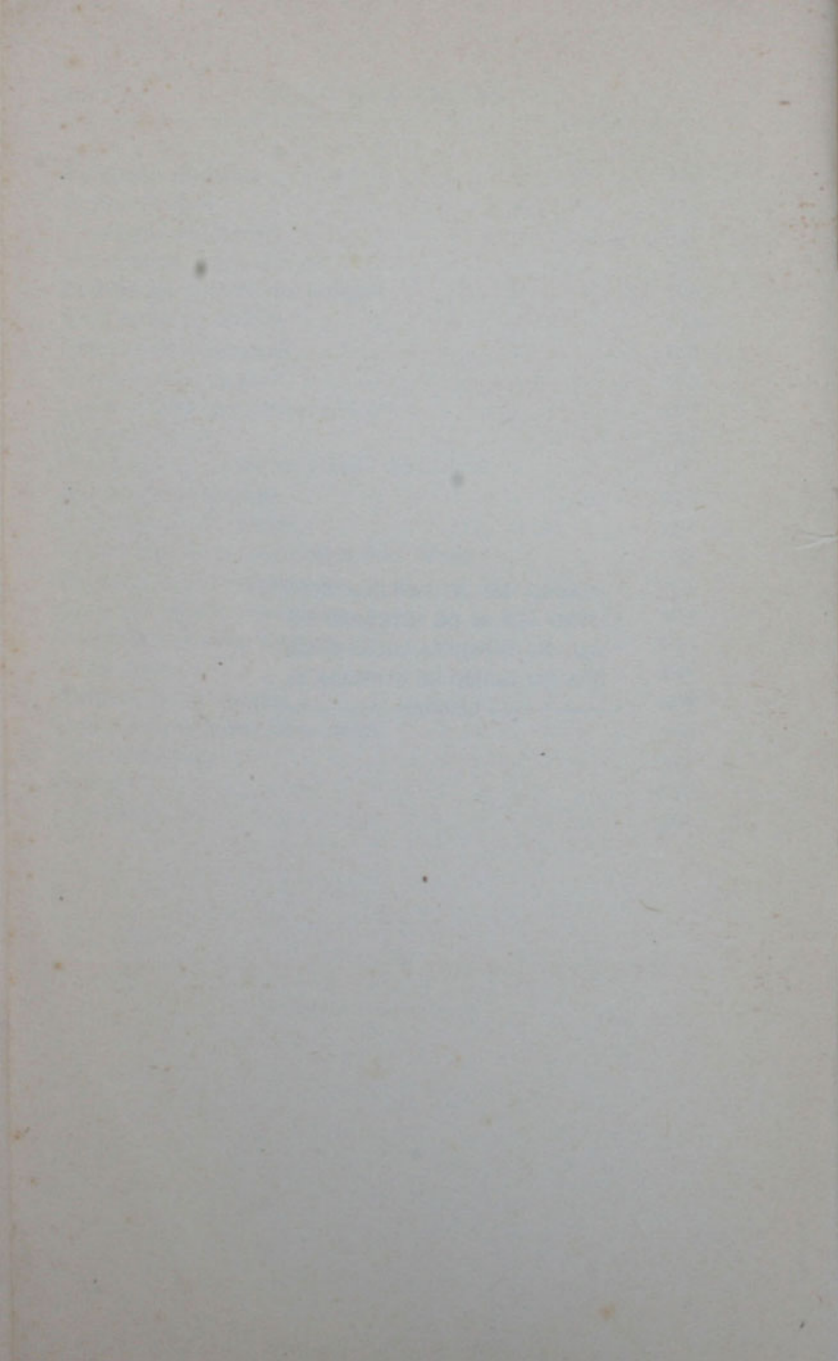


INDICE

	Page.
Introdução	1
Um retrato	5
Influencia do meio	11
Nos longes	17
Paisagem simples	21
Um encontro.	27
Horas que passam	41
Paisagens exterior e intima	45
Chegada á aldeia	51
Buscando novas	59
Na cidade.	67
Na estalagem	87
Subjectividade d'uma noite	105
Um doutor	109
Junto d'um Sabio ou Doido?	119
Meia noite	127
Divagando	135
Toada da noite	137
Augusto recolhe a casa	139
Nas azas da musica.	141
Aos primeiros alvares	143
A vida na aldeia	145

Paisagem intestinal	149
Erguer do Sol	153
Psicologia de Mario.	157
Um doente e uma amiga	167
Dialogo de duas rivais amigas	169
Meia tarde na aldeia	175
Prismas de paisagens	179
Vivenda dum doutor	185
Um estranho que procura outro	187
Fazendo horas	191
O declinar da tarde na cidade de Lisboa	197
Numa casa solarenga	205
O que pensa um Doido.	231
Apoz o estudo da psicologia dum Sábio	247
Penumbbras dos crepusculos	251
Apoz um estado cataléptico	263
Preparativos para viagem.	277
A caminho	283
Assunto duma viagem	285
Dois exóticos saem dum hotel	309
Uma finalidade	317
Epilogo	319
Conclusão.	323

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTE
LIVRO AOS 30 DE SETEMBRO DE
1931, NA IMPRENSA LUCAS & C.^o,
RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 61
—— LISBOA ——



ERRATAS

Paginas	Linhas	Onde se lê	Deve ler-se
25	5	afoute	afouto
53	14	vivem	vivam
53, 55 e 87	20, 2, 3	caseirão	casarão
86	10	diz ;	diz :
154	14	lógica	logica
163	5	desenvolve-la	desenvolve-la-a
197	2	vós	vos
243	29	raios X	raios — X
249 e 269	12, 2	E	I
273	10	digo	diga





EDIÇÃO DO AUCTOR ■ LISBOA .